



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH
LINHA: CULTURA, PODER E IDENTIDADES

VICTOR RAFAEL LIMEIRA DA SILVA

ALFRED RUSSEL WALLACE E OS MUNDOS AMAZÔNICOS: o natural e o humano no contexto das Ciências Naturais oitocentistas (1848-1852)

CAMPINA GRANDE - PB

Abril/2015

VICTOR RAFAEL LIMEIRA DA SILVA

ALFRED RUSSEL WALLACE E OS MUNDOS AMAZÔNICOS: o natural e o humano no contexto das Ciências Naturais oitocentistas (1848-1852)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (PPGH/UFCG), na linha de pesquisa Cultura, Poder e Identidades, como requisito final para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Drº José Otávio Aguiar

CAMPINA GRANDE – PB

Abril/2015

ALFRED RUSSEL WALLACE E OS MUNDOS AMAZÔNICOS: o natural e o humano no contexto das Ciências Naturais oitocentistas (1848-1852)

Banca Examinadora

A handwritten signature in blue ink, reading "José Otávio Aguiar (orientador)". The signature is written in a cursive style.

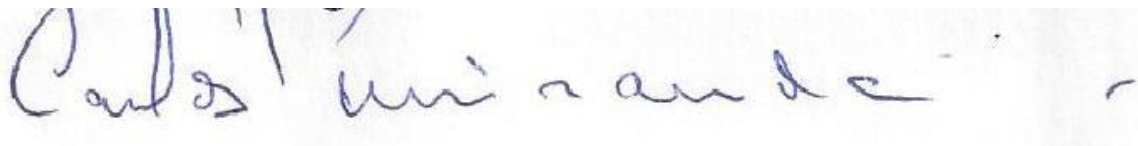
Prof. Dr. José Otávio Aguiar - PPGH/UFCG

(Orientador)

A handwritten signature in blue ink, reading "Edson Hely Silva". The signature is written in a cursive style.

Prof. Dr. Edson Hely Silva - PPGH/UFCG

(Examinador Interno)

A handwritten signature in blue ink, reading "Carlos Alberto Cunha Miranda". The signature is written in a cursive style.

Prof. Dr. Carlos Alberto Cunha Miranda – PPGHistória/UFPE

(Examinador Externo)

CAMPINA GRANDE – PB

Abril/2015

“Existem três estágios da descoberta científica: primeiro as pessoas negam que é verdade; então elas negam que isto é importante; e finalmente creditam a pessoa errada.” (Alexander Von Humboldt).

AGRADECIMENTOS

Tomo esse pequeno espaço como uma oportunidade para um reconhecimento mais formal de todos que fizeram parte, por quaisquer meios, do projeto que se consolidou nessa dissertação. No PPGH, no Departamento de História e em outros espaços da UFCG encontrei suportes fundamentais que contribuíram com a pesquisa. Alguns desses suportes são explícitos: meu orientador, José Otávio Aguiar, cujo papel dispensa qualquer tipo de comentário, os demais professores do Programa de Pós-Graduação, bem como o secretariado do mestrado, todos e cada um de sua forma deixaram uma marca indelével nessa caminhada. Dentro desse universo acadêmico ainda há os grandes amigos, os quais não somente ajudaram no enriquecimento da minha produtividade, mas são parte constituinte da minha vida.

Destaco o apoio dos membros da minha banca de qualificação, os professores Edson Hely e José Carlos Barreiro, experientes historiadores dos estudos indígenas e da História Social e da Ciência, através dos quais recebi frutíferas interferências no trabalho, além de grande compreensão das minhas limitações pessoais e pretensões futuras.

Várias outras pessoas também se disponibilizaram a dar sua parcela de ajuda durante a pesquisa: professores de outras universidades, colegas de congressos e de trabalho não ficam fora da lista de agradecimentos. Relembro o grande pesquisador George Beccaloni, do Museu de História Natural de Londres, que apesar de seu pouquíssimo tempo ocioso não se resguardou em responder meus emails e indicar passos fundantes para o desenvolvimento da pesquisa, durante esses quase dois anos.

Agradeço de modo particular a Lucas Medeiros por questionar junto comigo o lugar da História das Ciências, e assim, me fazer refletir nos últimos momentos de produção sobre as dicotomias e lugares de fixidez, os quais normalmente nos levam a leituras evolucionistas e pouco consequentes. Além de sua companhia e paciência nessa fase final tão desafiadora.

Os familiares, de modo especial minha mãe, pai e irmãos também foram importantes colaboradores nesse processo. O valor do incentivo, dos conselhos e do respeito pela minha ausência em momentos importantes da nossa família, não fica atrás da contribuição direta dos professores e colegas de sala. A todos esses e a cada um que se sentir contemplado nesse

espaço agradeço imensamente e reafirmo minha amizade e disponibilidade para retribuir o carinho dispensado.

ÍNDICE DE IMAGENS

FIGURA 1 – Estátua de Bronze de Wallace	29
FIGURA 2 – Mary Anny e Thomas Vere Wallace	30
FIGURA 3 – Hertford Grammar School	34
FIGURA 4 – Mapa da Europa Ocidental (Baía de Biscay)	62
FIGURA 5 – Wallace aos 24 anos de idade	63
FIGURA 6 – Bates no período de magistério em Leicester	63
FIGURA 7 – Vila de Nazaré ilustrada por Wallace	65
FIGURA 8 – Fotografia da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré (Belém)	80
FIGURA 9 - Mapa das rotas percorridas por Wallace no Pará e Tocantins	84
FIGURA 10 - Pássaros do alto Amazonas desenhados por Wallace	108
FIGURA 11 - <i>Leopoldinia Piassaba</i> ilustrada por Wallace	125
FIGURA 12 - <i>Ageneiosus militaris</i> ilustrado por Wallace	126

RESUMO

O estudo que aqui resumimos se dedicou a compreender a viagem científica do naturalista galês Alfred Russel Wallace, durante os anos de 1848 a 1852 pela Amazônia brasileira. Buscou dessa forma, destacar a construção dos discursos produzidos em relação aos mundos amazônicos: o natural e o humano, no contexto das rupturas e continuidades das Ciências Naturais oitocentistas. O trabalho visou também compreender de que modo se configuraram as redes de relação, científicas e de sociabilidade, no desenvolvimento da expedição, a qual se debruçou tanto sobre os aspectos ditos naturais, quanto sobre as diversas etnias e culturas nos caminhos dos rios trilhados pelo naturalista. Pensando dessa forma, o estudo dessa viagem científica considerou a simbiose dos saberes locais com o saber autorizado, sem considerar que essas relações estão previamente dadas, mas circunscritas ao encontro dos sujeitos em zonas de contato. A inserção de Wallace nos principais ciclos científicos também foi abordada nesse estudo, contribuindo para compreender sua viagem amazônica como estágio fundamental para sistematizar suas duas principais teorias: da biogeografia e da evolução das espécies por meio da seleção natural.

Palavras-chave: Alfred Russel Wallace. História da Ciência. Amazônia. Zonas de contato.

ABSTRACT

The study which we're summing up dedicated to comprehend Alfred Russel Wallace's scientific journey, from 1848 to 1852 in the Brazilian Amazon. Thus, sought to detach the construction of discourses produced about the Amazonian worlds: the natural and the human, through the context of ruptures and continuities in the nineteenth-century Natural Sciences. This paper also aimed to understand how the relationship networks - scientific and sociability - were configured, in the development of the expedition, that both dedicated to study natural features and several ethnic groups and cultures in the river ways taken by the naturalist. Thinking in that way, without considering that these relations are given previously, but circumscribed in the meet of the subject in the contact zones. Wallace's insertion in the main scientific cycles was also addressed in this study, contributing to understand his Amazon journey as a fundamental stage to systematize his two theories: the biogeographic one and the evolution of species by means of natural selection.

Keywords: Alfred Russel Wallace. History of Science. Amazon. Contact zones.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - UM POUCO ANTES DA AMAZÔNIA: UMA BIOGRAFIA CAPSULAR DE ALFRED RUSSEL WALLACE	26
CAPÍTULO II – PASSOS NA FLORESTA, CAMINHOS SOBRE OS RIOS: ALFRED RUSSEL WALLACE NO PARÁ E TOCANTINS – A PREPARAÇÃO PARA A GRANDE EXPEDIÇÃO AMAZONAS-RIO NEGRO	62
CAPÍTULO III - ALFRED RUSSEL WALLACE E O MUNDO DOS RIOS: ÁGUAS, PLANTAS, ANIMAIS, HOMENS E MULHERES NA GRANDE EXPEDIÇÃO AMAZONAS-RIO NEGRO	102
1. UMA REDE SOBRE O RIO DAS ÁGUAS PRETAS: OS ENCONTROS E CONTATOS NO COTIDIANO DA EXPEDIÇÃO	104
2. ENTRE COLETOR E TEORIZADOR: AS PRIMEIRAS CONTRIBUIÇÕES DE CAMPO DE ALFRED RUSSEL WALLACE PARA A BIOGEOGRAFIA, A TEORIA EVOLUCIONISTA E A ETNOGRAFIA	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
FONTES	143
REFERÊNCIAS	145
Bibliográficas	145
Sites consultados	150
GLOSSÁRIO DE CLASSIFICAÇÃO BINOMINAL	152
ANEXOS	154
Anexo 1 - Borboletas amazônicas coletadas por Wallace e Bates	154
Anexo 2 - Borboletas amazônicas e asiáticas coletadas por Wallace	155
Anexo 3 - Asas e calda de um papagaio amazônico capturado por Wallace	156
Anexo 4 - <i>Pteroglossus sp</i> , ave capturada por Wallace no Rio Capim (PA) em 1849	157

Anexo 5 - <i>Cyanerpes sp.</i> , ave capturada por Wallace no Rio Negro em 1851	158
Anexo 6 - <i>Leopoldinia piassaba</i> e <i>Mauritia carana</i> , registradas por Wallace	159
Anexo 7 - Amostras de palmáceas coletadas por Wallace no vale Amazônico	160
Anexo 8 - Mapa do Rio Negro produzido por Alfred Russel Wallace	161
Anexo 9 - Inscrições rupestres registradas por Wallace no Rio Uaupés	162
Anexo 10 - Inscrições rupestres registradas por Wallace no Rio Uaupés	163

INTRODUÇÃO

Há exatos quatro anos e dezesseis dias o *Mischief* estava ancorando na barra Sul do gigantesco Amazonas, de onde Wallace divisou pela primeira vez a tão esperada Amazônia. Agora, envolto numa nuvem de sentimentos tão complexa quanto à daqueles dias de chegada, se preparava para o retorno ao lar. A enorme saudade dos jardins e ruas inglesas, do conforto de casa, das regalias do paladar, e do contato com a família seria suficiente para que embarcasse e não olhasse para trás?

Aquelas terras monotonamente verdes e silenciosamente calmas haviam assumido um papel decisivo na sua vida, tanto lhe oferecendo frutos de progresso quanto lhe tirando partes importantes de si mesmo. Havia ganhado muita experiência científica, vivenciado momentos ímpares e acima de tudo vislumbrado com os próprios olhos, e tocado com os próprios pés os muitos lugares que conheceu nas narrativas de Humboldt, Edwards, Natterer, Spix, Martius e tantos outros. Porém, nestas paragens havia também perdido seu jovem irmão, vítima da cruel febre amarela, enfrentado grandes perigos e passado por muita privação. De fato, a Amazônia havia lhe tocado, tal como fora tocada por ele, e assim, aquele jovem curioso pela Natureza retornava com a bagagem repleta, não apenas de espécies e amostras, mas de histórias, as quais não tiveram fim nem mesmo após seu embarque retornando para Londres em 12 de julho de 1852.

Sua ida até as regiões mais altas do Rio Negro com poucas provisões restantes, ínfima mão de obra auxiliar e os constantes acessos de febre, impediram uma possível investigação pela Província do Mato Grosso ou mesmo pelas terras bolivianas, como havia sugerido em carta a Samuel Stevens, o agente financeiro da viagem científica.¹ Decidido então a partir, adquiriu sua passagem para Londres no brigue *Helen*, embarcação a vela de cerca de 230 toneladas, carregado de cacau, temperos, óleo de copaíba e piaçaba. O capitão era John Turner, meio proprietário do navio e experiente no conhecimento do mar aberto. Enquanto aguardava a partida, começou a preparar suas bagagens e provisões para a viagem, encontrou-se com John e assim pode conhecer melhor as condições do trajeto e da própria embarcação.

Fortes acessos de febre insistiam em perturbar-lhe poucos dias antes de embarcar, e o medo, com o qual se deparou tantas vezes durante a expedição apoderava-se do seu espírito. Provavelmente, porque fora naquele mesmo lugar em que as vidas de seu irmão, e de tantos

¹ Carta de Alfred Russel Wallace para Samuel Stevens de 12/09/1849.

outros estrangeiros haviam sido ceifadas pela febre amarela. Ou ainda, porque o cuidado com a saúde seria extremamente complicada a bordo de um navio, além das esperadas dificuldades que uma viagem marítima de mais de um mês traria consigo.

Finalmente assim, Alfred Russel Wallace se encontrava dentro do *Helen*, acomodado em um pequeno quarto próximo a cabine do Capitão. Consigo trazia vários *sketches*, blocos de notas, desenhos de plantas e peixes raros, anotações diversas sobre a história natural amazônica, utensílios artesanais de diversas etnias indígenas e provavelmente o de maior valor científico e financeiro: sua coleção entomológica pessoal, contendo inúmeras novas e belas espécies, coletadas durante os quatro anos de atuação no campo. Junto a tudo isso ainda havia os animais vivos, que caso chegassem a salvo em Londres renderiam muito mais valor ao seu trabalho, tanto monetária quanto cientificamente. Estes constavam de cinco macacos, vinte papagaios e periquitos, duas araras, um imponente faisão, alguns pássaros diversos e o tão cuidado e apreciado tucano.

Completava-se uma semana em alto mar e o fantasma da febre voltava a assombrar Wallace, abatido por horas sequenciais de enjoo. Desta vez, porém, os acessos vieram mais fortes e delirantes, como se fossem prenúncio de tudo o que ainda estaria para ser escrito naquela história. Após semanas de tratamento com calomelano² estava de pé novamente, apesar de fraco pela natural desidratação e reduzida dieta de uma viagem marítima.

No dia 6 de agosto, por volta das nove da manhã, enquanto aproveitava em sua cabine as monótonas horas para ler e fazer anotações, Wallace foi surpreendido pela chegada barulhenta do Capitão Turner: - Tenho receio de que o navio esteja pegando fogo! – disse em tom de medo e de convite para que o naturalista o acompanhasse para averiguar esta possibilidade. Revistaram todo o porão e não encontraram o tal incêndio, mas subindo até o convés avistaram a densa fumaça saindo pelas frestas da sala de proa. Todos os homens foram mobilizados pelo Capitão para que trouxessem para fora a carga contida neste local, sendo assim, verificaram que a origem da fumaça não partia de lá. Abrindo a portinhola que dava acesso ao porão da popa a fumaça passou a ser ainda mais intensa e sufocante, com isso puderam constatar que o foco do incêndio estava nos barris de óleo de copaíba e sendo propagado rapidamente pelos feixes de piaçaba.

² O calomelano ou cloreto mercurioso possui propriedades protéicas que podem atuar no corpo humano como vermífugo, purgante, antissifilítico e antitérmico.

Imediatamente, parte dos homens iniciou a tentativa de conter o fogo jogando baldes de água através do assoalho, enquanto outros se ocupavam de retirar o máximo de carga possível que pudesse ser atingida. Doce ilusão! As chamas se alastravam com velocidade e a fumaça se tornava gradativamente mais sufocante, além do calor que queimava os rostos da malfadada tripulação.

Ficou claro que o incêndio não poderia ser contido, e que o mais prudente a se fazer era salvar os itens de primeira necessidade, os objetos de valor e suas próprias vidas. Os botes começaram a ser lançados na água para apagar as provisões e depois os tripulantes, enquanto a carga a ser salva começava a ser colocada no convés, onde o fogo ainda estava longe de chegar. O Capitão e seus homens tinham apenas pertences a serem resgatados, enquanto Wallace precisava mensurar a importância de cada item antes de ir em busca deles. O fogo se aproximava de sua cabine, e caso decidisse pegar tudo o que lá se encontrava não teria tempo suficiente para salvar os animais. Esta difícil decisão se tornaria um tormento para a mente de Wallace, que refletiria muito sobre o acontecido durante o período de deriva, nas seguintes semanas de viagem e provavelmente até o fim de sua vida, uma vez que em suas memórias retorna a este ponto constantemente.

Wallace decidiu ir à cabine, e lá começou a colocar em uma pequena caixa as primeiras coisas que conseguiu encontrar em meio a fumaça. O relógio, algumas camisas e dois cadernos com desenhos e anotações sobre os peixes do Rio Negro, além do pouco dinheiro que lhe restava, fortuitamente a salvo em seu bolso quando o fogo começou. Voltando ao convés Wallace viu de longe mais roupas e cadernetas de esboços e gravuras, mas em um total lapso de apatia decidiu sair o mais rápido possível e deixar todo o resto para ser consumido pelas chamas.

Os botes esburacados precisavam de homens que trabalhassem conjuntamente para evitar que fizessem água, como todo o material salvo seria amontoado indiscriminadamente neles, molhando livros, roupas e tudo o mais. Estando tudo preparado fora do navio, o Capitão ainda se preocupou em tentar evitar o incêndio no resto do brigue que permanecia intacto, porém, o avanço das chamas era caudaloso e depois de poucos minutos os marujos abandonaram junto com Turner a embarcação. Dentro dos botes começaram a se afastar do navio, devido principalmente ao calor intenso e ao risco de serem atingidos por alguma parte em chamas. Wallace assistia pesaroso a morte lenta dos estimados animais, parte deles há muito tempo sufocados pela fumaça ou atingidos pelo próprio fogo. Ainda houve tentativas de

resgatar alguns deles, aproximando-se ao máximo possível com os botes, porém com total insucesso. Somente um pequeno papagaio, espertamente a salvo no mastro, foi resgatado quando as chamas consumiram a base deste e o derrubou no mar.

Chegada à noite, o brigue *Helen* era apenas um amontoado gigantesco de madeira queimando. Estavam todos à deriva, mas precisavam evitar se afastar tanto da grande massa de fogo, que poderia servir como sinalização para outros navios que porventura passassem. A noite inteira se resumiu em tirar água dos botes, e consequentemente a fome, o cansaço e o medo foram esquecidos por enquanto, pois o risco de afundar era alto. Somente quando o dia raiasse é que seria possível averiguar de fato o que havia de provisões para a tripulação, exausta pelas horas de duro trabalho no combate às chamas e no resgate das bagagens.

De dia, após tomarem o merecido desjejum, composto de presunto, carne de porco, biscoitos, vinho e água, os náufragos começaram a se preocupar em identificar sua localização, assim teriam mais chances de serem rapidamente resgatados. Analisando mapas e livros, e usando a larga experiência do Capitão Turner, perceberam que a terra firme mais próxima ficava a aproximadamente setecentas milhas, ou quase mil e quinhentos quilômetros. Eram as Ilhas Bermudas, localizadas exatamente na rota principal entre as Índias Ocidentais e a Europa, constantemente cruzada por navios mercantes. O plano era utilizar ventos favoráveis que pudessem levá-los até o porto em mais ou menos uma semana.

Nove dias se passaram e nem sinal de qualquer embarcação ou terra firme. Sob o sol escaldante do dia, e a infinidade de estrelas durante a noite Wallace se resguardou em seus pensamentos. Passado o momento de maior tensão, sua mente se voltava agora para as grandes perdas, pouco perceptíveis durante o desespero e a correria. Seu maior martírio era, neste sentido, imaginar as inúmeras vezes em que mesmo diante de acessos de febre, situações de risco e limitações de ordem estrutural, não pensou duas vezes em ir ao encalço das belas e raras espécies amazônicas, ou de trilhar os desconhecidos caminhos no meio da gigante massa florestal, ao passo que tudo isto estava agora inevitavelmente perdido no meio do Oceano Atlântico.

Após o jantar, em meio a uma desesperança total de serem resgatados, o Capitão que trouxera a Wallace más notícias trazia agora esperança. O bote que navegava a frente deles avistou uma vela bem ao longe, mas pode inferir com certeza: era um navio! O *Jordeson* singrava de Cuba em direção a Londres, completamente carregado de valiosas toras de madeira de mogno e tatajuba, e pilotado pelo Capitão Venables. Sua tripulação não era tão

grande, mas as provisões eram poucas e agora o número de homens havia dobrado. O sentimento de estar salvo da deriva colocou Wallace em um estado tal de entusiasmo que este mal conseguia relaxar e dormir.

Dias e noites se passaram, muitas tempestades, trombas d'água e fortes ventanias faziam agora parte da paisagem de Wallace. Belos golfinhos e peixes voadores compunham sua diversão nos momentos de maior tédio, e enchiam sua barriga quando a realidade da escassez batia a porta. As provisões foram reabastecidas quando um pequeno navio se aproximou, e mesmo em pouca quantidade a ajuda foi recebida com muita festa.

No domingo de 19 de setembro, na latitude N. 49° 30' e Longitude W. 20° escreveu Wallace do *Jordeson* para Richard Spruce uma longa carta, a qual encerrou detalhadamente toda esta desafortunada narrativa passada durante seu retorno a Londres. O botanista se encontrava em São Jerônimo do Rio Negro, e por consequência das distâncias, e da falta de um sistema de correios a correspondência só o alcançaria cerca de dez meses mais tarde.

Dez dias depois estava a embarcação adentrando o Canal Inglês, o que poderia indicar o alívio de estar cada vez mais próximo de casa. Entretanto, a Natureza parecia não estar disposta a permitir que a viagem de Wallace fosse tranquila em qualquer que fosse o aspecto. Fortíssimas tempestades começaram a cair sobre o braço de mar, e a estrutura do *Jordeson* parecia não ser suficiente para aguentar tanta pressão. Na verdade, este era um navio muito velho, além de bastante lento, o que levou Wallace a vivenciar mais temores em alto mar, perdendo o sono e a calma ao ouvir o ranger da velha madeira, ao chocar-se contra as impiedosas ondas.

Nesta mesma tempestade, a qual se estendeu durante os próximos três dias, muitos outros navios foram completamente destruídos, mas por sorte o obsoleto e experiente *Jordeson* escapou com sua tripulação intacta. No dia 1º de Outubro, após oitenta dias desde que havia deixado a Cidade do Pará, estava Alfred Russel Wallace tocando novamente o solo britânico. São e salvo, cheio de fome, gratidão e acima de tudo muitas histórias, as quais encontramos nas linhas dos capítulos que se seguirão.

A presença desta narrativa na abertura da dissertação, baseada no próprio relato de Alfred Russel Wallace ao seu amigo Spruce, tem indiscutivelmente um objetivo a cumprir. Antes de tudo porque nos diz muito sobre a ferramenta metodológica adotada em nosso projeto. Ao lançar nossos primeiros olhares sobre a documentação base da pesquisa, ainda

naquela fase primária de reconhecimento, e de desenvolvimento de estranhamento e empatia pelo objeto, nos vimos diante de algumas possibilidades interessantes, as quais precisariam passar pelo processo seletivo da construção do objeto.

Estudar a história dos viajantes, inserida em um contexto maior que é a História das Ciências e dos saberes científicos, em um diálogo constante com a história de viés ambiental, significa lidar com uma literatura vasta, desde relatórios científicos e publicações de periódicos, até cartas e diários de viagem. Sendo assim, o textual ou discursivo é constante e visível durante todo o desenrolar da investigação. Isto não significaria dizer, porém, que nossas escolhas teóricas e metodológicas precedem qualquer outro tipo de escolha, a partir da qual a temática poderia ter sido desenvolvida.

Tentando manter uma constante relação com a narratividade, elemento fundamental para o campo da escrita da História, evitamos embargar o texto dos capítulos com discussões teóricas muito extensas, ao passo que a introdução é um espaço bastante pertinente para que isto seja feito. Partimos do pressuposto, o qual fundamentaremos posteriormente, de que o recorrente cisma estabelecido entre a narrativa e a explicação histórica, não é mais uma pedra de tropeço para a historiografia (talvez possa ser para certa tradição historiográfica canônica!) e sim uma oportunidade consequente para refletir, entre outras coisas, sobre os caminhos que o tempo das narrativas e o tempo das experiências compartilham interdependentemente. Por este motivo, o leitor de nosso texto dissertativo terá a oportunidade de conhecer o objeto sob ambas as perspectivas: privilegiando os personagens, suas ações e mentalidades, mas não esquecendo o crítico e o explicativo, o qual constitui como que a alma do texto, enquanto a narrativa é o corpo através do qual ela se exprime visualmente. Sem explicação não há história, e sem a narrativa nem a explicação existe.

Antes da própria narrativa ou mesmo da crítica temos a definição do objeto, que corresponde em primeiro plano muito mais a uma aferição pessoal do historiador, do que mesmo de ordem externa. Ao dizer isso, fica explícito que nossa concepção de História se baseia na construção do objeto, sem se excluir o envolvimento inevitável das intencionalidades daquele que escreve, nem muito menos as pressões que o objeto sofre na identificação deste com o respectivo campo. Tais pressões se manifestam em vários níveis, seja no lugar social ao qual o historiador se identifica, seja no pertencimento a dado campo acadêmico e seu arcabouço conceitual. A partir do exposto, se percebe que a noção de “ciência pura” está fadada ao esgotamento, diante de alternativas que consideram muito mais

a inserção social dos saberes, através do conceito de “campo científico”, o qual está longe da rigidez de uma definição canônica de ciência, acima da própria existência social (BOURDIER, 2004, p. 21-22).

Nosso primeiro contato com o personagem sobre o qual esta pesquisa se debruça, não diferentemente da maioria das pessoas, ocorreu por meio de Charles Darwin. A construção das memórias sobre este cientista inglês, durante anos a fio, tem contribuído para certa secundarização da figura de Alfred Russel Wallace. Diversos estudos foram produzidos no sentido de revitalizar a discussão sobre o naturalista galês, e sua contribuição em diversos campos do conhecimento, notadamente nas Ciências Naturais, na Sociologia, Psicologia, e em uma fase mais tardia da vida no Espiritismo. Diante disso, poderia parecer que nosso interesse inicial, seguindo modismos, tenha se voltado a uma performance de heroísmo na “recuperação” do negligenciado Wallace. Pelo contrário, entendemos que por em prática um projeto de pesquisa, tendo como mote esta perspectiva empobreceria os possíveis resultados, incorrendo em outro tipo de ofuscamento, não do próprio personagem, mas de outras tantas possibilidades mais ricas de se estudar sua história.

Em 2013 iniciaram-se as comemorações do centenário da morte de Wallace, em 7 de novembro de 1913. A extensa agenda de eventos, composta de publicações de livros, artigos, conferências, lançamento de filmes e documentários, contou também com a maior conquista para os estudos sobre a vida e obra do naturalista. Estamos nos referindo ao lançamento da iniciativa *The Wallace Correspondence Project*, que contou com o voluntariado de pessoas do mundo inteiro, sob a direção da arquivista Caroline Catchpole e com investimento do Museu de História Natural de Londres, e diversas outras instituições, tais como: a *British Library*, a *Hope Entomological Library*, *Oxford University's Museum of Natural History*, *Cambridge University Library* e o *Royal Botanic Gardens, Kew*. Cerca de 98% do acervo de correspondências, escritas e recebidas por Wallace, está atualmente transcrita, digitalizada, catalogada e disponível no site do Museu de História Natural. É esperada para 2018 a conclusão de todo o processo de recuperação e divulgação, o que acrescentará ainda mais nas ricas e ainda pouco exploradas informações contidas nestes documentos.

Diante de todas estas ações no contexto exposto acima, e levando em conta toda a bibliografia que havia sido produzida, mesmo antes do centenário, identificamos uma questão crucial: a expedição científica de Wallace pela Amazônia brasileira carece ainda de muitas pesquisas e reflexões. Em primeiro lugar, porque grande parte das obras com discussões

consistentes sobre Wallace, em uma tendência que verificamos até hoje, têm relegado sua expedição científica pela Amazônia como um “fato menor” ou um apêndice à sua grande obra malasiana. Em segundo lugar, porque além de capítulos de outras obras, tais como da bela biografia escrita por Peter Raby (2001), da coleção organizada por Barbara Beddall (1969), da obra de Ricardo Ferreira (2012) e de Sandra Knapp (2013), tudo o que tínhamos sobre a viagem de Wallace ao Brasil se resumia ao seu próprio livro, *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*. Mais recentemente, refiro-me ao começo deste ano, é que tivemos acesso exclusivo à versão ainda provisória da tese de doutoramento de Carla Lima (2014), da Fundação Oswaldo Cruz. No Brasil, posso afirmar sem receio, este foi o trabalho mais completo até o presente momento publicado tendo como escopo a experiência de campo de Wallace.

São necessárias aqui certas considerações a respeito desta bibliografia. O trabalho de Raby é de longe o mais bem escrito e fundamentado, porém, é uma biografia de toda a vida do naturalista, o que relega à sua expedição ao Brasil pequena atenção e detalhamento, se comparada à densa narrativa que tece sobre as pesquisas do naturalista no arquipélago malaio, e na fase socialista-espiritualista da sua vida. A coletânea de Beddall, por seu turno, se foca apenas nos escritos de Wallace durante seu período de trabalho de campo, mas além de curta e sem fundamentação nas recentes documentações, privilegiou unicamente o aspecto prático da expedição, como corroboração para a teoria da seleção natural das espécies. Ricardo Ferreira, professor falecido da Universidade Federal de Pernambuco, deu a mesma atenção aos quatro anos de Wallace no Brasil que as obras comentadas deram, especialmente por um motivo: seu livro foca-se primordialmente no trabalho de Bates, subsumindo o próprio Wallace, bem como as discussões pertinentes que a história da expedição pode render. Por último, a recente publicação de Sandra Knapp, também direcionada à jornada do naturalista na Amazônia, mas que não oferece nenhuma novidade além de tudo o que já está narrado na obra do próprio Wallace.

Entendendo assim, as lacunas e possibilidades que ainda poderiam ser preenchidas sem, entretanto, desconsiderar as contribuições existentes, nos pusemos ao encalço desta importante fase da vida e do trabalho do nosso personagem. Seleccionamos, transcrevemos, traduzimos e analisamos cerca de 90 correspondências, diante das mais de 4.000 que foram divulgadas pelo projeto do centenário wallaciano. Chegamos a esta cifra por meio da seleção que operamos a partir do recorte temporal de nosso interesse, 1840 a 1860, considerado um intervalo suficiente para entender uma expedição que começou em 1848 e se encerrou em

1852, mas cujas implicações ultrapassam qualquer definição temporal, tal como verificamos no desenvolvimento do texto.

Nossa pesquisa, porém, não se debruçou apenas sobre o acervo de correspondências, mas trouxe para a discussão três fontes fundamentais, a partir das quais pudemos operar por meio do cruzamento de dados. O diário de viagem de Henry Walter Bates, publicado sob o título *The naturalist on the River Amazon* em 1892; a narrativa de Richard Spruce sobre seus longos quatorze anos de coleta na Amazônia e nos Andes, a qual foi editada e publicada postumamente pelo próprio Alfred em 1908, com o nome de *Notes of a Botanist on the Amazon and Andes*; e obviamente a própria narrativa de Wallace, escrita a partir das poucas anotações que sobreviveram ao incêndio e das memórias pessoais, resultando no livro intitulado *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro* de 1853.

Definido o objeto, o período, a documentação fundamental, e tendo tudo isto partido das primeiras perguntas, restava dar ao projeto um rosto próprio, o qual só poderia ser adquirido com o lançamento de uma questão principal e de suas subsequentes. A História das Ciências bem como a História Ambiental, resguardadas suas particularidades, jamais podem ser entendidas como formas generalizantes de colocar os “pequenos” homens e mulheres diante da “grandiosa” Natureza e das formas de entendê-la, sem considerar que o aspecto humano precede qualquer outro interesse. A interdisciplinaridade destes campos com outras áreas do conhecimento, em especial as Ciências da Natureza, não exclui dos mesmos aquilo que é primordial: entender as maneiras pelas quais as diversas sociedades se apropriaram, modificaram, preservaram, discutiram e representaram a Natureza.

Orientando-se através destes parâmetros, chega-se à compreensão de que as relações entre os aspectos naturais e humanos, antes de constituir qualquer dubiedade é uma rica forma de estudar o objeto, dado que existe uma interrelação e não uma dicotomização. Assim, seguiram-se os questionamentos: o contato de Wallace com a natureza e com os indivíduos humanos na região amazônica ocorreu em que tipo de relação? O seu discurso recupera o etnocentrismo e sua pretendida cientificidade ou tem indicações das mudanças pelas quais a Ciência Natural e a compreensão do humano passavam naquele período? Quais os lugares ocupados por cada um destes indivíduos sejam os nativos, o naturalista ou seus pares, na grande rede de relações que se constituía a partir de uma viagem científica?

Até aqui conhecemos a face que nossa pesquisa assume, tendo partido de um tema de certa forma geral, em vista a abundância de documentação, e se afunilado gradativamente

perante os interesses que fomos elegendo por um lado e esquecendo por outro. Vimos também que o estudo se coaduna com os diálogos estabelecidos constantemente entre as histórias da ciência e ambiental, como subcampos relativamente interdependentes entre si e com o próprio campo da História. Neste íterem, diversos autores e estudiosos assumiram para nós um papel decisivo, o qual se manifesta nas teorias que suportam as ideias a serem trabalhadas durante toda a tessitura textual.

A história das viagens científicas no Brasil tem sido incrementada nos últimos anos por um bom número de produções, principalmente depois que os historiadores brasileiros passaram a acompanhar a gradativa abertura e fragmentação temática da historiografia desde os anos setenta do século XX. Neste sentido, alguns nomes se destacam e merecem citação, a saber: Lorelai Kury, José Augusto Pádua, Ricardo Ferreira, José Carlos Barreiro e Regina Horta Duarte são os nomes de maior proeminência a constituir a base bibliográfica da nossa produção. Apesar das respectivas tendências teóricas, sobre as quais cada autor(a) pessoalmente se inclina, sua contribuição conjunta é inegável e necessária.

Um fato interessante é que fizemos escolhas teóricas que não necessariamente pertencem ao campo da História, estritamente falando, mas que mantêm conexões diretas com o mesmo. Nosso maior diálogo, por exemplo, para contextualizar a ciência no século XIX, e notadamente as viagens científicas e os encontros intra e transculturais, não se estabeleceu com nenhum historiador e sim com uma linguista: Mary Louise Pratt. A professora de Literatura Comparada da Universidade de Nova York possui um currículo voltado, em grande parte, para os estudos sobre a estrutura do discurso. Porém, nos últimos vinte anos tem proposto discussões mais diretamente para os estudos culturais, com aplicação nas relações de transculturalidade, através da construção mútua dos sujeitos que se encontram na ação. Dois conceitos tornam esta proposição teórica de Pratt mais evidente, a saber: o que chamou de “zonas de contato” e seu suporte discursivo, bem como os “textos autoetnográficos”. Lançando mão destes, os sujeitos tecem discursos que são construções de si mesmo, não apenas a partir do que pensa de si, mas em grande medida pelo foi que pronunciado pelo outro. As “zonas de contato”, segundo a teórica, são perceptíveis principalmente em relações assimétricas de força e poder, tais como os sistemas de colonização, a escravidão, os encontros de saberes nas viagens científicas, etc. (PRATT, 1999, p. 27).

Duas obras de sua bibliografia são fundamentais, portanto, para nossas inferências. *Artes da Zona de Contato* (1991) e *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*

(1999). A segunda será mais largadamente citada, não por uma relação de importância, mas porque é o estudo que demonstrou a teoria de uma forma, digamos, “aplicada”. Além de estar exatamente contextualizada no período histórico de interesse da pesquisa, finais do século XVIII e todo o XIX.

É perceptível que a construção teórica de Pratt nos leva às suas leituras e apropriações prévias. O próprio título da obra traz em evidência um termo bastante significativo, ao mesmo tempo em que problemático, caso não seja revisitado sob olhares menos deterministas. O antropólogo cubano Fernando Ortiz (1881-1969) propôs entender as relações de contato entre culturas distintas, não mais acreditando que apenas a força dita “superior” tem proeminência e poder de influência na relação. Certas linhas que se apoderaram de seus conceitos, reinterpretaram as produções da segunda fase teórica de Ortiz, que compreende as obras lançadas entre 1913 e 1940 (DE OLIVEIRA, 2008, p. 3) ³, maximizaram a noção de apropriação cultural, acreditando mesmo que a transculturação poderia levar à “aculturação”, um conceito deveras obsoleto mediante as novas proposições da Antropologia Cultural, que entende as identidades como resultado de relações orgânicas, e não cristalizadas e/ou submissas.

O prisma pelo qual escolhemos observar nosso objeto, além de Pratt, também conta com as contribuições de Marshall Sahlins (1990). O antropólogo estadunidense, adepto em certa fase da vida do evolucionismo radicalizado no seio da Antropologia, foi influenciado pelo estruturalismo de Strauss, e passou de crítico do culturalismo de Boas a ferrenho opositor da ideia de progresso, imbricada no uso dos parâmetros evolucionistas para compreender as culturas humanas. De Sahlins, nos interessa grandemente a obra *Ilhas de História* (1987), devido à atenção que nos chama para o fato de que as relações humanas não estão previamente definidas, e mesmo que papéis identitários possam ser construídos pelos agentes culturais, é o “risco da ação” que norteia a performance de cada um deles, intencionalmente conduzindo a relação de acordo com os seus interesses na mesma.

³ A obra citada não apenas analisa o trabalho de Ortiz, mas realiza um estudo comparativo entre os conceitos de “transculturação” e “plasticidade”, respectivamente do cubano e de Gilberto Freyre. Ressalta o fato, tanto de um como o outro, terem sofrido fortíssima influência da Antropologia norte-americana de Franz Boas (1858 – 1942). É necessário ainda destacar que os usos do pensamento de Ortiz, nas várias Ciências Humanas, se baseiam muito mais naquilo que foi escrito sobre o seu conceito do que propriamente na obra original. Para mais ver: DE OLIVEIRA, Emerson Divino Ribeiro. **Gilberto Freyre e Fernando Ortiz: um estudo comparativo**. ANAIS ELETRÔNICOS. I Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História. UFG, 2008. Disponível em: http://pos.historia.ufg.br/up/113/o/20_EmersonOliveira_FernandoOrtizEGilberto.pdf. Acesso: 13/06/2014.

Ao determinar tais aportes teóricos, sem jamais esquecer o que foi discutido sobre a Ciência enquanto um uso social, continuamos a abrir nossa biblioteca pessoal, cujas obras possuem cada uma delas um papel distinto, porém, completamente relacionável. A empolgação com o projeto, e a autonomia que este adquiriu a partir do incremento de leituras, bem como de fontes, poderiam nos manter em uma vã utopia de que os parâmetros acadêmicos não nos exigem afinilamento, foco e pertencimento ao tipo de história que cada uma das linhas de pesquisa possui. Este talvez seja o primeiro traço que opera como seleção na construção do nosso objeto.

No Programa de Pós-Graduação ao qual esta pesquisa se vincula, as linhas de pesquisa refletem aquela que provavelmente é a fragmentação mais nítida dentro da historiografia: a História Social e a História Cultural. Porém, não é de nosso interesse que o projeto esteja cristalizado por uma determinada perspectiva, que mesmo inevitavelmente, tende a conduzir nossos processos de escolha e de esquecimento. Para nós, seja um estudo de caráter social ou de viés cultural, o caminho mais consequente não deve ser aquele que privilegia uma possibilidade em detrimento da outra, mas que garante um diálogo frutífero entre as duas.

Estas vertentes ou tradições historiográficas, com suas pertenças e interesses particulares ainda influenciam diretamente os nossos estudos, de modo particular no Brasil, aonde este debate ainda tem lugar cativo nos cursos de graduação, programas de pós-graduação e na definição dos lugares das obras de História. Apesar de atualmente encontrarmos um maior número de historiadores cujo interesse se volte para um diálogo cada vez menos cismático entre história cultural e social, uma caracterização dessas tendências se faz necessária, especialmente nesta introdução, aonde buscamos delinear as intenções e feições que assume nossa pesquisa.

Poderíamos recorrer a inúmeras definições possíveis para as distinções mais claras entre a História de tendência cultural e social, porém, lançamos mão das contribuições de Sandra Pesavento como uma compreensão suficiente para clarificarmos a história cultural epistemologicamente. A historiadora brasileira, em conexão com os conceitos de Chartier, entende que o binômio representação/apropriação dá um rosto à História Cultural, pois, segundo a mesma, em nenhuma sociedade humana existe a possibilidade de viver fora do mundo da representação, dado que separar o imaginário do real é uma tentativa frustrada, pois, é pelo e no imaginário que os indivíduos dão sentido à sua existência. Sendo assim, a

história cultural se preocupa essencialmente com a “apropriação” que os indivíduos fazem dos sentidos para ressignificar suas vidas (PESAVENTO, 2008, p. 43-44).

Definições não deixam de ser importantes, pois, nos orientam decisivamente quando estamos buscando nos localizar em dada área historiográfica, porém, Antoine Prost nos ofereceu um posicionamento basilar no diálogo História Cultural e Social, a partir do qual podemos evitar posições unilaterais que possam empobrecer nosso debate. Para o historiador francês, existe uma ligação intrínseca entre essas duas tradições historiográficas, ao ponto de afirmar que “[...] toda cultura é cultura de um grupo. A história cultural é indissociavelmente social, dado que está ligada ao que diferencia um grupo de outro. É pois raciocínio sobre as diferenças, sobre os desvios.” (PROST, 1998, p.134). De fato, criar lugares de fala dentro do campo da História deveria significar a identificação de eixos que cruzam as diversas construções historiográficas, e não a criação de padrões engessados que dificultam a mobilidade do diálogo. Qualquer historiador que pretenda estudar seu objeto sob um prisma cultural terá que – ou pelo menos deveria - inevitavelmente cruzar a fronteira estabelecida entre essas duas possibilidades hegemônicas, pois, a cultura descolada das experiências vividas não faz nenhum sentido, e o ser humano não representa/ritualiza nada mais do que o solo que toca com seus pés de carne e osso.

A construção de um quadro metodológico pode ou não ter uma relação direta com o aporte teórico e/ou a revisão bibliográfica, dependendo em boa medida do tipo de fonte com a qual se trabalha (BARROS, 2006, p. 81). O projeto de pesquisa que resultou neste texto final lida com documentação escrita, em sua grande maioria correspondências, diários de viagem, publicações de periódicos, etc. Olhando para este arcabouço de fontes, e planejando a forma como esta deveria ser trabalhada, entende-se que nossa pesquisa dialoga com campos que estão o tempo todo lidando com “narratividades”, não apenas em seu sentido artístico, literalmente falando, mas como ação dos indivíduos que constroem e reconstróem o tempo todo as suas identidades, num jogo relacional complexo, sob uma ótica espiralada e não linear.

Diante do exposto, buscamos expressar na própria tessitura textual os diversos níveis de relação que se dão no plano da construção do nosso objeto. Como isto se processa? Se acreditamos em uma elaboração dos sujeitos, partindo daquilo que narram de si mesmos e do outro, é possível que encontremos um equilíbrio no que concerne as experiências que independem de nossa interferência julgadora, mas que se tornam visíveis somente através dos

nossos processos narrativos, o quais não necessariamente captam os indivíduos, mas nos dão uma versão dos mesmos, mimeticamente expressos através da narrativa.

É no trabalho do filósofo Paul Ricoeur, cujo estudo epistemológico da narrativa tem contribuído utilmente para o nosso ofício, que vamos buscar referências de como entender a construção que fazemos de nosso personagem, não mais inteligível na própria ação, mas passível de ser compreendido no próprio processo narrativo. Não cabe aqui a reconstrução de toda a argumentação de Ricoeur em *Tempo e narrativa* (1997), obra da qual recebemos as bases metodológicas que dão razão à nossa leitura das fontes, mas é importante uma pequena consideração sobre o conceito que soluciona um problema perceptível desde a poética de Aristóteles.

Ricoeur localizou seu jogo conceitual não a partir de uma reflexão puramente hipotética, e sim da própria atuação da narrativa histórica no momento em que analisou. Esta atuação, segundo o filósofo, prejudica drasticamente a capacidade da narrativa histórica, pois na construção textual tende-se a dicotomizar irreversivelmente a narrativa da explicação, além dos sujeitos que são diluídos através das categorias generalizantes do estudo, perdendo assim sua identificação própria (RICOEUR, 1997, p. 246-249).

Neste ínterim, a solução encontrada por Ricoeur se expressa através da elaboração narrativa de “intrigas”. Antes de entender o que de fato seria tal conceito, lembramos que em Aristóteles encontramos a noção de “mimesis”, a qual seria a capacidade de representação no texto artístico da experiência dos sujeitos, imitados pela arte por meio da articulação de termos que nos remetem à ação referencial. A inteligibilidade da trama histórica que ora é narrada, segundo Ricoeur, independe no todo da própria eficiência narrativa do historiador, pois, joga com outro conceito fundamental, o de “intencionalidade histórica”. Reconstruir o passado em si é obviamente impossível, mas é ao mesmo tempo compreensível a partir do momento em que entendemos que os sujeitos da ação possuíam uma narratividade própria, a qual elaboraram no momento da própria existência. Desta feita, a História se vale dos processos narrativos e explicativos sem, no entanto, se diluir no meio destes, dado que a narrativa daqueles que existiram no passado é prévia e independente de nossa própria tessitura textual (RICOEUR, 1997, p. 253-254).

É a partir deste panorama teórico-metodológico que tornamos viável nossa pesquisa, ora apresentada através de três capítulos.⁴ Os capítulos I e II constituem a primeira parte, de duas que compõe o trabalho completo. Pretendemos concluir uma dissertação, a qual seja em sua totalidade uma unidade de sentido, mesmo que as particularidades dos capítulos sejam preservadas e valorizadas, quer por ordem estrutural quer por motivações em nível de conteúdo.

Inicialmente buscamos colocar o leitor em contato direto com as experiências da vida de Alfred Russel Wallace, antes do período em que esteve no Brasil. Começar a dissertação com sua biografia é uma forma de levar o leitor a um passeio, que se inicia mesmo anteriormente ao seu nascimento às margens do rio Usk, em Monmouthshire, sul de Gales. Captamos nas fontes um personagem bastante múltiplo, por motivos que se coadunam com sua personalidade, mas também que têm relação com o próprio histórico familiar. Os Greenell-Wallace foram uma família cujos membros sempre se mostraram inclinados a mudanças constantes, numa dispersão tal que o acervo de correspondências da família é monumentalmente grande. Entendemos Wallace, desta forma, a partir de seus laços domésticos, mas em grande medida também das relações e experiências que se projetaram à sua frente nas tantas idas e vindas. Na leitura do primeiro capítulo o leitor encontrará o casal Thomas Vere e Mary Anny Wallace em sua tenra idade, e acompanhando a história da família chegará até o Wallace que se destinou a aventurar-se pela Amazônia brasileira, motivado principalmente por sua curiosidade pela História Natural, a compreensão e sua busca por reconhecimento profissional.

Por sua vez, o segundo capítulo continua a linha narrativa. Wallace chegou ao Pará em maio de 1848, e durante os primeiros oito meses expedicionou pelos arredores da capital da Província, além de um trecho do rio Tocantins, juntamente com Henry Walter Bates. Esta primeira fase da viagem, porém, pode ser entendida muito mais como um período de reconhecimento, adaptação e acima de tudo preparação para a grande aventura que o aguardava. Bates seguiu seu próprio caminho posteriormente, preferindo expedicionar diretamente pelo Amazonas e posteriormente pelo Tapajós; Wallace, por seu turno, resolveu investigar a História Natural e humana da parte menos conhecida do vale amazônico: a região do Rio Negro, aonde desenvolveu uma grande atuação científica, de onde partiram as bases

⁴ A possibilidade de um quarto capítulo havia sido cogitada, entretanto, a partir das considerações da banca de qualificação, busquei incluir no capítulo três todas as reflexões restantes para as quais havia me proposto. A temática sobre a “recepção” de Wallace nos meios científicos ingleses passou a ser parte das considerações finais.

para a sistematização de suas contribuições para diversos campos do conhecimento, tal como a biogeografia, e obviamente o evolucionismo biológico.

Ainda sobre o referido capítulo encontramos Wallace inserido em uma imensa rede de relações, numa ação constante das zonas de contato. A partir destas, pudemos perceber e discutir as implicações discursivas, reveladoras das relações de força que se estabeleceram na intersecção dos indivíduos. O aspecto científico, em seu viés mais prático, recebe também destaque na narrativa, articulando assim as idas e vindas dos diversos saberes que se envolvem no processo: o conhecimento nativo, não negligenciado pelo naturalista, bem como o dito saber autorizado da própria Ciência, expresso por Wallace.

O terceiro capítulo, por sua vez, volta-se para a miscelânea de possibilidades a partir das quais a viagem de Wallace pode ser estudada. Subindo o Rio Negro, até as fronteiras com a Venezuela, e posteriormente expedicionando pelo Uaupés, o naturalista se viu diante de comunidades humanas e formações naturais que povoaram grandemente seu imaginário. Analisando seus estudos realizados no alto curso do rio, encontramos as principais conexões para sustentar nossa posição de que a viagem coletora de Wallace, ao contrário do que a bibliografia apresenta, foi determinante para o desenvolvimento da suas principais conclusões científicas, bem como explicito-o enquanto um interessado pelas diversas manifestações socioculturais das comunidades nativas, reconhecendo seu papel e em muitos casos apropriando-se de seus saberes.

Diante de tudo isso, temos um quadro bastante amplo, cujas possibilidades interpretativas destacam os personagens através de rupturas. Entendê-los assim é uma forma produtiva de dar autonomia ao próprio leitor do texto, especialmente por que a produção estará aberta para a narratividade que se constrói no momento da recepção. Espero que as respostas aos muitos questionamentos sobre Wallace e sua inserção na grande rede que é a Ciência, não estejam dados de forma óbvia, mas que o leitor encontre seu próprio Alfred Russel Wallace nas linhas que começará a desfrutar.

CAPÍTULO I

UM POUCO ANTES DA AMAZÔNIA: UMA BIOGRAFIA CAPSULAR⁵ DE ALFRED RUSSEL WALLACE.

Uma família fadada inevitavelmente à dispersão. É assim que Herbert, filho mais novo da família Wallace, em uma carta de 7 de junho de 1849⁶ pós às claras para sua irmã Frances o seu sentimento que mistura ao mesmo tempo a conformação, mas também a preocupação quanto ao seu próprio destino e dos seus irmãos Alfred e John, o primeiro enfrentando o que se nomeava como “mundo hostil”, nos trópicos sul americanos, o segundo aventurando-se pelo mundo de negócios mineralógicos no proto ascendente EUA, e Herbert, prestes a se juntar a Alfred na ardorosa expedição pela pouco conhecida região amazônica.

Conferenciando em um dos muitos eventos que em 2013 comemoraram o centenário da morte de Alfred Russel Wallace, o norte-americano Peter Raby, notabilizado por seus estudos sobre personalidades irlandesas e escocesas, tais como Oscar Wild, parece ter captado com atenção a reflexão do irmão do naturalista ao chamar sua palestra de *Wallace the nomad* (Wallace o nômade). São diversas as razões para tal nomenclatura, afirmou Raby, as inúmeras mudanças de cidade, o histórico de sua família, cuja boa parcela se reuniu e se dispersou a partir de migrações, além evidentemente das duas grandes viagens empreendidas por Wallace: para o Brasil e para o Arquipélago Malaio, somando dozes anos longe do Reino Unido.⁷

O próprio Alfred também destacou o histórico de difícil contato com seus familiares. Ele mesmo nunca chegou a conhecer algum dos seus avós, ou mesmo tio, e teve aproximação apenas com uma tia: a única irmã de sua mãe, cujos filhos também foram os únicos primos dos quais tiveram conhecimento, mas apenas por pouco tempo, uma vez que migraram para o Sul da Austrália em 1838. Algernon, um dos parentes imigrantes, permaneceu ainda por muitos anos trocando correspondências com Alfred, e inclusive o ajudou em suas pesquisas com o fornecimento de informações sobre a fauna, a flora e condições geológicas do

⁵ O termo capsular se refere ao fato de esta ser uma biografia resumida, recortada, não se referindo a toda a vida de Alfred Russel Wallace.

⁶ Carta de Herbert Wallace para Frances Wallace em 07 /06 /1849.

⁷ Conferência apresentada por Peter Raby no evento anual da sociedade filosófica e científica *Ancestor's Trail* em 2013, sob o título: *Wallace the Nomad*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vGgciTTlws&hd=1>. Acesso em: 09/02/2014

arquipélago australiano; além de ter encaminhado os relatos do seu primo na Amazônia para publicação no periódico *Adelaide Morning Chronicle* em 1852.

Alfred é o oitavo de nove filhos, três destes faleceram na infância e ele praticamente se tornou o quarto, já que era uma criança adoentada e teve inclusive que ser batizado com urgência (RABY, 2001, p. 6). Filho do casal de classe média londrino, Thomas Vere Wallace e Mary Anny Wallace, que por motivos financeiros se mudou antes do seu nascimento para Monmouthshire, próximo à região banhada pelo rio Usk, no Sudeste do País de Gales. Através de anotações em um antigo livro de orações da família, Alfred e Frances comprovaram a suposição de que seu sobrenome se originou na Escócia (WALLACE, 1908, pp. 2-3). O brasão da família, simbolizado pela cabeça de um avestruz com uma ferradura em sua boca, demonstraria a ligação genealógica destes com o lendário William Wallace, líder do movimento que resistiu às investidas inglesas contra o território da futura Escócia por volta do século XIII.⁸ De acordo com as descrições heráldicas presentes na obra *Peerage* (1826) de John Burke, analisado por Alfred e Frances, os símbolos presentes no brasão pertenceriam ao ramo Craigie-Wallace, descendentes diretos do histórico herói escocês.

Anos depois, Alfred Russel Wallace se tornaria um dos maiores especialistas na transmissão de caracteres hereditários, entre ancestrais e descendentes, conhecimento de cujos saberes derivados desejava-se a eficácia de ver garantida a sobrevivência das espécies. Pensando nessas inspirações polissêmicas, nos permitimos uma analogia, mais poética que propriamente científica, com a semelhança entre Wallace e seu pai Thomas Vere no quesito inquietude e ousadia nas decisões da vida, especialmente porque ambos sempre viveram como homens de total espírito livre. As constantes mudanças, tão características nesta família, explica o jeito aventureiro com o qual Wallace aproveitou os seus anos de vida. Talvez seja daí a explicação para a grande recorrência da figura do seu pai, em detrimento de detalhes sobre a mãe, nos seus escritos autobiográficos.

A história não possui uma linha ininterrupta através da qual pode ser compreendida, porém, determinados traços do indivíduo do passado nos revelam as razões, dentre outros fatores, pelas quais certas rupturas e permanências se sucedem em sua história. São esses traços marcantes, nas grandes viragens no decorrer da vida de Wallace, nosso interesse primordial em toda a sua biografia. A própria escrita autobiográfica do personagem está

⁸ A figura de William Wallace é tema do premiadíssimo filme *Braveheart*, traduzido no Brasil como “Coração Valente”. Produzido e estrelado por Mel Gibson, a trama de 1995 retratou a figura do líder escocês de forma bastante romantizada e heroicizada, tal como é comum acontecer com a maioria das figuras históricas retratadas pelo cinema hollywoodiano.

repleta de termos como *turning point* (ponto de viragem), o que não justifica nossas tendências interpretativas e/ou teóricas, mas elucida uma faceta do objeto que elegemos como nossa linha de pensamento. O indivíduo está evidentemente inserido em um contexto muito maior, que chamamos pelo complexo nome de sociedade, porém, são as suas contradições com o plano de fundo que nos garantem captá-lo de forma individualizada sem, entretanto, negligenciar a grande carga coletiva que carrega em suas ações e omissões. Estas particularidades em Wallace, força motriz do nosso estudo, são, sem dúvidas, passíveis de ser identificadas também na história de vida do seu pai, que deixando a casa desde cedo se lançou ao mundo como os aventureiros de suas narrativas favoritas.

Um dos elementos que mais nos motivaram a refletir sobre a figura de Wallace enquanto um aventureiro nato, não foi extraído da documentação de época que nos serviu de base para a pesquisa, mas, de uma coerente fala de Bill Bailey no Museu de História Natural de Londres, por ocasião da cerimônia de inauguração da estátua de bronze de Wallace, entronizada no *hall* de entrada, juntamente com a imponente estátua em mármore de Charles Darwin. Bailey é patrono da *Wallace Fund*, instituição sem fins lucrativos que se dedica à divulgação do legado de Wallace. No site, um dos mais bem documentados e produzidos sobre o cientista, George Beccaloni e Bill Bailey encabeçaram a arrecadação de fundos para viabilizar a produção da obra de arte. Após um longo período de dificuldades para somar valores, a estátua foi finalmente inaugurada a tempo de fazer parte dos eventos comemorativos do centenário da morte de Wallace em 2013, com palestras, publicações e exposições ao redor do mundo.

Diante dos convidados, do presidente do Museu e dos familiares de Wallace, dentre os quais seu neto Dick que também é tesoureiro da *Wallace Fund*, Bill Bailey destacou a escolha da imagem que se transformou na estátua. As comparações com a figura de Darwin, bem ali ao lado, foram inevitáveis e causadas principalmente por Wallace estar sendo representado com louros de “cientista herói” no meio da Natureza, ao passo que Darwin se apresenta como uma figura de cientista de cátedra, sentado em uma cadeira imponente e sólida. Com suas roupas características de caça, a rede de capturar insetos e sua caixa coletora, Wallace olha fixamente para o alto em pleno estado de admiração diante de uma de suas mais belas descobertas, a *Ornithoptera croesus* ou borboleta asa-de-pássaro dourada, registrada pela primeira vez por ele no interior da floresta na ilha de Bacan, Indonésia em 1859. O relato feito por Wallace sobre esse exato momento é teatral e poético, bem ao seu estilo fanaticamente apaixonado pela natureza. Ao lê-lo, é possível entender as razões que o levaram a dedicar boa

parte de sua vida a pesquisar, caçar e teorizar no pleno desconhecido das grandes florestas tropicais:

A beleza e o brilho deste inseto são indescritíveis, e ninguém além de um naturalista pode entender a excitação que eu experimentei quando longamente a observei. Tirando-a fora da minha rede e abrindo as gloriosas asas, meu coração começou a bater violentamente, o sangue correu para minha cabeça e eu me senti muito mais desfalecido do que na apreensão da morte imediata. Eu tive uma dor de cabeça o resto do dia, tão grande foi a animação produzida pelo que iria parecer para a maioria das pessoas uma causa inadequada (WALLACE, 1869, p. 342).⁹

É este eufórico estudioso dos seres vivos, inquieto e nômade desde a infância, que buscamos agora “sedentarizar” na escrita de um texto fixo e regrado, mas que não nos impede de capturar pequenos traços e detalhes importantes de sua vida, essenciais para entender em que pontos se distancia e em que pontos se aproxima de outros intelectuais de sua época. A narrativa deu um pequeno salto para outra fase da vida de Wallace, mas ela começa bem antes, quando Thomas e Mary nem haviam formado a família que trouxe ao mundo um dos maiores cientistas do século XIX e começo do XX.

Como um membro solitário da família, uma vez que a mãe havia falecido ainda durante sua infância e o pai quando ele possuía somente doze anos, Thomas Wallace sempre levou uma vida por conta própria. Concluiu os estudos básicos e sozinho conseguiu ingressar em uma sociedade de advogados, aonde recebeu o título oficial de homem da lei, sob regimento da Corte Real em 1792. Residindo em uma pequena propriedade que havia adquirido, Thomas parece ter prosseguido os estudos jurídicos sem, entretanto, ter jamais desempenhado de fato a função para qual se profissionalizou. Sua renda adquirida com a modesta propriedade poderia ser calculada em cerca de £500 anuais, um valor mediano para o período e para um homem que não possuía nenhum tipo de profissão definida, mas que ganhava a vida com as oportunidades que iam surgindo à sua frente. Alfred chegou a afirmar que durante todo esse período seu pai viveu completamente “a toa”, sem ocupação fixa, e viajando sempre que podia para a cidade de Bath, famosa por seus banhos termais, aonde podia fugir da ociosidade de casa.

⁹ No original: “The beauty and brilliancy of this insect are indescribable, and none but a naturalist can understand the intense excitement I experienced when I at length captured it. On taking it out of my net and opening the glorious wings, my heart began to beat violently, the blood rushed to my head, and I felt much more like fainting than I have done when in apprehension of immediate death. I had a headache the rest of the day, so great was the excitement produced by what will appear to most people a very inadequate cause.”

Figura 1. Estátua de bronze de Wallace desvelada durante o centenário.



Fonte: Alfred Russel Wallace Fund. Acesso em: 11/11/2014.

Thomas e Mary Anny se conheceram e se casaram em 1807 e desde esta data passaram a residir em Marylebone, região central da capital Londres. Com a chegada dos dois primeiros filhos, Elizabeth e William, nascidos em 1808 e 1809 respectivamente, a renda familiar não poderia, obviamente, permanecer a mesma, e assim, Thomas parece ter começado a se arrepender de jamais ter adquirido experiência suficiente para exercer o cargo de advogado. Diante de sua nova condição como chefe de família precisava necessariamente tomar uma decisão, e no meio do desespero estava prestes a investir em um negócio arriscado, o qual lhe daria bastante desapontamento e mergulharia a família em uma profunda crise.

Usando sua pessoal inclinação para o prazer da Literatura, Thomas Wallace aplicou todos os seus fundos no lançamento de uma nova revista literária, que em vias de fato, seria

dedicada também à divulgação de produções artísticas genéricas e antiguidades. Infelizmente, após a publicação de poucos exemplares o negócio começou a entrar em declínio, possivelmente por causa de desfalques no capital por parte de seu gerente, tão sem experiência com a administração quanto o próprio Thomas. A falência alterou ainda mais a renda comprometida, e em 1816, com cinco crianças pequenas: William, Eliza, Frances, Mary Anne e Emma, nascida naquele ano, mudaram-se pela primeira vez. Passaram a residir em Southwark, um dos *boroughs*¹⁰ da capital inglesa, aonde John, o sexto filho vivo, veio ao mundo em 1818. Elizabeth, a filha primogênita, havia falecido com apenas sete meses de vida em 1808.

Figura 2: O casal Mary Anny e Thomas Vere Wallace, poucos meses após seu casamento.



Fonte: Natural History Museum Online Collection. Acesso em: 16 /06/2014.

Após dois anos de residência no novo endereço os negócios esporádicos de Thomas iam de mal a pior, e assim, teve certeza que se manter com seis crianças diante do custo de vida de Londres, sem um emprego fixo e rentável, era humanamente impossível. Seguindo, então, o conselho de parentes, a família mais uma vez se transferiu, não mais para os entornos da capital, e sim para o País de Gales. Acima das margens do rio Usk a família adquiriu uma pequena casa de campo, mais precisamente em Monmouthshire, há poucos quilômetros do

¹⁰ Termo que designava no período as diversas regiões da grande Londres.

vilarejo de Llanbadoc, no Sudoeste do país, aonde Alfred Russel Wallace nasceu em 8 de Janeiro de 1823.

O pequeno período de residência fixa em Monmouthshire foi interrompido em 1828, em consequência da morte de Rebecca Greenell, madrastra de Mary Anny Wallace, a qual havia perdido o pai há alguns anos. O testamento familiar garantia um pequeno dote, estabelecido no contrato de casamento de Thomas e Mary, mais de vinte anos atrás. Mesmo não sendo um valor expressivo, decidiram mudar-se para a terra natal da matriarca, Hertford, uma pequena cidade praticamente rural, no vale banhado pelo rio Lea. Beccaloni & Smith (2009), destacam a importância política que os Greenell desempenharam durante a segunda metade do século XVIII em Hertford. As grandes mudanças ocorridas na sociedade inglesa no período pós-guerras napoleônicas, porém, geraram grande divisão entre os principais grupos e isso incluiu a perda gradativa do seu prestígio. Peter Raby (2001, p. 9) também contribui para a compreensão do cenário político, no qual Alfred e sua família se encontraram ao mudar para Hertford. Por essa época, o Reino Unido se encontrava na atmosfera de mudanças significativas do quadro político e social, através do *Reform Act*, promulgado posteriormente em 1832. O ato reformista, considerado a primeira grande mudança no campo das leis na história britânica, alterou dentre outras coisas, o nível de participação de cada cidade e condado no parlamento. A família Greenell, desta feita, se encontrava diluída entre as disputas dos Cecils, Barclays e Dimsdales pela representação parlamentar e influência política na cidade de Hertford.

Sem tantas alterações positivas nas condições dos Wallace, a sobrevivência permanecia difícil. Os próximos quinze anos de vida de Thomas Vere foram mergulhados em profundos problemas e ansiedade, afirmou Alfred, sem perspectivas de melhoras na renda além dos pequenos fundos, em parte fruto da herança de Mary Anny (um pouco mais de £1,000 ao ano), de uma pequena creche informal mantida por ela em casa, e de um emprego com salário reduzido, conseguido por Thomas em uma biblioteca associativa da cidade. Era no emprego de seu pai que Alfred passava muitas tardes, ouvindo-o ler em voz alta grandes obras da Literatura, dentre elas *The History of Sandford and Merton* (1783-1789), grande clássico das histórias infantis escrito por Thomas Day (1748-1789) e que aparece para Wallace como uma de suas mais tenras memórias.

Até mesmo quando Thomas Wallace tinha plena certeza de que suas ideias fixas e ousadas dariam certo, logo vinham as dificuldades para atormentá-lo. Ele decidiu contratar um amigo procurador de Londres, no qual confiava bastante, para que aplicasse os valores

adquiridos com sua propriedade em rendas fundiárias, que durante alguns anos garantiram à família lucros consideráveis, entretanto, a segurança financeira foi por água abaixo, quando mais uma vez o excesso de confiança de Thomas o colocou em uma enrascada. Seu procurador estava secretamente envolvido em um grande negócio de especulação financeira na capital, o qual lhe trouxera enormes dívidas, pagas gradativamente com os valores dos investidores, dentre eles o pequeno capital de Thomas. A pressão dos lesados sobre a empresa de fundos levou o negócio à falência total, e os títulos caíram nas mãos dos advogados. Felizmente, Thomas garantiu certa parte dos valores investidos, recebidos de forma parcelada durante os próximos anos, única garantia para a manutenção das necessidades mais básicas da família.

As memórias de Wallace sobre a infância em Hertford são, segundo ele mesmo, as mais belas que até aquele momento ainda guardava. Sentado no colo de sua mãe ou brincando com os irmãos a escutava contando lendas e contos de fadas: “Jack, o gigante assassino” e “Chapeuzinho vermelho” eram as suas favoritas, entretanto, desde remota idade sempre preferiu a vida fora de casa, além das portas e trancas. As janelas francesas se abriam para o jardim, e assim, davam a visão do velho banco de madeira à direita da casa, a estrada, o rio e as distantes colinas baixas, elementos tão marcantes para uma criança de curiosidade aguçada, cuja memória ainda relembra claramente cada traço no alto de seus 87 anos de idade.

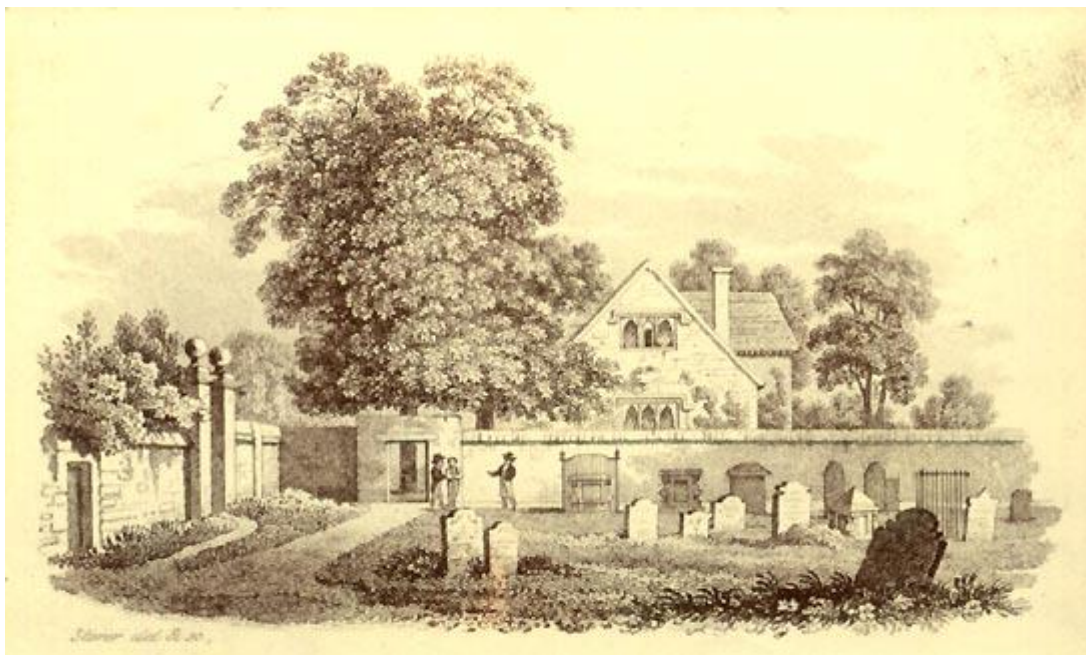
Foram nove anos de vivência intensa da infância brincando nos arredores da rua St. Andrews. Uma única coisa, porém, que faltava para Wallace era um amigo, que não fosse nenhum dos seus irmãos, os quais eram os únicos com quem poderia contar para companhia. Até que um dia tudo isso mudou ao som da voz de um garoto, que do outro lado do muro iniciou um rápido diálogo com um: - *Olá! Quem é você? – Eu sou novo na cidade, me chamo Alfred.* Aquela interrogação curiosa de criança havia partido do pequeno George Silk, com o qual Wallace manteve uma duradoura amizade até o fim de suas vidas. Seu passatempo favorito juntos era sentar no muro aonde se conheceram e conversar por horas sobre assuntos diversos, desciam para brincar apenas quando os temas estavam se esgotando. O costume de travar longas conversas com o amigo não cessou quando Wallace deixou Hertford, aos treze anos e meio, mas ao contrário transferiu-se apenas para as correspondências, que devido à sua grande quantidade, permite acompanhar passo a passo as principais discussões entre os dois. Desta feita, mesmo não tendo seguido carreira semelhante à de Wallace, Silk não deixa de ser um dos seus maiores interlocutores, fundamentalmente por ter contribuído com observações,

dúvidas e sugestões no trabalho científico do amigo, e também em suas reflexões filosóficas, psicológicas e também espirituais, em uma fase mais tardia da vida.

Hertford foi o lugar aonde Wallace teve sua única oportunidade de acesso à educação regular: no *Hertford Grammar School*, aonde permaneceu estudando de 1831 a 1837, como interno. Quando se trata do assunto educação, mais uma vez Wallace demonstrou o seu gênio questionador quanto à imutabilidade e fixidez dos costumes e práticas, tão perturbador para o mesmo que chegou ao ponto de considerar uma leitura de Shakespeare, ou mesmo de qualquer novela de cavalaria, como uma fonte de educação melhor que a própria escola, tão cheia de truncamentos na exposição do processo de conhecimento. As aulas de Latim eram absurdamente complexas, sem contar com o grego que o mestre nem ousou trabalhar com as crianças. A Geografia, que inicialmente lhe pareceu produtiva, acabou se reduzindo à memorização das principais cidades, rios e montanhas de cada condado inglês. A Matemática não se diferenciava muito das comuns aulas de memorização pura, enquanto a História descreveu como uma “insignificante narrativa dos feitos dos reis e rainhas, das guerras, rebeliões, e conquistas” (WALLACE, 1908, p 30-31). Apesar de pertencer a uma família sem grandes fundos, Wallace teve a vantagem de ter pais que não negligenciaram a presença de muitos livros em casa, além de ter usufruído do emprego de seu pai como livre passagem para ler ficção na biblioteca da cidade, lugar aonde encontrava seus verdadeiros professores: Dante Alighieri, Pope, Byron, Scott ou Cervantes.

É conhecendo esses fatos microscópicos, porém importantes, da vida pregressa do Wallace naturalista, que entendemos melhor certas recorrências, voluntárias ou não, presentes em sua escrita sobre a Amazônia, sua Natureza e seu povo. O eu lírico, porém, só vencia o tecnicismo das análises biológicas quando Wallace experimentava suas constantes epifanias diante da grande musa inspiradora: a Natureza tropical imponente. Tomado por toda a emoção que os momentos contemplativos lhe traziam lá se ia indomada a ponta de seu lápis, descrevendo a harmonia das silhuetas firmes dos nativos, cantando cânticos de louvor à majestosa liberdade de se viver no meio da floresta impenetrável, e condenando, bem ao estilo Rousseau, o “desviado” europeu que valorizava uma vida enclausurada e sem as experiências mais simples do viver (WALLACE, 1979, p. 162-167). Esta, porém, é apenas uma pequena consideração necessária sobre a relação de Wallace com as letras, e conseqüentemente os efeitos de sua formação regular e autodidata no futuro de seu pensamento e escrita. Até que voltemos a este ponto de forma mais detida, entretanto, muita coisa precisa ser dita sobre o que Wallace viveu antes...

Figura 3: Sem data, porém, publicada em 1830, esta é uma ilustração da Hertford Grammar School.



Fonte: Natural History Museum Online Collection. Acesso em: 23/06/2014.

Wallace teve que deixar a escola no natal de 1836 motivado pelos problemas financeiros da família, o que obviamente o impediu de continuar seu processo de formação regular até a universidade, cuja pouca institucionalização do saber e as muitas restrições religiosas e financeiras tornavam quase impossível o acesso de um membro das classes menos abastadas e pertencentes aos protestantes “unitários”, grupo dissidente do Anglicanismo oficial, tal como era o caso da família de Alfred Russel Wallace (FERREIRA, 2012, p. 7).

Na descrição dos traços religiosos dos próprios pais Wallace os caracteriza como “pessoas religiosas antiquadas” (WALLACE, 1908, p. 41-42), que muitas vezes cumprindo de forma mecânica as normas doutrinárias os obrigavam, via de regra, a ir à igreja pelo menos duas vezes ao domingo: pela manhã e pela tarde. Quando o mal tempo não permitia sair de casa para as reuniões religiosas, Thomas mesmo assim não admitia que os filhos ficassem longe das escrituras sagradas, lendo passagens bíblicas que reforçavam principalmente o apreço de Deus pelo uso do tempo útil para o trabalho. Os únicos momentos religiosos, dos quais Wallace tinha o enorme prazer de estar presente, eram os cultos na casa dos amigos da família, em sua maioria também Unitários dissidentes ou Quakers, que em Hertford existiam em grande número. Mesmo com pouca idade Wallace pensava sobre o fato de as cerimônias religiosas, tanto católicas quanto protestantes, serem tão cheias de complexos ritos e pompas

litúrgicas. Tendo sempre preferido as reuniões caseiras, aonde o silêncio absoluto só era quebrado pelo pigarrear de um irmão prestes a dar seu testemunho ou admoestar os presentes. Wallace voltou a refletir sobre imposição do culto religioso quando de sua estadia no Brasil, aonde ao assistir as festividades católicas ficou indignado com a “diluição” das tradições indígenas em meio a todo o aparato poderoso da liturgia católico-romana (WALLACE, 1979, p. 27; 291).

Sem frequentar mais a escola, aquele que nasceu nômade mais uma vez migrou! Sua mudança desta vez, porém, foi para deixar seus pais e seguir para a grande Londres sob o auge da febre da construção das estradas de ferro, aonde seu irmão mais velho John trabalhava como carpinteiro especializado. A decisão de enviá-lo para viver em Londres supriria apenas o período até que William, o irmão mais velho, conseguisse arregimentá-lo como aprendiz oficial de Agrimensor em Bedfordshire, Leste da Inglaterra, tal como havia sido anos atrás. A permanência de Alfred com John durou menos de um ano, mas foi suficiente para que pudesse experimentar pela primeira vez a atmosfera da vida longe da proteção de seus pais e de seu lar. John trabalhava desde 1833/34 na empresa de construção de Mr. Webster, cuja filha se tornaria futuramente sua esposa. A localização do trabalho não poderia ter sido melhor para Wallace, pois, próximo dali ficava o Regent’s Park, local propício para o seu gradativo despertar enquanto um potencial entomologista, era um lugar ideal para a captura de insetos e a observação *in loco* dos indivíduos, além de ficar a poucos metros dos jardins da *Zoological Society*, aonde frequentaria tantas vezes. É evidente que a função desempenhada junto com seu irmão era unicamente de auxiliar, ou seja, muito tempo restava para que como um curioso que era pudesse explorar as redondezas e encontrar ambientes e espaços do seu interesse; e foi isso que aconteceu: a algumas quadras dali ficava o *Hall of Science*, um tipo de clube de intelectuais aonde Alfred dispensou boa parte do seu tempo livre para ler, tomar um café e assistir conferências sobre o pensamento do reformista social e humanista inglês Robert Owen. Esta foi a primeira vez que mantinha contato com ideias que futuramente seriam fundamentais para suas publicações no campo do secularismo, socialismo, do cooperativismo e até mesmo espiritualismo, dado que de Owen recebeu uma concepção importante que levou para toda a vida: a ortodoxia religiosa extremada é apenas prejudicial para o ser humano, enquanto a verdadeira religião está no ato de se ajudar mutuamente uns aos outros (WALLACE, 1908, p. 46). Mesmo com uma vaga memória Wallace se lembrou de certa vez ter presenciado o próprio Owen conferenciando no *Hall of*

Science, e de ter ficado totalmente impressionado com sua figura alta e magra, sua altivez na face e o benevolente modo de falar:

Eu tenho sempre me inspirado em Owen como meu primeiro professor em filosofia da natureza humana e meu primeiro guia através do labirinto da ciência social. Ele influenciou meu caráter mais do que eu, então sabia, e agora que eu li sua vida e muitos de seus trabalhos, estou plenamente convencido que ele era o maior dos reformistas sociais e o verdadeiro fundador do socialismo moderno (WALLACE, 1908, p. 47).

Era o ano de 1837. Passado o semestre de experiência com John o inquieto personagem de nossa história passou a vislumbrar uma oportunidade mais promissora e consequentemente mais importante para a carreira que futuramente iria abraçar: a de naturalista. Alfred se transferiu para Bedfordshire, também na Inglaterra, com o intuito de se juntar ao irmão William como ajudante de agrimensor em sua recém-criada pequena firma. Nas palavras de Beccaloni & Smith (2009), os irmãos Wallace topografaram grandes áreas do Sul da Inglaterra e do País de Gales durante mais de seis anos e meio, morando em pensões e albergues, de cidade em cidade e com uma quantidade de trabalho que jamais se compararia com a vida quase ociosa levada pelo mesmo em Londres. Acompanhando William e com toda a atenção voltada para sua aprendizagem, Alfred teve contato pela primeira vez com a informação de que existia uma ciência chamada Geologia, a qual lhe deu muito que refletir a partir daquele momento, de modo especial por causa dos fósseis e estruturas geológicas que William tinha o maior prazer de lhe mostrar e explicar.

Não só a Geologia era novidade, como também a Botânica, que como um saber sistematizado jamais havia passado pela sua cabeça existir. Viajando muito e trabalhando em direto contato com a Natureza, Wallace começou a se sentir mais e mais atraído pela compreensão profunda das classificações, nomenclaturas e especificidades de cada tipo de flor ou erva que encontrava pelo caminho. O tempo livre que lhe restava, entre o término e o início de uma nova atividade topográfica, passou a ser ocupado pelo hábito de fazer rascunhos com observações importantes e notas de dúvidas sobre tal ou qual tipo de planta ou característica do solo. Aproveitando uma pequena diminuição no número de serviços Wallace viajou para visitar a família em um dos feriados de final de ano. Seus pais e o irmão mais novo Herbert, agora os únicos em casa, estavam residindo em Hoddesdon, pequeno vilarejo inglês banhado pelo rio Lea, há cerca de quarenta e oito quilômetros de onde Wallace se estabeleceu com seu irmão, em Bedfordshire. Como não existia transporte entre as duas

localidades resolveu ir a pé, levando dois dias inteiros para chegar, cansado do desconforto de ter que dormir pelo caminho, mas provavelmente feliz com seus *sketches* repletos de notas sobre plantas encontradas pela estrada.

De início os negócios de William deslancharam com um grande contrato para medição de terras de todas as regiões do condado, estabelecida pelo chamado “Tithe Act” de 1836, lei que passou a obrigar o pagamento de tributos ao Estado inglês não mais em bens imóveis e sim em dinheiro (RABY, 2001, p. 15). A grande quantidade de trabalho fez com que William e Alfred permanecessem em Bedfordshire e entornos até que as demandas diminuíssem. Daí se seguiram atividades em Barton, Turve e Soulbury, aonde William conheceu e se tornou amigo próximo de um outro agrimensor, mas também fabricante de relógios, por nome William Matthews. Trabalhando agora em conjunto com Mr. Matthews, todavia, sem novos contratos em quantidade considerável William incentivou seu irmão, agora com dezesseis anos de idade, a morar com um novo amigo e colega de profissão, na tentativa de encontrar novas perspectivas e aprender um novo ofício.

A permanência de Wallace com a família Matthews em Leighton Buzzard, na região central do Condado de Bedfordshire, durou apenas nove meses, dado que o espírito empreendedor do agrimensor, fabricante de relógios e engenheiro não o permitiu rejeitar um convite para trabalhar em Londres. Wallace confessou que durante seu período de aprendizagem de fato havia se tornado experiente em como abrir um relógio, montá-lo e limpá-lo apropriadamente ou como tratar uma joia de prata, não obstante, tenha agradecido imensamente quando Mr. William Matthews aceitou aquele emprego em Londres e o mandou de volta para seu irmão. Se tivesse permanecido como estagiário da fábrica de relógios, Wallace jamais teria tido a oportunidade de experimentar tudo aquilo que estava por vir em sua vida. “Eu teria me tornado um homem de negócios mecânicos em uma cidade do interior”, afirma ele, “por causa disso minha vida seria quase certamente encurtada e meu desenvolvimento mental atrofiado pela monotonia da minha profissão” (WALLACE, 1908, p. 73). É como se sua vida tivesse sido insensivelmente guiada por um caminho que o adaptou perfeitamente para o desenvolvimento mental e físico, em um dos tantos “pontos de viragem” de sua biografia pouco estática.

Era, portanto, hora de voltar para os trabalhos de sempre com o irmão mais velho, que indo em direção ao Oeste estava levando Alfred involuntariamente para mais uma experiência de contato com a Natureza que marcaria profundamente seu espírito curioso e questionador. O encanto pela paisagem quase totalmente rural da região de Herefordshire levou-o a escrever

ao seu amigo G. Silk dando conta do quão era prazeroso admirar as belezas naturais, respirar o puro e fresco ar das colinas ou sentar-se nas gramíneas ao meio-dia para comer um pedaço de bolo e queijo¹¹. Estes pequenos momentos de contemplação de uma Natureza que ao mesmo tempo lhe parecia “selvagem” e “familiar” retonariam à sua mente, anos depois enquanto passava penúrias na “selvagem” e “desconhecida” floresta Amazônica.

Os irmãos Wallace voltaram ao campo de trabalho, que para Alfred também era campo de “pesquisa”, e passando por New Radnor e finalmente Rhayader pôde ter certeza das desvantagens que o trabalho fora do conforto dos escritórios poderia trazer. Em um dia comum de serviço, caminhando em uma região rochosa e pantanosa da cidade, Wallace acabou escorregando em um grande buraco, no qual ficou preso em contato direto com a lama gelada, os seus pulmões consequentemente foram atingidos pelo resfriamento, e se não fosse a ajuda de um dos companheiros teria morrido sem respiração. Wallace teve que ir imediatamente para Londres, aonde o único médico a possuir especialização no sistema respiratório residia. Como parte do tratamento teve que voltar para a casa dos pais em Hoddesdon, aonde o ar mais puro seria remédio eficiente, além de diversas outras prescrições feitas pelo Dr. Ramage. Seguindo rigorosamente o tratamento, em parte por não suportar sentir-se inutilizado, Wallace estava de volta à ativa em cerca de dois meses, residindo e atuando profissionalmente ao lado do irmão em Kington.

Dentre os fatos importantes desta fase em que retornou à agrimensura, um deles merece destaque especial, por nos exemplificar as concepções “proto socialistas” sobre as quais Wallace refletia na juventude, mesmo que de forma mais internalizada do que propriamente “militante”. Ainda na região fronteiriça de Radnorshire os irmãos foram contratados para atuar na pequena Vila de Llandrindod, lá Wallace percebeu um grave problema quanto à distribuição da terra, agora estabelecida rigorosa e legalmente pelo *General Inclosure Act*, mais conhecido como os “Atos ou Leis de Cercamento”. Dentre as muitas medidas, o fechamento e estabelecimento de escrituras estatais para terras consideradas comunais, devolutas ou improdutivas garantiu o confisco da Rainha Vitória sobre parte do território que teoricamente pertenceria a todo o povo britânico. O texto da lei garantia que tais medidas visavam unicamente transformar as terras inutilizadas em produto para o desenvolvimento do Estado. Diante de tudo isso, e conhecendo de perto o problema da terra, Wallace se sentiu totalmente indignado e chamou de “roubo legalizado” a promulgação de uma lei como a do cercamento. Refletiu particularmente sobre três questões: o discurso do

¹¹ Carta de Alfred Russel Wallace para George Silk em 15/01/1840.

Estado que utilizou a justificativa do uso útil da terra para tirá-las da mão do povo, a acentuação da concentração cada vez maior de propriedades nas mãos de quem possuía muito, e não menos importante, o prejuízo para a população que perdeu inúmeros espaços livres para aproveitar a Natureza e o ar puro, em um país cujos efeitos da poluição já podiam ser sentidos com facilidade. As ideias ainda embrionárias, apesar de consistentes, compuseram futuramente um dos mais importantes estudos de Wallace no campo das ciências sociais, publicado em 1882 sob o título de *Land Nationalization: its necessity and its aims* (Nacionalização da terra: suas necessidades e seus objetivos).

Aqui cabe uma consideração a respeito do conceito de “costume”, a partir do qual E. P. Thompson (1998, p. 95) analisou os processos de institucionalização das novas legislações da terra, na grande era dos cercamentos, desde 1760 até a segunda metade do século XIX. O historiador inglês considera que a força das leis, ao contrário do que se pensa, não era terminativa, pois, a aplicação de uma nova legislação era antes de tudo uma revisão de práticas e direitos que estavam historicamente solidificados e, portanto, acreditar que os cercamentos foram unicamente instrumento de imposição do Estado britânico é reduzir o escopo de compreensões. Os *Inclosure Acts*, para Thompson, eram espaços de disputa entre os próprios sujeitos que usufruíam das terras comunais, reproduzindo desta forma a disputa de classes. A resistência ao processo e o clima de tensão, desta feita, não tinha unicamente o Estado maior como alvo, mas foi o terreno aonde diversos sujeitos encontraram para reproduzir, em nível local, o estabelecimento de normas que visavam a continuidade da velha economia dos costumes. Wallace, por seu turno, imbuído pelo pensamento de Owen, entende estes acontecimentos a partir da ótica dicotômica da disputa entre Estado e grandes Proprietários com os populares, quando a partir de uma leitura como a de Thompson entendemos que tais conflitos se davam em diversos níveis.

O interesse de Wallace pela Natureza afinava-se consideravelmente e em Kington teve contato pela primeira vez com duas obras fundamentais para seu desenvolvimento intelectual e formação de opinião especializada. No *Mechanics' Institute* da cidade, inaugurado em 1841 juntamente com diversos outros em todo o Reino Unido, leu *Principles of Geology* (Princípios de Geologia) de Charles Lyell, *Natural System of Botany* (Sistema Natural da Botânica) de John Lindley e *Personal Narrative of Travels* (Narrativa Pessoal de Viagens) escrita por Humboldt e seu companheiro de viagem Bonpland sobre a viagem à América do Sul. Estas leituras, nas palavras de Raby (2001, p. 18), deram enorme suporte para a solidificação dos estudos de Alfred sobre o desenvolvimento geológico da terra – como entendimento primeiro

sobre a “*Origem das Espécies*” - bem como a ampliação de seu olhar para um mundo ainda pouco conhecido para os europeus.

Atuando agora na pequena vila de Trallong, há poucos quilômetros das colinas de Brecon, Wallace passava horas deslumbrado diante das lembranças de seus primeiros anos, logo atrás daquelas colinas, nas nascentes do rio Usk. Era o outono de 1841 e mais uma transferência entraria para a lista dos irmãos agrimensores. Desta vez, descendo para o vale de Neath, começaram mais um período de trabalho, aonde a paixão de Wallace pela História Natural encorpou-se e passou a ser menos diletante e mais produtiva. O trabalho topográfico permitia-o tempo suficiente para contemplar as espécies e cuidadosamente tomar notas, desta forma, em cerca de dois anos já possuía uma considerável coleção natural de plantas bem particulares, sobre as quais confessou: sabia pouquíssimo ainda (WALLACE, 1908, p. 104). Para amenizar suas próprias lacunas adquiriu duas obras fundamentais: *Elements of Botany* (Elementos da Botânica) de Lindley e *Encyclopaedia of plants* (Enciclopédia de Plantas) de Claudius Loudon, junto com as quais analisou um por um, de forma exaustiva, todos os indivíduos de sua ainda amadora coleção. A dedicação de Wallace para aprender sobre dessecamento e classificação de plantas não agradava muito William, que não via na botânica uma forma efetiva de lucrar (RABBY, 2001, p. 19).

Os progressos no seu conhecimento científico, porém, não foram acompanhados pelo sucesso nos negócios do irmão, os quais haviam diminuído drasticamente com o término das ações de agrimensura ligadas ao *Inclosure Act*. Sendo assim, Wallace percebeu cada vez mais a necessidade de trilhar seu próprio caminho, sem estar sob os auspícios do irmão, que mesmo tendo lhe oferecido a oportunidade de aprender um ofício e se manter ocupado, não lhe garantia estabilidade financeira. Durante os sete anos que trabalhou com William, confessou Wallace, recebeu pouco mais que alguns trocados (WALLACE, 1908, p. 105). Estava novamente sem perspectivas de permanência, ao passo que a mudança de cidade podia ser novamente vislumbrada à sua frente, durante sua passagem dos dezenove para os vinte anos de idade.

Sucedendo a quase falência dos negócios do irmão veio a morte de seu pai em Abril de 1843, aos setenta e dois anos. Além da mãe agora viúva ainda havia o irmão menor, Herbert, que nem formação possuía. Tudo perturbou bastante Wallace, que sempre demonstrou o máximo de preocupação com o bem-estar daqueles que tinham lhe proporcionado na medida do possível um lar confortável e amoroso. Não voltar para casa era a decisão mais acertada, pois, mais um membro para viver no lar em momento de crise significaria mais trabalho para

o sustento de todos. Provavelmente seguindo este pensamento, decidiu voltar a trabalhar com seu irmão John em Londres enquanto procurava diuturnamente um trabalho fixo.

Alfred descobriu a vaga de emprego que não apenas lhe daria a oportunidade de solucionar os problemas financeiros mais urgentes, mas que também lhe abriria as portas para uma transformação de vida, a qual não se resumia apenas à mudança de *habitat* tais como as outras, mas seria uma mudança de perspectiva de vida e especialmente intelectual. A vaga era para professor de Inglês, Desenho, Agrimensura e Aritmética do *Collegiate School* da cidade de Leicester, com um salário modesto de £40,00, mas, com residência garantida por Mr. Abraham Hill, Diretor da escola. Wallace não pensou duas vezes antes de se inscrever, apesar de nunca ter se sentido confortável o suficiente com o fato de se tornar um professor, mas essa era a oportunidade para dar novos rumos à sua vida, além de gradativamente poder livra-se de seu jeito meio tímido. Desde criança, Wallace sempre se mostrou interessado pelos processos educacionais, ao ponto de ter criticado duramente o sistema de ensino no qual recebeu formação durante seus anos em Hertford. Jamais pareceu aceitável, mesmo quando ainda muito jovem, que o conhecimento se restringisse à rígida divisão de especificidades, em detrimento de um ensino baseado nas muitas variedades de temas e discussões.¹²

As circunstâncias que levaram Alfred a Leicester ofereceram também a chance de conhecer Henry Walter Bates, aquele que seria um dos seus grandes amigos e também uma de suas maiores influências em se tratando de Ciência, e de modo particular de Entomologia, a área que depois da Botânica se tornou sua grande paixão até o fim de seus dias.

Não é preciso acreditar que a vida possua uma linha irredutivelmente predefinida para perceber que as circunstâncias baseadas em nossas vontades e escolhas nos levam a trilhar certos caminhos, dos quais só posteriormente percebemos a importância para nosso próprio crescimento. Foi assim com a mudança de Alfred para Leicester. A rotina rígida da escola e as muitas atividades da quais deveria dar conta, não o impediam de gastar parte do seu tempo ao que vinha se dedicando: ler, anotar, questionar. Nos corredores da ótima biblioteca pública da cidade passou horas nutrindo-se com as mais importantes narrativas do campo da Ciência da Natureza, e também da Literatura e da poesia, tão presentes em sua vida desde a infância. Foi

¹² Em 1843 Wallace preparou um ensaio intitulado *The advantages of varied knowledge* (As vantagens do conhecimento variado) para que fosse publicado por alguma sociedade intelectual ou periódico, entretanto, este não veio a público e só recebeu publicação em 1905. Em nenhum dos documentos estudados até o presente momento, conseguimos encontrar qualquer explicação para o fato de o ensaio ter ficado na surdina por tantos anos.

também nesses corredores que encontrou pela primeira vez o entomologista autodidata Walter Bates, entusiasta estudioso de besouros e borboletas que o introduziu de vez nas bases da História Natural em seu sentido mais empírico, dada à experiência com coleta e coleção de insetos que Bates possuía mesmo na tenra idade de vinte anos (FERREIRA, 2012, p. 24).

A inscrição como membro da biblioteca de Leicester, antes de tudo, foi a primeira medida tomada quando do recebimento do seu primeiro pagamento (RABBY, 2001, p.21), e sem perder tempo continuou palmilhando as muitas leituras que apareceriam futuramente como referências basilares em seu trabalho como explorador e naturalista. Neste período de apreensão intensa de conhecimento bibliográfico, ousaria dizer, foi o momento primeiro de gestação do interesse específico de Wallace pelo conhecimento da Natureza tropical, e as oportunidades de inovação da Ciência que a descoberta de novas espécies no além-mar poderia trazer. Dentre diversas leituras feitas neste período é inevitável e importante a citação de duas delas: *Personal narrative of travels in South America* (Narrativa pessoal de viagens na América do Sul), lida uma segunda vez com mais foco, e *Essay on the principle of population* (Ensaio sobre o princípio da população), escritos pelo alemão Alexander Von Humboldt e pelo inglês Thomas Malthus, respectivamente. Esta lista ainda inclui *History of the conquest of Mexico* (História da conquista do México) de William Prescott e *History of America* escrita por William Robertson.

Sobre a obra de Humboldt há de se considerar especialmente dois fatores: o primeiro, e mais notável, é que por si só o nome do naturalista alemão gracejava nos ciclos científicos europeus desde a realização bem sucedida de sua viagem dividida em várias expedições pela América do Sul entre 1799 e 1859, ao lado do francês botânico e médico Aimé Bonpland. O segundo, por seu turno, diz respeito ao grande impacto causado por esta expedição, não apenas sobre Wallace, mas sobre a grande maioria dos cientistas e interessados no conhecimento da Natureza em meados dos oitocentos. Consideramos Humboldt, sem demérito de nomes como William H. Edwards, Spix, Martius, Johann Natterer ou mesmo o brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira, o grande nome que inaugurou sistematicamente os debates sobre os valores científicos da viagem exploratória, e suas implicações, no universo da Ciência que gradativamente passava por mudanças importantes no decorrer dos séculos XVIII e XIX.

Neste ínterim, o século XIX assistiu a certo aceleração nas mudanças internas e externas ao campo científico, devido especialmente ao aumento nas expedições exploratórias ao redor do mundo, o que permitiu à Europa uma ampliação jamais vista do saber. Entre

posições clássicas, tal como a de Buffon que acreditava na validade total do trabalho científico reduzido ao gabinete, e de novas tradições como a inaugurada por Humboldt, a ciência oitocentista parecia começar a se inclinar bem mais para esta última. (AGUIAR & DA SILVA, 2013).

Thomas Malthus, em contrapartida, não foi apenas uma leitura necessária para o enriquecimento do aprendizado de Wallace sobre Demografia, mas o pensamento do economista sobre incremento populacional, bem como sobre ações efetivas para a diminuição de indivíduos dentro de uma população, povoaram a mente do galês por anos, e tal como muitas de suas ideias fixas, se transformaria genialmente no *insight* febril que o levou a entender o mecanismo da seleção natural como base para o processo de evolução das espécies, anos depois na Malásia. O próprio Alfred não se esqueceu de narrar em sua autobiografia o peso que a leitura malthusiana exerceu sobre sua vida, desde que a experimentou pela primeira vez em Leicester: “[...] O primeiro trabalho que eu já tinha lido tratando sobre qualquer um dos problemas da filosofia da biologia, e seu princípio fundamental permaneceu comigo como uma possessão permanente, e vinte anos depois me deu a tão procurada pista para o agente efetivo na evolução das espécies orgânicas.” (WALLACE, 1908, p. 123-124).

Muitas leituras, *sketches* e conversas empolgadas com o novo grande amigo. Através do vendedor de livros de Mr. Hill, Wallace adquiriu uma edição do *Manual of British Coleoptera* (Manual de Coleoptera Britânica), na qual estava encontrando tanto prazer e utilidade na leitura quanto ao ler *Botany* de Lindley. A estadia de Alfred em Leicester não estava lhe rendendo apenas certa segurança financeira, mas também o prazer de poder compartilhar com alguém sua empolgação com a Ciência, algo que jamais encontraria em seu irmão, com os técnicos e pragmáticos agrimensores com quem conviveu, ou mesmo na rural atmosfera de sua terra natal em Gales. Alfred, Bates e Frederick, irmão mais novo do entomólogo, faziam coletas de insetos próximo a Leicester: no Bradgate Park e na Charnwood Forest, duas áreas extensas e com diversos campos abertos, próprios para prática de captura, em um período que evidentemente a industrialização ainda não havia alterado totalmente os quadros naturais da parte mais rural da Inglaterra (FERREIRA, 2012, p. 25).

A próxima ruptura na vida de Wallace não veio diretamente por problemas financeiros como das vezes anteriores, mas sim pelo inesperado falecimento do seu irmão William por volta de Março de 1845. Nas tantas horas de viagem de trem em busca de contratos e novas oportunidades, se resfriou, e sem os cuidados necessários o pequeno problema se transformou

em uma fatal pneumonia. Esta perda levou o promissor colecionador de insetos a retornar para Neath, onde havia morado previamente com o irmão agora falecido; a sua ida se deveu principalmente com o intuito de não deixar morrer de vez o negócio mantido com tanto afinho por William, e que durante setes anos, mesmo sob muitas dificuldades, permitiu que Wallace tivesse um ofício e pudesse no futuro trilhar seu próprio caminho. As mudanças de Alfred, tal como vimos, interferiram diretamente no caminho de cientista da Natureza no qual ele havia se iniciado, tal como seus aproximadamente três anos em Leicester, os quais não apenas lhe puseram em direto contato com grandes obras de Ciência e com discussões produtivas com Bates, mas também lhe proporcionaram aprender na prática as técnicas e nuances do ofício de entomologista. Seguindo a linha de pensamento de Ricardo Ferreira (2012, p. 26), o retorno do galês para o país natal, apesar das circunstâncias não muito felizes, foi fundamental para os historiadores que se dedicaram a estudar a vida e obra de Wallace, pois, devido a este afastamento de Leicester este começou a trocar diversas correspondências com Henry Walter Bates, hoje importantíssimas fontes históricas que revelam detalhes do crescimento intelectual de Wallace, bem como das discussões dos principais temas das Ciências da Natureza.

A volta de Wallace para Neath ainda merece um importante adendo que nenhuma biografia do naturalista deve negligenciar, e que revela o exato momento em que as questões em torno da origem das espécies e da variedade das mesmas começam a preocupá-lo de forma mais incisiva. É evidente, porém, que a questão da variedade das espécies de besouros coletados juntamente com Bates havia tocado profundamente a curiosidade acurada de Wallace, tal como escreveu em sua autobiografia: “Pedi-me [Bates] para ver sua coleção e eu fiquei admirado com o grande número e variedade de besouros, com suas formas muito estranhas e suas lindas cores e desenhos, e mais surpreendido de tudo saber que quase todos eles tinham sido coletados em Leicester [...]” (WALLACE, 1908, p. 128).

O fato que para nós é digno de menção é o que diz respeito ao livro *Vestiges of the Natural History of creation* (Vestígios da História Natural da criação). Publicada anonimamente em 1844 e cheia de controvérsias, a obra foi associada posteriormente ao escritor e editor Robert Chambers e lida pela primeira vez por Wallace quando de seu retorno para Neath. Horas e horas dispensou lendo, relendo e analisando os argumentos levantados pelo autor a respeito da origem e das diferenciações entre as espécies, além evidentemente das discussões com Bates através de correspondência. Em carta de Novembro de 1845, após relatar a organização de suas caixas para coleção de insetos e agradecer o recebimento dos

exemplares de *Chrysomela* e *Donacia* enviados por Bates, Wallace encerrou com a seguinte questão: “Você leu ‘*Vestiges of the Natural History of Creation*’ ou está fora de sua linha?”¹³

O livro de Chambers se notabilizou no período especialmente por dois motivos: o primeiro diz respeito ao fato de o autor ter realizado uma verdadeira colcha de retalhos com as mais diversas teorias especulativas sobre a Natureza existentes em sua época; e segundo, o que revela o motivo da obra ter permanecido anônima por quarenta anos: o autor propunha um golpe na concepção ortodoxa da era vitoriana de que as espécies eram fixas, de acordo com a sua criação nos primórdios por Deus. *Vestiges* afirmava ainda, que a vida é uma progressão orgânica e que os tipos mais simples de existência, através de processos autogestores, originaram o tipo imediatamente posterior a estes, o qual daria prosseguimento ao sistema de “transmutação”, uma vez que no período o termo “evolução” ainda não havia sido sistematizado (BECCALONI & SMITH, 2009). Fica claro, portanto, o motivo pelo qual Wallace se sentiu tão entusiasmado com esta leitura: *Vestiges* lhe deu a oportunidade de vislumbrar proposições que casavam perfeitamente com as muitas ideias de origem das espécies que povoavam sua mente há algum tempo. Em outra carta a Bates, que parece não ter sido tão favorável ao polêmico livro como Wallace, este último defende a obra contra as acusações de ser uma generalização sem fundamento:

Eu não considero isto [*Vestiges*] como uma generalização apressada, mas sim como uma engenhosa hipótese fortemente sustentada por marcantes fatos e analogias porém que permanece para ser provada por mais fatos e a luz adicional que as futuras pesquisas podem lançar sobre o assunto [...]¹⁴

Lectures on physiology, zoology and the natural history of mankind havia sido lançado em 1819 e reimpresso de forma inautorizada diversas vezes, o que tornou o livro de Sir. William Lawrence um dos grandes *best sellers* da época. Uma obra não menos envolvida em controvérsias e choques com o saber dominante da igreja vitoriana, e também, não menos influente sobre o pensamento de Wallace. A riqueza de ideias oferecida pela leitura destas duas obras levou-o a dedicar uma correspondência praticamente inteira a discuti-las com Bates. Ora, o que haveria de mais instigante do que um pensamento que entende as

¹³ Carta de Alfred Russel Wallace para Henry Walter Bates em 09/11/1845. No original: “Have you read ‘*Vestiges of the Natural History of Creation*’? or is it out of your line?”.

¹⁴ Carta de Alfred Russel Wallace para Henry Walter Bates em 28/12/1845. No original: “I do not consider it as a hasty generalization [sic], but rather as an ingenious hypothesis strongly supported by some striking facts and analogies but which remains to be proved by more facts & the additional light which future researches may throw upon the subject [...]”.

diversidades humanas, e por tabela também dos outros animais, não como efeito de uma causa externa e sim como evidência do processo natural de desenvolvimento e diferenciação entre os indivíduos? Wallace se mostrou bastante empolgado ao escrever para o amigo; é perceptível como não poupa esforços em expor esgotadamente os impactos que andava sofrendo destas leituras em História e Filosofia da Natureza e do ser humano. O mesmo que costumeiramente escrevia de forma tão contida e austera tinha agora um turbilhão de pensamentos para refletir, bases do que seria futuramente a grande obra de sua vida: a teoria evolutiva pela seleção natural. William Lawrence era um médico cirurgião inglês, Presidente do *Royal College of Surgeons* de Londres, o qual não apenas se notabilizou por sua atuação clínica mas também pela divulgação de suas ideias no campo da Filosofia. Refletindo a respeito do que atualmente chamamos de variações étnicas, Wallace subiu um grande degrau na sua escalada do conhecimento ao projetar sobre o ser humano as mesmas categorias aplicadas ao resto do reino animal:

[...] As variações da raça humana não procedem de qualquer causa externa porém vem sendo produzida pelo desenvolvimento de certas peculiaridades distintivas em alguns indivíduos os quais tem se propagado através de uma raça inteira. - Agora eu poderia dizer que uma peculiaridade permanente não produzida de forma alguma por causas externas é uma distinção de espécies e não de mera variação.¹⁵

A percepção do cruzamento da leitura de Chambers e Lawrence, de que as distinções entre os seres tanto podem significar uma variação de determinado indivíduo como o desenvolvimento e propagação de uma nova espécie, não foi exclusividade de Wallace, uma vez que em sua obra de 1871, *The descent of man*, Darwin expôs as ideias em relação ao processo de desenvolvimento do ser humano através das eras e a sistematização da seleção sexual, claramente sustentado nos princípios expostos anos antes por Sir. Lawrence.

Charles Darwin também figurava entre os autores de cabeceira daquele que, coincidentemente ou não, se tornaria um dos seus principais parceiros e correspondentes nas pesquisas sobre origem e evolução dos seres vivos. O diário de viagem de Darwin, a bordo do *H.M.S. Beagle* havia sido publicado sete anos antes, em 1839, e devido ao crédito dado a obra é evidente que despertaria a atenção de Wallace. Este revela tê-lo lido três ou quatro anos

¹⁵ Carta de Alfred Russel Wallace para Henry Walter Bates em 28/12/1845. No original: “[...] That the varieties of the Human race have not proceeded from any external cause but have been produced by the development of certain distinctive peculiarities in some Individuals which have become propagated through an entire race. -- Now I sh[oul]d say that a permanent peculiarity not depending produced in any way by external causes is a distinction of species & not of mere variety [...]”.

atrás e de estar relendo mais uma vez, possivelmente de forma tão empolgada quanto da primeira, tendo em vista que os elogios tecidos ao estudioso das Ilhas Galápagos não foram tão modestos:

Como o diário de um viajante científico fica em segundo [lugar] apenas para as "Narrativas Pessoais de Humbolt [sic]" como um trabalho de interesse geral talvez superior a este -- Ele é um ardente admirador e o apoio mais capacitado das ideias de Mr. Lyell -- Seu estilo de escrever eu admiro bastante, tão livre de toda dificuldade, afetação, ou egoísmo e ainda tão cheio de interesse e pensamento original.¹⁶ [Grifo Nosso].

As palavras de admiração pela genialidade de Darwin anteciparam a grande relação de afeto e reconhecimento que marcaria o cruzamento da história destes dois homens. A tradição de divergências de opiniões a respeito de uma “real” posse do título de “pai da teoria da evolução pela seleção natural”, tem deturpado e desviado o foco de uma pesquisa mais consequente e menos belicosa a respeito da relação Darwin/Wallace, devendo-se ao fato de existir ainda uma grande arenga de egos que nem de longe corresponde à grande amizade cultivada por estes dois estudiosos britânicos. Para ilustrar o dito damos um ousado salto na cronologia de vida do nosso personagem, aonde encontramos um Wallace que passou a ser frequente em Down House, a residência dos Darwin, que contou com a influência do amigo para melhorar as situações financeiras e que reconheceu seu legado publicando o livro *Darwinism* em 1889. Há que se levar em conta, porém, que em 1845 Wallace nem imaginaria qualquer consideração por parte de Darwin, que mesmo jovem gozava de um considerável prestígio por sua presença na expedição de quase cinco anos pela América do Sul e Oceania.

Um terceiro nome nos surge quando buscamos mapear as recepções e apropriações intelectuais, na rara fase sedentária vivida por Wallace em Neath. Para reforçar ainda mais as muitas eventualidades transformadoras de sua vida este terceiro nome não poderia ser outro que não Charles Lyell, uma das peças chave na trama político-intelectual em torno da divulgação dos resultados similares encontrados por Wallace e Darwin, de forma independente, a respeito da seleção natural das espécies em 1858 (FERREIRA, 2012, pp. 73-87).

¹⁶ Carta de Alfred Russel Wallace para Henry Walter Bates em 11/04/1846. No original: "[...] As the Journal of a scientific traveller it is second only to "Humbolt's personal narrative" as a work of general interest perhaps superior to it -- He is an ardent admirer & most able supporter of Mr Lyell's views -- His style of writing I very much admire, so free from all labour, affectation, or egotism & yet so full of interest & original thought [...]"

Lyell era um respeitado e aclamado geólogo, o qual fez nome junto às sociedades científicas especialmente a partir do sucesso de sua obra-prima *Principles Of Geology*, publicado em três monumentais volumes entre 1830 e 1833. O seu legado, do qual Wallace foi um dos caudatários, não se resumiu apenas ao prestígio de seu pertencimento à *Linnean Society* ou à Sociedade Geológica de Londres, mas também aos efeitos que a divulgação de suas conclusões causou no pensamento criacionista. Charles Lyell havia retomado as ideias ainda por se desenvolver de James Hutton, o primeiro a escrever uma obra de Geologia que se distanciava em partes cruciais do chamado “Catastrofismo”, tradicional concepção que atribuía ao Planeta Terra a idade máxima de seis mil anos, e que explicava a existência de fósseis como causas de cataclismos bíblicos, responsáveis pela extinção de antigas espécies, substituídas automaticamente por Deus (FERREIRA, 2012, p.54). Lyell, por seu turno, deu ao estudo de Hutton um grande reforço a partir de observações empíricas da estratigrafia do Planeta, através das identificações de tipos e quantidades de conchas marinhas nas estruturas minerais. Além disso, Lyell foi pioneiro no cruzamento dos estudos sobre a evolução da Terra e a consequente implicação da mesma sobre a evolução dos seres vivos.

Ainda lendo os trechos em que Wallace expôs para Bates sua opinião a respeito da não total inutilidade do trabalho atribuído a Robert Chambers, adversamente à visão de boa parte dos cientistas, chegamos a outro autor que compôs as bases da formação autodidata de Wallace: Mr. James Cowles Prichard, um dos primeiros nomes a se declarar como signatário da tradição “evolucionista” do século XIX. Influenciado diretamente pelas proposições fecundas de Lamark, Erasmus Darwin ou mesmo Buffon, publicou em 1813 a complementação de um trabalho prévio de 1808, o seu influente *Researches into the Physical History of mankind* (Pesquisas sobre a História Física da humanidade), do qual Wallace lançou mão em sua correspondência supracitada de Dezembro de 1845. Sobre o pioneirismo de Prichard, diz: “[...] Ele [Lawrence] chega à conclusão tal como Mr. Pritchard [sic] chegou em seu trabalho sobre a história Física do homem.[...]”¹⁷, ou seja, à conclusão de que a humanidade é una, porém, as diferenças existentes em seu âmago levaram ao entendimento de que as variações de tipos humanos eram efeitos de uma causa intrínseca ao desenvolvimento destes mesmos, causa essa que só teria sua verificabilidade publicada no trabalho conjunto de Wallace e Darwin, em 1º de Julho de 1858.

¹⁷ Carta de Alfred Russel Wallace para Henry Walter Bates em 28/12/1845. No original: “[...] He arrives at the conclusion as does Mr. Pritchard [sic] in his work on the Physical history of man [...]”.

A grande rede de saberes e intelectuais compartilhada por Wallace foi, portanto, sintoma do que Chartier discutiu quando usou os termos “condições de possibilidade” e “condições sociais de possibilidade” da leitura (CHARTIER, 1997), as quais nos conduzem ao entendimento de que a história do saber, coletiva ou individualmente, é a história do acúmulo ou entrecruzamento de interpretações possíveis. Mesmo no alto de sua criatividade ou curiosidade científica, o cientista que se gestava paulatinamente nas salas de leitura de Leicester, Neath ou Londres e na prática desse conhecimento através das coletas no Bradgate Park, não seria o mesmo que se construiu sem os contatos eruditos – mesmo fora do mundo acadêmico – com os quais nutriu a quase que inevitável paixão por tudo aquilo que nos rodeia ou que vive, ou por nós mesmos: partes desse enigma que é a vida sobre a Terra.

Apesar da progressiva solidificação científica que o acesso ao saber possibilitou a Wallace em sua estadia em Neath, registrou duas circunstâncias que o incomodavam em estar na cidade: escassez do acesso a obras de conhecimento específico, tais como Zoologia, e a ausência de amigos interessados em Ciência Natural ou em qualquer outro campo similar do conhecimento. Wallace havia se tornado curador do museu da Sociedade Filosófica, e mesmo com todo o acervo de livros ao seu alcance escreveu em carta de 11 de Abril a Bates, a respeito da decepção gerada pelo seu isolamento em Gales. Deixava nas entrelinhas as saudades de quando podia contar com alguém que era mais do que uma pessoa próxima, e sim um verdadeiro parceiro de coleta e de discussões:

Eu invejo muito você que tem amigos perto ligados à mesma busca. Eu não conheço uma única pessoa nesta cidade que estude qualquer um ramo da História natural, de modo que eu estou sozinho em minha glória a este respeito. Nós temos uma boa biblioteca mas eles não terão trabalhos além daqueles de interesse genérico; e há uma Sociedade Filosófica com um pequeno museu muito bom, mas eles têm pouquíssimo dinheiro para gastar com livros - Na biblioteca da Sociedade Filosófica em Swansea eles tem algumas boas obras em História Natural, mas infelizmente escassos em Entomologia - Como é que você consegue tantos bons trabalhos na Biblioteca de Leicester?¹⁸ [Grifo do autor].

¹⁸ Carta de Alfred Russel Wallace para Henry Walter Bates em 11/04/1846. “I quite envy you who have friends near you attached to the same pursuit. I know not a single person in this little town who studies any one branch of natural History so that I am all alone in my glory in this respect. We have a pretty good Library but they will have no works but those of general interest; and there is a Philosophical Society with a very nice little Museum but they have very little money to spare for books -- In the library of the Phil. Soc. at Swansea they have some very good works on Natural History but unfortunately scarcely one on Entomology -- How is it you get so many good works in the Library at Leicester?”.

No começo de 1846, além de um profundo processo de aprendizagem científica, Wallace estava vivendo um raro momento de estabilidade financeira. O patriarca da família Sims, que futuramente se tornaria o sogro de sua irmã Frances, havia lhe garantido boas parcerias e oportunidades de trabalho no ramo em que havia se especializado com William, além de ter sido bem sucedido na busca pelos principais credores do irmão falecido, o qual preventivamente guardava cada nome, endereço e débitos em seu caderno pessoal. Com a renda segura Wallace adquiriu uma modesta casa de campo em Llantwit, uma vila bem próxima de Neath, e para lá levou sua mãe e o irmão Herbert. Tendo agora certeza de que poderia sustentar a família, convenceu John a deixar os negócios em Londres e voltar para Gales, desta feita, a dispersão que era tão comum nesta família, foi relativamente amenizada. O talento de John com carpintaria e a experiência técnica de Wallace com Engenharia e Arquitetura poderia tornar sua situação ainda mais próspera. A construção bem sucedida de uma casa de campo para um cliente abriu as portas para os irmãos Wallace, os quais participaram também da configuração e supervisão do projeto de construção da nova sede do Instituto Mecânico de Neath.

Ao contrário de seu crescimento na área de Engenharia, a inserção intelectual de Wallace não se fazia sentir ainda de uma forma plenamente realizada, afinal de contas, quais espaços estavam abertos para um simples coletor de borboletas e besouros que ousava se arriscar como “pensador” ou “teórico”, sem ao menos carregar consigo o certificado de ensino colegial? A pergunta leva a uma reflexão dos limites entre a capacidade e as oportunidades estabelecidas pelas relações sociais, também nos mostra que as escolhas e posturas tomadas por cada indivíduo correspondem diretamente à construção de sua própria história. Apesar de seu histórico difícil, como membro oriundo de um grupo menos abastado e com pouco prestígio social e religioso, Wallace estava trilhando um caminho naquilo que os ingleses costumam chamar de *on his own*, que em tradução livre pode ser entendido como “em si mesmo” ou “em seu próprio caminho/fazer”.

A sua autonomia e persistência, porém, não se resumia ao autodidatismo, mas também à busca de inserção em redes de saber, largadamente citadas, que possibilitassem o seu desenvolvimento enquanto um interessado na História Natural, com uma enorme potencialidade para se tornar um grande nome neste campo. Desta forma, Wallace não permitiu que sua relativa distância dos grandes centros de saber ingleses, durante o período vivido em Neath, pudesse embargar um desejo cada vez maior por saber e por experimentar tudo aquilo que lia em Humboldt, Darwin, Lyell, Chambers e tantos outros.

A busca de Wallace por bons cientistas em sua terra natal foi de certa forma bem sucedida. Lewis Weston Dillwyn passou a compor a lista dos principais destinatários das suas correspondências, e se tornou bastante importante para as suas pesquisas experimentais com Entomologia. O naturalista e ainda membro do parlamento britânico, revelou sua grande alegria em saber que Gales tinha um possível grande nome para a ciência natural, compartilhando com Wallace a ausência e isolamento científico da região, mas não perdendo de vista a oportunidade de realizar importantes trocas intelectuais com o filho das margens do rio Usk. Dillwyn era proprietário do famoso *Sketty Hall* em Swansea desde 1831; seguindo a tradição dos anteriores proprietários não perdeu de vista a produtividade intelectual que o centro de eventos científicos concentrava desde sua fundação. A primeira correspondência enviada por Wallace para Dillwyn infelizmente não foi preservada nos arquivos públicos ou pessoais da família, mas pela resposta do mesmo podemos perceber o grande ritmo de produção no qual Wallace estava vivendo enquanto frequentava as salas de estudo, bibliotecas e conferências da Sociedade Filosófica de Neath e Swansea, ou enquanto caçava e observava nas colinas abertas do Rocking Stone, nos vales sulistas de Gales. É como se Dillwyn tivesse lido não só a carta recebida de Wallace para aos membros do *Sketty Hall*, mas também aquelas dramáticas linhas escritas para Bates em Abril de 1846, pois concorda em quase todas as palavras:

Tenho mostrado esta tarde sua carta ao Conselho de nossa Instituição. Eu estou correto em predizer a resposta deles -- O fato é que não temos um único membro que saiba alguma coisa sobre insetos e lamento que eu não ouvi sobre termos um entomologista na vizinhança até eu ter recebido sua carta.¹⁹

As linhas escritas por Mr. Dillwyn, como um dos poucos e importantes cientistas de Gales, devem ter soado dramaticamente para Wallace que agora comprovava suas palavras ditas antes a Bates, afinal, sem um apoio consistente a sua intenção de especializar-se cada vez mais se tornava difícil. Leituras em Filosofia da Biologia, Geologia e outras áreas de conhecimento geral não podiam mais oferecê-lo aquilo que precisava, que era estudar meticulosamente a constituição de indivíduos de diversos gêneros e famílias para assim poder produzir conclusões inéditas. A resposta negativa na carta recebida, porém, não impediu o

¹⁹ Carta de Lewis Weston Dillwyn para Alfred Russel Wallace em 25/02/1848. No original: “I have this afternoon shown your letter to the Council of our Institution. I am correct in foretelling their answer -- The fact is that we have not a single member who knows anything about Insects & I regret that I did not hear of our having an Entomologist in the neighbourhood [sic] till I received your letter.”.

desejo de continuar trilhando seu caminho por conta própria, ao passo que as últimas linhas da correspondência trazem bons elogios ao trabalho desenvolvido por Wallace até aquele momento: “Estou feliz em saber que sua valiosa coleção permanecerá em Neath, e confio que acompanhará um Catálogo com os habitats particulares de todas as regiões de Gales.”²⁰, completou o naturalista. Dillwyn referia-se neste trecho ao diário de História Natural que Wallace vinha desenvolvendo desde o começo de 1846, incentivado que fora pelas aulas de captura e análise entomológica que recebeu de Bates em Leicester. Na carta de Abril de 1846, já referida anteriormente, explicou ao amigo de que forma ousou fazer aquilo que só grandes especialistas tinham a tradição e o conhecimento necessários para fazê-lo:

Tenho recommençado um plano que eu iniciei há 2-3 anos atrás, porém descontinuado. Aquele de manter um Diário de História Natural. Uma espécie de livro diário no qual eu insiro todas as minhas capturas em todos os ramos da História Natural com o dia do mês, localização etc. e adiciono todas as observações que eu tenho que fazer em características específicas, hábitos, etc.²¹

Por que esperar pelo apoio dos grandes para ter acesso às suas coleções entomológicas e relatórios, quando Wallace poderia fazer isto por conta própria? A ideia de manter o diário, tão elogiado por Dillwyn, não só satisfazia a um capricho do perfeccionismo de Wallace, como foi também a ideia que o colocou reconhecidamente diante dos ciclos científicos pela primeira vez em toda a sua vida, através da descoberta, catalogação e análise do *Trichius fasciatus*, um besouro da família *Scarabaeidae*, o qual Wallace encontrou enquanto caminhava com seu irmão John pela região dos vales de Rocking Stone, seu local de captura favorito próximo a Neath. A descoberta aconteceu da forma mais bucólica e idealizada possível, não muito diferente de tantas experiências marcantes que seriam vividas por ele nos quase quinze anos de exploração, vividos entre o Brasil e a Malásia.

Em *My life*, sua autobiografia, o cientista pragmático deu lugar ao amante apaixonado pela natureza ao descrever o clima no qual aquela espécie tão bela de besouro apareceu diante de seus olhos. Desde que John havia voltado a morar junto com Wallace, eles usavam o tempo livre para caminhar pelas partes mais desconhecidas do Vale de Neath; Wallace em

²⁰ Ibidem. No original: "I am glad to hear that your valuable collection will remain at Neath, & trust that it . . . accompanied by a Catalogue with the particular Habitats of all the Welsh Regions".

²¹ Carta de Alfred Russel Wallace para Henry Walter Bates em 11/04/1846. No original: "I have recommenced a plan which I began 2-3 years ago but discontinued. That of keeping a Natural History Journal. A sort of day Book in which I insert all my captures in every branch of Natural Hist[ory] with the day of the month, locality &c. and insert add any remarks I have to make on specific characters, habits, &c &c...".

busca constante por exemplares raros e belos de besouros, John com os olhos fitos em qualquer tipo de pássaro ou réptil que lhe chamasse atenção. Em um dia de Junho de 1846, em pleno verão, os irmãos planejaram caminhar o máximo possível adentro dos vales e colinas selvagens, e assim, permanecer no meio da Natureza sem o conforto de suas camas ou o aconchego de um teto sobre suas cabeças. O que Wallace não poderia imaginar é que mais um dos costumeiros passeios e piqueniques com John lhe renderia uma menção científica, de relativo peso, diga-se de passagem, para alguém considerado como um mero colecionador de insetos e curioso sobre Biologia. Na página 1647, seção “Insects”, da edição de Abril de 1847 escreveu Edward Newman, entomologista e editor chefe, no periódico *Zoologist*:

Captura de *Trichius fasciatus* próximo a Neath - Peguei um único espécime deste belo inseto em uma flor de *Carduus heterophyllus* próximo das cachoeiras no topo do Vale de Neath. - Alfred R. Wallace, Neath. [Os outros insetos na lista do meu correspondente dificilmente valem a pena ser publicados].²²

Nem todo o talento de Wallace seria suficiente para impactar grandemente Newman, sem que o primeiro pudesse ter acesso às grandes coleções especializadas de Entomologia, tais como as inúmeras que existiam em Londres, cidade que parecia agora tão longe para alguém que optou permanecer com a família enquanto tudo voltava a se reestruturar. O adendo não tão feliz na menção do periódico poderia parecer frustrante em outro caso, mas estamos nos referindo a Wallace, que além de ser dono de um espírito altivo estava colhendo frutos de um esforço hercúleo, sem base financeira, sem presença nos círculos científicos e o pior de tudo: sem acesso às obras básicas de classificação e nomenclatura entomológicas.

Wallace e Bates mantinham freneticamente suas trocas de experiências, de espécies, e de opiniões sobre o impacto de obras lançadas e as novidades em suas respectivas coleções de insetos, até que depois de tanto tempo distantes, os amigos que se fizeram em Leicester puderam se reencontrar. Bates havia concluído seu período de aprendizagem como escriturário, e agora trabalhando para uma empresa cervejeira (FERREIRA, 2012, p. 26) pôde usufruir da oportunidade de descer ao litoral e visitar por uma semana o grande amigo. A viagem possivelmente lhe ajudaria a tirar um pouco o estresse e o desapontamento com o

²² Capture of *Trichius fasciatus* near Neath. *Zoologist* 5: 1676. No original: “Capture of *Trichius fasciatus* near Neath - I took a single specimen of this beautiful insect on a blossom of *Carduus heterophyllus* near the falls at the top of Neath Vale. - Alfred R. Wallace, Neath. [The other insects in my correspondent's list are scarcely worth publishing. - E. Newman]. Periodical contribution: Wallace, A. R. 1847. Disponível em: <http://wallace-online.org/content/frame?seq=1&itemID=S002&viewtype=text>. Acesso em: 23/09/2013.

emprego, que claramente não correspondia à grande paixão que pulsava em seu peito - tal como de seu amigo Wallace - a Entomologia. A forma como aproveitaram seu reencontro não poderia ser diferente: coletando besouros e discutindo diversos assuntos, muitos deles tantas vezes infelizmente resumidos no pouco espaço que as cartas lhes proporcionavam.

Mais uma vez as circunstâncias agiram de forma a traçar os destinos de Wallace juntamente com Bates, pois, ambos insatisfeitos com suas condições de vida resolveram tomar uma decisão que mudaria suas histórias para sempre. Possivelmente, enquanto caminhavam livremente pelos vales de Neath, Wallace e Bates se enxergaram pela primeira vez como potenciais exploradores e coletores profissionais, cujo interesse naturalista não os possibilitava continuar conformados com a monotonia dos escritórios ou com o tecnicismo pragmático dos serviços de agrimensura. Portanto, foi naquela célebre semana de verão de 1847 que a dupla de entomologistas autodidatas decidiu realizar em um futuro breve uma expedição para coleta nas regiões tropicais. Não seria mais, porém, um simples passeio pelas redondezas do Bradgate ou do Regent's Park, muito menos um piquenique agradável com o irmão, mas sim uma verdadeira aventura, tal como nas muitas que quando criança Wallace viajou na leitura enquanto seu pai trabalhava na biblioteca pública de Hertford: Dom Quixote, Roderick Random e tantas novelas pitorescas que pululavam nas salas de leitura oitocentistas.

Pondo a ficção e a poesia de lado, a necessidade da escolha correta do destino desta provável expedição deveria ser tomada com cuidado. O clima deveria ser ponderado, as condições marítimas de navegabilidade da mesma forma, sem contar nas possibilidades de retorno financeiro que um destino não tão bem traçado poderia dificultar. O entusiasmo de jovens sonhadores, mas pouco abastados, era inegável, restava-os decidir para onde realmente ir. Bates retornou para sua monótona vida de burocrata, mas deixou com o amigo uma chama bem acesa, as cartas enviadas nesse período pré-expedição dão sinal das intenções e questionamentos científicos, as quais incentivavam Wallace a partir para um novo mundo.

Enquanto todas as condições e necessidades básicas de sua expedição não estavam arregimentadas, Wallace decidiu viajar para Londres, aonde se encontraria com sua irmã Frances que acabara de voltar dos Estados Unidos, após um período como professora de francês na Georgia. Cada oportunidade de fortalecer seu conhecimento não era jamais desperdiçada, ao passo que Wallace aproveitou a estadia de Bates em Neath para pedi-lo uma carta de recomendação para os principais museus de Londres, afinal, a rede de contatos de Bates era muito mais bem estruturada que a sua, devido ao longo período de isolamento em Gales. Reencontrar sua irmã por quem nutria um afeto todo especial era uma experiência

maravilhosa, mas com certeza, as tantas horas de visitas às maiores coleções entomológicas de Londres eram ainda mais instigantes. Wallace havia acabado de adquirir uma coleção particular de besouros americanos, os quais lhe renderam várias horas de organização, estudos e nomenclatura.

Fanny, como carinhosamente a chamava, convidou-o para sua primeira viagem fora do Reino Unido. Viajaram juntos para Paris durante uma semana e a experiência de conhecer um novo país impressionou grandemente Wallace, que não poupou esforços para descrever a Bates cada detalhe que seu apurado olho conseguiu captar. Entusiasmado, Wallace registrou principalmente a beleza arquitetônica e a elegância exagerada dos prédios franceses, especialmente as douradas igrejas católicas, em contrapartida com o refinamento sóbrio das construções protestantes inglesas. Entretanto, foram os museus, galerias e parques botânico-zoológicos que mais prenderam a atenção do jovem amante da Natureza, tal como gostava de se chamar. Wallace ficou impressionado com a organização meticulosa e a preservação dos insetos e pássaros, apesar de ter ficado desapontado com a pouca quantidade de espécies em exposição. No final das contas, porém, teve que admitir que o acesso fácil e incentivado aos centros de pesquisa para qualquer cidadão colocava a França anos luz à frente da Inglaterra.²³

Após visitar e comparar as coleções zoológicas dos museus ingleses e franceses Wallace se viu mais uma vez invadido por suas ideias fixas. Apesar da grandiosidade dos museus de ambos os países, sua gana por saber cada vez mais o impedia de se satisfazer apenas com as coleções de espécies com as quais tivera contato e, assim, continuou escrevendo a Bates como se não estivesse mais o convidando para dar cabo de sua jornada conjunta, mas o intimando urgentemente para buscar “o novo” que se encontrava lá fora:

Eu começo a me sentir insatisfeito com uma mera coleção local -- pouco deve ser aprendido por isto.. Gostaria de tomar alguma família, para estudar exaustivamente -- *principalmente com vista à teoria da origem das espécies*.. Por isso significa que sou fortemente [da] opinião de que alguns resultados definitivos podem ser alcançados.. Uma família de extensão moderada seria mais do que suficiente -- Você poderia me ajudar a escolher uma que não vá ser difícil de obter o maior número de espécies conhecidas.²⁴ [Grifo nosso].

²³ Carta de Alfred Russel Wallace para Henry Walter Bates em 11/10/1847.

²⁴ Ibidem. No original: "I begin to feel rather dissatisfied with a mere local collection -- little is to be learnt by it.. I sh[oul]d like to take some one family, to study thoroughly -- principally with a view to the theory of the origin of species.. By that means I am strongly of [the] opinion that some definite results might be arrived at.. One family of moderate extent would be quite sufficient -- Can you assist me in choosing one that it will be not be difficult to obtain the greater number of the known species."

Muitos autores destacam este trecho das correspondências de Wallace como um dos mais emblemáticos de sua biografia, em contrapartida, poucos atentam para a real implicação do que foi dito. Wallace havia lido *Vestiges* e há muito que estava completamente convencido, dentre outras coisas, da existência de um processo orgânico de desenvolvimento dos indivíduos que poderia explicar de que forma as tantas espécies no mundo chegaram à existência. Ao final da correspondência ainda reforçou o seu nível de esclarecimento em relação ao objeto que pretendia aprofundar nos trópicos; Wallace citou o trabalho do alemão Lorenz Oken, publicado naquele ano pela *Ray Society*, sob o título *Elements of Physiophilosophy*, algo como “Elementos de Fisiofilosofia”. A obra, dizia ele, “contém alguns pontos de vista notáveis sobre meu tema favorito - as variações, arranjos, distribuição, etc., das espécies”²⁵. O objeto estava definido, os planos de estudo começavam a serem traçados e finalmente ambos concordam sobre o destino da viagem.

Novamente a leitura de uma obra surgiu como influência direta para as tomadas de decisão de Wallace. Desta vez, um livro publicado pelo norte-americano William Henry Edwards (1822-1909), que viajou por um trecho da Amazônia em 1846. O estudioso era um proeminente entomologista que inclusive desempenhava a função de correspondente estadunidense para Charles Darwin. O que interessou a Wallace e a Bates nesta obra, porém, foi menos a implicação prática da viagem para a Ciência, e mais a descrição apaixonada e entusiasmada do povo e das paisagens deslumbrantes. Além de o pequeno livro ser brilhantemente escrito, e dar detalhes da grandeza e beleza da vegetação tropical e da amabilidade do povo, demonstrava que os gastos com transporte e hospedagem não eram tão expressivos como se poderia imaginar de uma viagem extracontinental. Estava decidido! Bates concordou com a sugestão de Wallace e a gigantesca Amazônia substituiria nos próximos anos os modestos trechos de vales e campos nos quais ambos estavam acostumados a coletar em sua terra natal.

A primeira decisão dos jovens promissores entomologistas foi procurar ajuda de quem realmente entendia dos trâmites e tendências do mercado de colecionadores. Afinal de contas, nenhum dos dois teria a mínima condição de arcar com todas as despesas necessárias, pois, os únicos fundos que possuíam era uma pequena poupança de Wallace, no valor de 100 libras esterlinas, e um empréstimo conseguido por Bates com seu pai (FERREIRA, 2012, p. 30), tudo isso suficiente apenas para pagar as passagens de ida. A solução que lhes restava era

²⁵ Ibidem. No original: “[...] Contains some remarkable views on my favorite subject -- The variations arrangement distribution &c. of species.”

inevitavelmente convencer a iniciativa privada, uma vez que influência política junto ao Estado era algo que lhes faltava. Wallace e Bates foram recebidos por Edward Doubleday, responsável pelo gerenciamento das exposições de borboletas do *British Museum*, o qual poderia aconselhar os companheiros iniciantes melhor do que ninguém, dado que cerca de uma década atrás havia se aventurado pelos Estados Unidos em busca de novas espécies, e de exemplares para encorpar a coleção de *Lepidoptera*, a ordem de insetos a qual se dedicava com afinco ao estudo.

Mr. Doubleday garantiu-lhes as vantagens de uma viagem ao Norte do Brasil, especialmente porque esta ainda permanecia como uma região pouco conhecida do mundo, ou seja, com uma probabilidade maior de se coletar espécies raras e de muito valor, as quais garantiriam com tranquilidade o pagamento das despesas de estadia em plena selva amazônica. “Assim encorajados, nos determinamos a ir para o Pará, e começamos a fazer todos os arranjos necessários” (WALLACE, 1908, p. 145) ²⁶, estas são as palavras de Wallace ao transmitir em sua autobiografia o entusiasmo que lhes fora injetado pelas ponderadas palavras de Mr. Doubleday.

Em momentos como esse vividos por Wallace e Bates, lutando com todas as possibilidades para tentar construir um projeto científico, em uma sociedade de estratificações sociais marcantes, percebemos com clareza as distâncias existentes entre acadêmicos abastados e filhos de grupos sociais medianos. O professor Ricardo Ferreira faz uma importante ressalva e reflexão sobre estas questões, apontando que divergências, especialmente as de cunho religioso, eram extremamente determinantes, dentre outras coisas, para a distribuição de espaços dentro do corpo social no governo da Rainha Vitória (FERREIRA, 2012, p. 30).

No seu relato pessoal de vida Wallace registrou a ausência de navios a vapor disponíveis para realizar o trajeto de Liverpool até as salinas paraenses (WALLACE, 1908, p. 147). É neste ponto que comparamos, por exemplo, com as vantagens encontradas por Charles Darwin, sendo membro de uma família anglicana totalmente tradicional. O Capitão Fitzroy, a serviço da marinha britânica a frente do *Beagle*, jamais comandaria uma expedição com intuítos considerados heréticos frente à Igreja estatal, tal como a de Wallace e Bates, filhos de famílias protestantes dissidentes - os chamados unitários - que dentre outras doutrinas professavam fé em um Deus “não trino”, em um Cristo humano, na determinação

²⁶ No original: "Thus encouraged, we determined to go to Para, and began to make all the necessary arrangements."

científica e na liberdade política. Até o momento em que iniciou sua expedição pela América do Sul e Oceania, Charles Darwin acreditava plenamente na imutabilidade das espécies, ideia que somente começou a mudar após as primeiras evidências empíricas de “mutação” através da comparação de diferenças e semelhanças, entre os cascos dos galápagos (cágados) em diferentes ilhas do arquipélago. Por seu turno, tanto Bates quanto Wallace não tinha qualquer tipo de restrição de assumir suas intenções científicas. De fato, navegaram para o Brasil em busca da origem das espécies! (FERREIRA, 2012, p. 30)

Mesmo diante da grande labuta que era organizar e levantar fundos para uma viagem de coleta nas florestas tropicais da América do Sul, os primeiros passos haviam sido dados. Wallace, agora com 24 anos de idade, se sentia suficientemente independente para dar por encerrado, pelo menos temporariamente, o papel de chefe de família que desempenhou quando da morte de seu pai e de seu irmão William. O retorno de Fanny do período de licenciatura francesa nos Estados Unidos lhe dava mais liberdade para deixar a família em segurança. O próximo degrau, e o mais delicado, era oficializar os mecenas que apoiariam sua causa e de Bates.

Procuraram então tomar uma medida acertada para organizar os fundos para sua expedição. Percebendo que não seria fácil contatar e ganhar a confiança dos colecionadores e investidores, decidiram contratar um agente financeiro relativamente novo no mercado, por nome Samuel Stevens. Sua função seria fundamental para o sucesso da expedição, pois, todos os contatos com os museus e colecionadores seriam realizados por seu intermédio, além de transmitir as principais comunicações que lhes fossem úteis, enquanto estivessem fora do país. A documentação não revela peremptoriamente de que forma Wallace e Bates chegaram até Stevens, mas possivelmente este possuía boas indicações, uma vez que em sua autobiografia Wallace elogiou o amigo e agente por ter sido um homem de negócios justos, e por ter dado importante suporte não somente na expedição pelo Brasil, como também na sua grande viagem pela Ásia (FERREIRA, 2012, pp. 30-31). Há que se considerar também, que no período em questão as lojas especializadas em História Natural cresciam largamente, tendo em vista a ampliação dos horizontes científicos, o que atraía diversos curiosos e naturalistas diletantes, através dos anúncios para a venda de instrumentos próprios, bem como de espécies para coleção (LIMA, 2014, pp. 163-164). É provável que Wallace ou Bates tenham lido um desses anúncios quando de sua peregrinação pelas ruas da capital em busca de patrocínio para sua aventura amazônica.

Com o agente definido e contratado, as dores de cabeça com questões financeiras poderiam ser amenizadas, pelo menos por enquanto. Entretanto, Wallace não poderia se esquecer de que apesar da Amazônia brasileira ser uma região praticamente inóspita, estava sob os auspícios do Império de Pedro II, que apesar de ter incentivado grandemente o desenvolvimento da pesquisa científica, não negligenciava o controle da entrada e circulação de estrangeiros pelo território, de modo especial na transição entre províncias. Antes mesmo de embarcar, Wallace já vislumbrava a enorme burocracia com a qual teria que conviver durante os seus quatro anos de circulação pelo território da Amazônia brasileira. O passaporte que deveria adquirir permitia-lhe apenas a entrada e saída do país via porto do Pará, mas o trânsito entre as províncias exigiria muito mais carimbos do que se poderia imaginar, especialmente porque as taxas pesariam drasticamente no bolso, e os períodos de espera, por sua vez, interfeririam negativamente numa questão crucial: o desperdício de tempo útil. De toda forma, um passaporte só poderia ser adquirido sob indicação de algum membro oficial do reino vitoriano, por esse motivo Wallace foi em busca do apoio do célebre Sir. William Hooker, botânico que dirigiu o *Royal Gardens* de Kew, jardim botânico e centro de pesquisa oficial da Família Real durante seu período de maior ascensão. Em visita a Hooker, Wallace aproveitou a oportunidade para estudar um pouco mais sobre plantas tropicais, pois se sentia de certa forma defasado em relação ao entendimento dessa área da ciência natural. Em correspondência assinada com Bates, escreveram em reconhecimento a Hooker pela carta de recomendação que lhes rendeu o passaporte para o Brasil, e lhe asseguraram se esforçarem ao máximo para conseguir espécies interessantes para o Museu de Kew, além de mantê-lo por dentro de qualquer novidade considerada importante. A carta de Hooker poderia ser útil também para facilitar o progresso da expedição pelo interior amazônico, informaram gratamente ao cientista.²⁷

A hospitalidade das populações locais da Amazônia era do conhecimento de Wallace, através da leitura da obra de William Edwards, de quem conseguiu mais algumas cartas de recomendação para comerciantes norte-americanos em passagem ou residentes na Amazônia, segundo o relato de Raby (2001, p. 30). É bem provável que em conversa com o autor de *A voyage up the Amazon* (1847), Wallace ou Bates tenham tentado adquirir alguma nova informação útil não presente na pequena edição lançada do livro, sobre o qual o primeiro voltará a refletir bastante quando de seu contato com as paisagens tropicais nos primeiros dias na Cidade do Pará.

²⁷ Carta de Alfred Russel Wallace & Henry Walter Bates para William Jackson Hooker em 03/04/1848.

Com uma parte do dinheiro destinado à expedição Wallace adquiriu itens básicos para coleta e caça. Antes de embarcar, porém, ainda viajou com Bates para Leicester, aproveitando que a cidade natal de Bates se encontrava na exata rota para a cidade de Liverpool, local do embarque. Em Leicester permaneceram por uma semana preparando os últimos pequenos detalhes, dentre os quais, aprimorar sua prática de caça, limpeza e dessecamento de pássaros (RABY, 2001, p. 31). Nesse período eram pouquíssimos os navios a vapor, tal como mencionamos, por isso, a maior parte do comércio britânico ainda era feito com barco a vela, tal como era o *Mischief*, navio de 192 toneladas que era considerado bastante rápido para sua época; nele Wallace e Bates embarcaram como os únicos passageiros em 26 de Abril de 1848. Estavam lançadas ao mar duas grandes mentes que contribuiriam decisivamente para as mudanças de parâmetros científicos em meados dos oitocentos, bem como se iniciava o nascimento de um novo Alfred Russel Wallace, que jamais voltaria a ser a mesma pessoa depois de tudo o que encontraria à sua frente a partir daquele momento.

CAPÍTULO II

PASSOS NA FLORESTA, CAMINHOS SOBRE OS RIOS: ALFRED RUSSEL WALLACE NO PARÁ E TOCANTINS – A PREPARAÇÃO PARA A GRANDE EXPEDIÇÃO AMAZONAS-RIO NEGRO.

Ao iniciar sua viagem rumo à América do Sul, o *Mischief* logo encontrou fortíssimas tempestades, na altura da Baía de Biscay (Fig. 4) ²⁸. O que deve ter dado a Wallace a forte impressão de que estava, de fato, iniciando uma jornada dura e cheia de aventuras e imprevistos. Realmente foi assim sua passagem pelo Brasil, tanto durante as expedições pelo vale amazônico, quanto no seu trágico retorno, cuja narrativa abre a escrita desta dissertação. Sempre intenso em tudo o que fez e escreveu, esta viagem parece ter sido do jeito que Wallace sempre imaginou em seus devaneios, os quais eram comuns nas leituras de epopeias. Rumava ao Brasil com o status de simples colecionador de espécies, função para a qual os financiadores investiram no seu trabalho junto com Bates, entretanto, naquele navio se encontrava alguém que ultrapassaria os limites de tal desempenho, que no grande laboratório aberto de quase quatro milhões de quilômetros quadrados, daria o pontapé inicial em algumas das mais importantes ideias, posteriormente sintetizadas no campo da ciência natural oitocentista.

Após vinte e nove dias lançados ao mar, em 26 de maio de 1848, Wallace e Bates ancoraram na barra Sul do Amazonas, e com mais dois dias rio acima, puderam vislumbrar pela primeira vez a cidade de Belém, a época ainda chamada de Pará. O céu limpidamente azul permitiu observar, com detalhada atenção, toda a cidade rodeada pela densa mata amazônica, e logo ter contato com a enorme diversidade da população: negra, índia e branca subindo e descendo em suas canoas. “Nossos olhos alegraram-se duplamente com a bela visão dessas plantas em seu estado natural, elas que tantas vezes admiramos nas estufas de Kew e

²⁸ A Baía de Biscay localiza-se na região que compreende a Costa Norte da Espanha e Oeste da França, pertencente à região Sul do Mar Céltico. As massas de água predominantes em Biscay são originadas do golfo, referindo-se ao Atlântico Norte. A entrada dessas massas, induzida pelo recorte geográfico da Baía, e interagindo com os ventos que circulam no sentido anti-horário, em toda a extensão da mesma, facilitam a ocorrência de fenômenos meteorológicos marcantes. No inverno, principalmente, as tempestades podem se formar muito rapidamente, e atingindo altas velocidades adentrar pelo golfo em poucos instantes, com manifestações climáticas bastante semelhantes as do furacão, tal como uma ressaca marítima prolongada. Cf.: SAUNDRY, Peter. **Bay of Biscay**. The Encyclopedia Of Earth. Disponível em: <http://www.eoearth.org/view/article/150448/>. Acesso em: 30/09/2014.

de Chatsworth” (WALLACE, 1979, p. 17). A experiência do viajante europeu, ao ver com seus próprios olhos tudo aquilo que lera e relera nos relatos, é um misto de sentimentos, dos quais sua escrita está repleta o tempo todo.

Figura 4: Mapa da Europa Ocidental com destaque para a Baía de Biscay ao centro



Fonte: The Encyclopedia Of Earth. Acesso em: 23/07/2014.

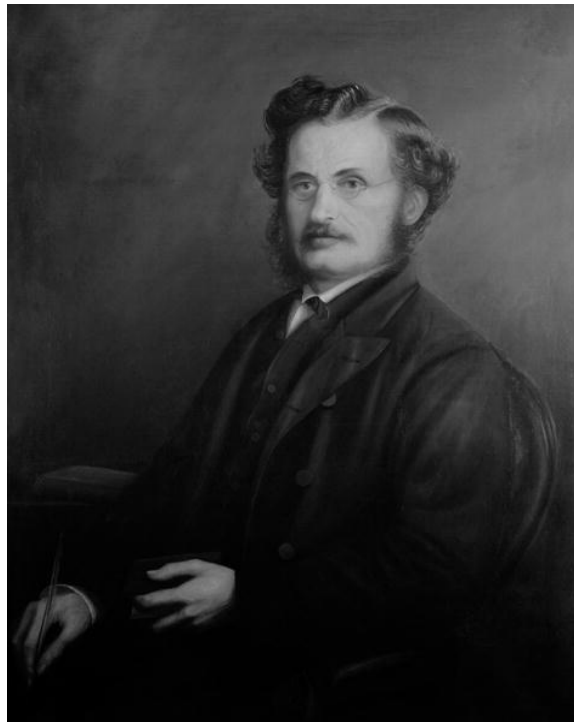
Chegados ao Pará e introduzidos de imediato aos ingleses, e outros estrangeiros residentes na cidade, trataram de providenciar a documentação necessária para visto de permanência, e daí em diante conseguir um local para se estabelecerem. A burocracia do Império brasileiro, tão incômoda para Wallace durante os quatro anos no país, os impediu de rapidamente conseguir alugar uma casa por si próprios. Desta forma, o Sr. Miller, empresário do navio que os transportou, cumpriu o favor de conseguir para os dois novos exploradores uma pequena casa de campo de sua posse, em uma área afastada da cidade.

Figura 5: Wallace com 24 anos, na época em que iniciou sua expedição pela Amazônia.



Fonte: WALLACE, 1908, p. 144.

Figura 6: Bates durante o período de magistério em Leicester, alguns anos antes de viajar ao Brasil.



Fonte: FERREIRA, 2012, p.18.

Com atenção, Wallace registrou suas primeiras impressões sobre a mestiçagem da população, e o grande fosso social existente entre os estrangeiros e seus descendentes e o restante da sociedade, em sua maioria negra, escravizada, ou índia, estando os primeiros na posse quase total do comércio e dos cargos públicos e clericais (WALLACE, 1979, p.17).

Estarem em uma região completamente diferente da sua, com nenhum conhecimento sobre a língua local, ou a respeito dos espaços mais propícios a serem explorados, levou Wallace e Bates a procurarem a ajuda de Isidoro, um negro livre e experiente, exímio conhecedor de plantas e outros segredos da floresta. O novo ajudante passou a residir com os dois viajantes, uma forma de aprender mais rapidamente o português, e de ter um “pau para toda obra”, nas palavras do próprio Wallace, afinal de contas, a rotina de caça e coleta não lhes daria muito tempo para afazeres domésticos.

Não demoraria muito para que o olhar julgador e selecionador, inevitável em uma relação de zona de contato, se tornasse evidente em Wallace. A cidade lhe pareceu, apesar de ser uma capital de província, bastante desorganizada e com aspecto geral de insalubridade. O desleixo seria no final das contas explicável: o clima tropical. A saber, as teorias deterministas que estudavam as más influências do clima sobre os comportamentos humanos, tiveram seu

auge no século de Wallace (KURY, 2007). Mesmo que em trabalhos futuros demonstrasse uma considerável mudança na sua percepção sobre as práticas humanas, entendidas como variações de condicionamento cultural e não apenas climático, Wallace encontrou na pujança do clima tropical, a explicação mais imediata para tais questões.²⁹ E é assim que expôs sua opinião:

Os amplos e altos cômodos, com piso de tábuas, escasso mobiliário e meia dúzia de portas e janelas em cada um, podem parecer, à primeira vista, desconfortáveis, mas são absolutamente adequados para uma região tropical, na qual seriam insuportáveis os quartos cheios de tapetes, cortinas e almofadas (WALLACE, 1979, p. 20).

A reflexão sobre o clima tropical e suas influências na vida dos locais, levou Wallace a pensar também sobre o item vestimentas, dando notável atenção ao fato de que boa parte da população vivia em poucas vestes, de modo particular as crianças. Não deixou de registrar a prática de se vestir, na casa dos 30° C, com pretos e pesados casacos e gravatas. Um claro sinal de distinção social, que poderia explicar os costumes, registrada não apenas por Wallace, mas por muitos outros viajantes, em diferentes épocas. O que possivelmente não estava nas expectativas de Wallace, bem como de Bates, sobre os termômetros das regiões equatoriais, era que fossem se dar tão bem com o clima úmido e quente. Em uma de suas primeiras correspondências para Hooker escreve satisfeito:

Nós achamos o clima aqui agradável -- O termômetro varia de 76° a 88° mas o calor é quase nunca opressivo -- As noites e manhãs são invariavelmente e deliciosamente frescas e agradáveis -- Nós não temos ainda mais do que dois dias seguidos sem chuva, que é sempre a tarde ou ao anoitecer.³⁰

Narrando suas percepções sobre o clima durante os primeiros dias de estadia, atentamos para o imbricado tom de surpresa, especialmente por esta narrativa ter sido

²⁹ José Jerônimo de Alencar é autor de um ótimo texto que se dedica a discutir, historicamente, as concepções de determinismo climático e salubridade, tanto em Bates quanto em Wallace. O título é *Determinismo climático e salubridade amazônica na percepção de Bates e Wallace*, e está publicado nos **Cadernos de História da Ciência**, em seu v. 4, nº 2 de Junho 2008. Disponível em: http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-76342008000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22/05/2013.

³⁰ Carta de Alfred Russel Wallace para Dr. William Hooker em 20/08/1848. Wallace se refere a 76° a 88° na escala de Fahrenheit, o que corresponde a 24,44° e 31,11° na escala de Celsius. No original: “We find the climate here delightful --The thermometer ranges from 76 o to 88 o but the heat is scarcely ever oppressive —The nights and mornings are invariably deliciously cool & agreeable --We have not yet more than two days together without rain, wh[ich] is always in the afternoon or evening.”.

construída com vias a leitura dos seus contrerrâneos europeus. Wallace, porém, não descreveu outro fenômeno ao não ser o que conhecemos hoje pelo nome de “Friagem”. Entre os meses de maio e agosto, a entrada de massas frias de ar oriundas do Atlântico, atravessa todo o território da América do Sul, conduzidas pela Bacia do Prata. A Amazônia Ocidental é a região mais atingida pelo fenômeno, tendo quedas bruscas de temperatura, com ventos frios, e ocorrência de chuva constante.

Os elogios ao frescor climático do Pará apareceram em outra carta, enviada meses antes a Stevens, o agente financeiro da viagem coletor-exploratória, com um adendo um tanto quanto deslumbrado: “Não pode haver certamente nenhum clima no mundo superior a este, e poucos iguais” ³¹, escreveu de forma admirada o naturalista tantas vezes cético com os apaixonados pelas grandezas tropicais.

Foi exatamente sobre a prática da escrita elogiosa e romantizada, corriqueiramente presente na literatura de viagens deste e de outros períodos, que Wallace dedicou boa parte de sua diletância e reflexão nos primeiros meses de residência no Norte do Brasil. Isto nos levou a pensar que, o próprio Wallace estabeleceu parâmetros de distinção, entre um modelo de viagem científica, em detrimento de outro taxado como fabuloso. Todavia, a recorrência da tônica do “maravilhoso” dividiu espaço com o discurso de um cientista pragmático. Qualquer produção intelectual, sobre qualquer que seja o objeto de estudo, está diretamente imbricada pelos interesses e visões daquele que emite o discurso, é o que Bruno Moreira (2009) estudando os relatos de viajantes oitocentistas chamou de “olhar estrangeiro” ou o que Michel De Certeau (1982), numa linguagem mais historiográfica, vulgarizou como o “lugar social” daquele que detém a fala. Embasando-se no exposto, as análises no campo da história dos relatos de viagem deveriam levar em consideração, especialmente, os fatores que condicionaram determinado viajante a chegar à sua escrita, tal como esta nos é apresentada. O posicionamento de Wallace em relação à “fantasia” que circulava nas linhas dos textos de viajantes foi fundamental para ilustrar tais questões:

Minhas anteriores excursões haviam-se limitado à Inglaterra e a um curto passeio pelo continente europeu, de sorte que tudo aqui para mim deveria ter o encanto de perfeita novidade. Eu nunca tive, entretanto, tão grande e tão completo desapontamento. A temperatura não era tão ardente, os costumes do povo não eram lá tão esquisitos, nem mesmo a vegetação era tão espantosa, como eu havia imaginado e conjecturado durante o tédio de uma viagem marítima (WALLACE, 1979, p. 18).

³¹ Carta de Alfred Russel Wallace e Henry Walter Bates para Samuel Stevens, datada de 30/03/1848.

Essa citação nos levou a um tema comum de importantes discussões, no que diz respeito à história dos viajantes e sua respectiva literatura, produzida de forma intensa desde a chegada dos primeiros europeus ao Brasil no século XVI. Sabemos, desta forma, que essa literatura, de modo algum apenas diletante, mas totalmente intencionada, é um dos importantes catalisadores da produção imagética do Brasil no Velho Mundo, indo de um paraíso intocado e divino a um inferno natural de silvícolas. As rupturas o tempo, evidentemente, corroboraram com essa variação no discurso produzido, estando este estritamente ligado aos interesses políticos e econômicos no Brasil, um dos membros do grande corpo imperial, o qual tinha nos viajantes e exploradores seus fieis olhos (PRATT, 1999, p. 23-38). No caso de Wallace essa discussão se tornou ainda mais pertinente porque como viajante pôde confrontar tais discursos com suas impressões *in loco*. Abaixo, a ríspida reflexão do galês sobre os seus predecessores viajantes:

Já tive a oportunidade de dizer que as produções naturais dos trópicos não corresponderam de imediato às minhas expectativas. Isso se deveu principalmente aos relatos dos “caçadores de curiosidades”, aqueles viajantes que, descrevendo apenas o belo, o pitoresco e o magnífico, levariam a pessoa quase a acreditar que nada poderia existir sob o sol tropical que não fosse diferente do resto do mundo (WALLACE, 1979, p. 20).

Wallace foi ainda é mais taxativo, ao refletir sobre os efeitos diretos da produção dita “diletante”, no lugar de uma acurada investigação e redação dos fatos da história natural das regiões exploradas:

Desse modo quando os viajantes agrupam numa única descrição todas aquelas maravilhas e novidades que levaram semanas ou meses para observar, acabam por produzir uma impressão errônea no leitor, fazendo com que este experimente um enorme desapontamento se por acaso tem a oportunidade de visitar o local (WALLACE, 1979, p.19).

Tais posicionamentos quase céticos de Wallace, de forma alguma, permaneceriam como tais durante os quatro anos que durou sua viagem. Ao encontrar nas florestas amazônicas características endêmicas e inéditas, tanto na flora, na fauna como na geologia, a postura formal do cientista empírico começou a dar lugar ao deslumbre, tão característicos nestas relações com o novo e com o “outro”, tal como costumamos nomear. Tudo isso se

tornou característico da interdependência entre as permanências e rupturas de época, as quais constatamos ao estudar a história dos indivíduos do passado. A posição tomada pelo historiador Roger Chartier (2009), ao pensar sobre os excessos tanto no estruturalismo como nas visões ditas pós-modernas, nos oferece um consequente apoio para compreender historicamente os indivíduos analisados, no nosso caso o cientista Wallace, como uma confluência de representações distintas.³²

Em certos momentos, porém, Wallace recuou quanto às críticas supracitadas, reconhecendo ser possível que a época na qual chegaram ao Pará, não tenha sido a mais propícia para observar a vegetação tropical em toda a sua suntuosidade. De fato, a partir do final de maio a regularidade das chuvas diminuiu bastante, e consequentemente, o período úmido, auge das verdejantes florações, iniciou seu declínio (WALLACE, 1979, p. 20). Referiu-se também, ao fato de suas inferências terem sido feitas, com base na observação das matas de vegetação secundária, nas cercanias da cidade, realidade bem diferente da massa florestal densa que se encontrava território adentro, e que ainda não tinham tido a oportunidade de investigar (WALLACE, 1979, p. 21).

A esta altura, a dupla de coletores estava se habituando à rotina de dormidas e alimentações na *rocinha*, tal como se chamavam as casas de campo no período. Isidoro, não apenas sábio sobre os segredos da floresta, era também um exímio cozinheiro, transformando gradativamente Wallace em um apreciador do paladar tropical, um dos itens de maior especulação por parte do imaginário europeu naquele período. Talvez não tivesse imaginado que um cardápio baseado em “[...] café, chá, manteiga, carne de vaca, arroz, abóbora, bananas e laranjas” (WALLACE, 1979, p. 25) pudesse despertar tão intensamente seu apreço. E mesmo na atualidade, parecendo uma dieta tão simples, Wallace sonharia com estas refeições preparadas por Isidoro nas penúrias que enfrentaria ao se lançar nas vastidões do Amazonas e do Rio Negro.

Nas semanas que se seguiram à chegada dos dois europeus, diversas festas religiosas estavam no auge de suas cerimônias. Puderam assim presenciar as músicas, os foguetórios e as muitas procissões, revelando uma presença firme dos rituais romanos entre as populações mais simples do Pará, ou seja, os índios, negros e seus descendentes, na diversidade cultural

³² Para tal discussão que envolve a história da historiografia, no tocante à percepção do passado como fragmentos ou como permanências das estruturas, conferir CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

tão comum em nosso país. Este tema voltaria de forma mais reflexiva na escrita de Wallace, de modo particular, quando este entendeu de que forma a Igreja Romana pregava, gerenciava e controlava a vida religiosa dos indivíduos, alterando algo que jamais deveria ter sido seus ritos tradicionais substituídos. É notório, porém, que a posição do mesmo quanto aos fatores citados se baseava em uma concepção cristalizada de cultura, hoje totalmente questionável perante os debates que consideram as trocas culturais longe da noção de “origem pura”.

A pequena Vila de Nazaré (Fig. 7), onde muitas destas festas religiosas estavam acontecendo, foi também o lugar aonde Wallace e Bates conseguiram finalmente alugar sua própria residência, a qual distava pouquíssimas milhas da floresta, ou seja, o mais próximo possível dos locais que realmente interessavam aos dois estrangeiros, neste caso, a floresta fechada (WALLACE, 1979, p. 27). Conforto era algo difícil em tais condições, porém, o casebre era suficiente para abrigar os serviços de Isidoro, dos dois amigos, e ainda oferecer um pequeno espaço para tomar as refeições e dormir. Wallace registrou que a casa ficava bem defronte a capela de Nazaré, e desta feita, a rotina do lugar e a vizinhança ao mesmo tempo curiosa e simpática, despertava seu interesse e apreço tanto quanto a majestosa floresta que lhes circundava.

Os dois naturalistas aproveitaram a chegada da estação seca para iniciar as investigações e coletas, em um momento propício para isso. O florescimento das plantas, tanto de mata secundária quanto da vegetação dita “intocada”, proporcionaria consequentemente um aparecimento mais consistente de insetos, interesse maior de Wallace e Bates desde que haviam planejado a viagem ao Brasil. Assim, com as suas redes de caça empunhadas, começaram a investigar os arredores e descobrir o que de importante a região de Nazaré poderia lhes oferecer.

Sua primeira grande experiência entomológica foi vivenciada ainda na estrada, bem próxima de casa, com “[...] uns compridos montículos de terra e areia, às vezes estendendo-se paralelamente à estrada, outras vezes atravessando-a de um lado para o outro, obrigando o pedestre a subir e descer para atravessá-los [...]” (WALLACE, 1979, p. 37), este se refere às famosas e temidas formigas saúva, *Atta cephalotes*, perante as quais Wallace permaneceu por vários minutos, estarrecido diante de seu poder de destruição de plantas e outros animais mortos. Chegando a afirmar que, apesar de muitas investidas contra o inseto, ninguém ainda havia chegado a uma solução eficaz, o que tornava improdutivas diversas áreas que poderiam gerar importantes itens agrícolas (WALLACE, 1979, p. 37). O próprio Wallace e Bates sofreram bastante com a ação das saúvas, durante todo o seu período de coleta no Brasil,

especialmente porque as caixas para dessecamento de pássaros e outros insetos tinham que ser vigiadas o tempo inteiro, pois, em minutos uma rara caça poderia virar banquete para os gigantes insetos.

Figura 7: Ilustração feita por Wallace da Vila de Nazaré, em evidência a capela ao fundo.



Fonte: WALLACE, 1979, p. 35

Figura 8: A antiga Vila de Nazaré deu origem ao atual e supervalorizado bairro de Nazaré, na capital Belém. A capela evidenciada por Wallace na Fig. 4 é exatamente a que fora edificada nos finais do século XVIII, período que marca as primeiras manifestações da tradicional devoção a Nossa Senhora de Nazaré. Hoje não existe mais, sendo a paisagem ocupada pela imponente basílica neoclássica.



Fonte: Google Imagens. Acesso em: 13/07/2014.

As empolgadas caminhadas diárias acabaram levando-os a explorar bem todo o entorno de Nazaré, e em uma dessas rotas conhecerem dois norte-americanos, Mr. Upton e Mr. Leavens, proprietário e administrador, respectivamente, dos moinhos de arroz em Maguari, ainda nos entornos da Cidade do Pará. Estes foram os primeiros, de muitos outros estrangeiros, que compuseram parte da grande rede de relações, estabelecida entre diplomatas, cientistas, comerciantes e proprietários na grande extensão territorial da Amazônia. Pensando nisso, a preocupação de Wallace e Bates em adquirir um bom número de cartas de recomendação, quando de sua última estadia em Londres, faz bastante sentido. Munidos destes documentos, conseguiriam apoio para solucionar alguns dos problemas mais urgentes da expedição, os quais eram muitos e frequentes, e também ganhar vistos internos entre províncias, que como citamos, deixavam o pragmático Wallace em nervos.

A presença de estrangeiros residentes no Norte do Brasil naquele período, e de modo notável no Pará, pode ser entendida como reflexo de mudanças administrativas e políticas, e suas implicações econômicas, desde a segunda metade do século XVIII. O ano de 1751 marcou a criação da Província do Grão-Pará, abrangendo tanto o próprio Pará quanto o Maranhão. Tal mudança deslocou a centralidade local do porto de São Luís, tendo em vista que a capital administrativa, bem como as decisões econômicas, passou a ter lugar na Cidade do Pará (LOPES, 2012, pp. 1-2). É nesse contexto que Wallace encontrou norte-americanos, alemães, etc. na composição social da cidade, notadamente ocupando o controle do comércio.

A amizade com os dois cavalheiros estadunidenses, além de agradável por lhes matar a saudade da língua materna, deu aos dois jovens entomologistas a oportunidade de sua primeira expedição fora dos arredores, o que animou grandemente a ambos. Mr. Upton os convidou para conhecer sua propriedade produtora de arroz, localizada a cerca de quatro quilômetros da cidade, ou seja, bem onde qualquer naturalista amaria estar: no interior da “floresta desconhecida”.

Trazendo de volta sentenças de parágrafos anteriores, no que concerne ao debate de Wallace entre “o maravilhoso” e o “verificável” nas obras de viagens, encontramos agora não um cientista crítico, mas um deslumbrado perante a Natureza tropical. Tal ambiguidade perpassou toda a escrita de seu diário de campo, no qual, o mesmo que separou como trigo e joio a escrita diletante, apaixonada e romântica dos viajantes, daquela preocupada com a verificabilidade das informações, escreveu:

[...] Penetramos na *floresta virgem*, cuja proximidade era anunciada pela enorme altura das árvores e pelas densas sombras que nela reinavam. Suas características mais notáveis eram o grande número e a variedade das árvores, com troncos que se erguiam retilíneos e sem galhos numa altura de 60 a 80 pés. [...] ³³ Outra curiosíssima forma é a que apresenta certas árvores cujas raízes crescem no meio dos caules e estendem pedúnculos até o solo. Seus troncos parecem se apoiar sobre numerosas pernas que soem formar arcadas amplas o bastante para que se possa passar andando por debaixo delas (WALLACE, 1979, p. 30). [Grifo nosso].

Sua escrita com certo deslumbramento ainda contido desabrocha em encanto, tal como as paisagens lhe traziam à memória os muitos trechos emocionados na escrita dos grandes viajantes, com os quais nutriu a mente durante meses antes de chegar ao Brasil. As grandes emoções, vivenciadas por Wallace em momentos cruciais de seu trabalho científico³⁴, corroboram com nosso entendimento de que a existência de parâmetros de romantização, ao lado do desejo de objetividade, revelava um indivíduo na confluência de concepções diversas. Esta leitura do nosso personagem, enquanto um homem propriamente do seu tempo, revela o século XIX como um palco privilegiado, notadamente para entendermos uma história que considera as rupturas mentais, em sua constante dialética com as permanências. Wallace continuou em seu deslumbramento:

Olhando-se para o alto, enxerga-se a escura ramaria multifoliada contrastando com o claro azul do céu, marcante característica das florestas tropicais, *tantas vezes ressaltada por Humboldt*. Muitas das mais altas árvores da floresta possuem folhas tão delicadas quanto às da tremelicante Mimosa. [...] Ao lado delas, temos as enormes folhas palmadas das Cecropiae, as lustrosas folhas ovais das Clusiae e uma centena de formas intermediárias, proporcionando uma abundante variedade de ramagens, sobre as quais brilha o sol, iluminando-as por cima, enquanto embaixo reina uma lúgubre obscuridade. *O conjunto constitui um cenário de profunda beleza e majestosa solenidade* (WALLACE, 1979, p. 30). [Grifos nossos].

Apesar da suntuosidade da floresta, em Maguari, Wallace e Bates encontraram um inexpressivo número de animais de grande porte, como quadrúpedes, e de novos insetos, que apesar da diminuta presença, constituíram grandes novidades em suas caixas entomológicas. Os tucanos e papagaios, outros recorrentes símbolos na construção imagética dos viajantes sobre o Brasil, foram observados em seu habitat natural pela primeira vez, o que constituiu uma das poucas vantagens desta primeira expedição de reconhecimento. O Pará, de modo especial durante as chuvas, não constituía de modo algum lugar propício para as coletas,

³³ 18,3 – 24,4 metros, respectivamente.

³⁴ Ver no Cáp. I, pp. 17-18, aonde a personalidade exacerbadamente emotiva de Wallace foi discutida.

porém, Wallace e Bates voltaram para Nazaré com as “caixas cheias de insetos e as cabeças repletas de coisas interessantes” (WALLACE, 1979, p. 33) que haviam presenciado naquela pequena exploração.

Eram chegados os meses de junho e julho, nos quais as comemorações dos santos católicos romanos continuavam a quebrar a rotina silenciosa da Vila de Nazaré, com dias e dias de rojões, fogueiras, foguetões e procissões, embalando o trabalho cuidadoso da dupla de britânicos com seus insetos e plantas. Enquanto não arregimentavam uma expedição realmente lucrativa, decidiram retornar aos moinhos de arroz de Mr. Upton novamente. Se Wallace ainda se sentia decepcionado, dentre outros fatores, com a falta de elementos surpreendentes em suas buscas, o seu retorno a Maguari lhe provaria o contrário.

Caminhando sozinho pela floresta, ouviu movimentações entre as folhas, as quais lhe deram a firme impressão de estar prestes a dar de cara com algum índio durante a caça. Aquele que o acompanhava por entre as densas folhagens, porém, não se tratava de um humano, e sim de um enorme macaco que o observando do alto de uma copa deixou Wallace atônito, em parte por seu porte amedrontador, mas também por ter lhe dado a honra de vê-lo tão de perto em seu ambiente natural. Evidentemente, não foi possível que o naturalista o observasse detalhadamente, pois, tal aproximação durou pouquíssimos minutos. Toda aquela visão impressionou muito ao naturalista, que tratou de levar consigo o administrador da propriedade para uma nova busca pelo primata, no mesmo local, porém dias depois. Foram bem sucedidos, e em poucos minutos não somente um dos macacos, mas um bando inteiro se reuniu sobre as folhagens acima deles. Diferentemente da vez anterior, Wallace garantiu a oportunidade de estudar os animais o mais rápido possível, pois, Mr. Leavens não pensou duas vezes em com um único tiro levar ao chão um dos símios, disparando em gritaria o restante do bando.

O destaque que damos a este fato tem muito mais a nos dizer, desta feita, quando encontramos novamente a confluência de distintas concepções sobre a Natureza, na construção da mentalidade do homem oitocentista. As palavras de Wallace são reveladoras de um período em que, um cientista tanto poderia se derramar em belas e românticas sentenças para descrever um novo animal, como também poderia tranquilamente levá-lo à panela para constituir sua refeição:

O pobre animalzinho estava malferido e guinchava estentoreamente. Seu inocente semblante e suas delicadas mãozinhas lembravam as de uma

criança. A fim de testar se sua carne seria de fato saborosa, levei-o para casa. Serviram-no frito e em pedaços ao desjejum. A quantidade de carne que deu era mais ou menos a que dá uma galinha, mas o sabor lembra antes carne de coelho, sem qualquer travo desagradável ou esquisito (WALLACE, 1979, p. 30).

Nosso jogo relacional tem demonstrado até então, que as categorias que adotamos para construir conceitualmente o indivíduo, fogem completamente das determinações, ao passo que este não se constitui como uma identidade única. Por exemplo, encontrar traços fortes de uma mentalidade utilitária não se constitui como uma grande novidade no discurso de Wallace. A citação anterior é um exemplo mais que ilustrativo, porém, tais posições não param neste terreno, abrangendo também o cunho econômico, durante toda a extensão do texto sobre o Brasil, quando considerou as falhas da política deixada como herança por Portugal, o exemplo de povo, que na concepção do naturalista vitoriano, desperdiçou tempo e dinheiro em um país com riquezas majestosas.

Mr. Leavens foi um exemplo característico de estrangeiro que encontrou boas oportunidades, de renda e lucro no Brasil, em uma terra pouco estruturada quanto ao aproveitamento de seus recursos, segundo o próprio Alfred. Canadense, havia trabalhado por muitos anos com o mercado de madeira em seu país, porém, as dificuldades encontradas com o clima violento, para o transporte das cargas, o levou a abandonar as florestas setentrionais pela grande massa verde da Amazônia tropical (WALLACE, 1979, p. 41).

Comparando o país de Leavens com o nosso, Wallace se apresentou como costumeiramente: um duro crítico do sistema de colonização, e consequente governo imperial, em conexão com as primeiras lições tomadas do socialismo utópico de Owen anos antes. Para Wallace não era admissível que uma região como a Amazônia, ainda fosse quase completamente dependente da importação de madeira norte-americana. Tal preocupação, porém, se faz sob os ditames da mesma concepção que exauriu drasticamente as matas, rios e solos do Brasil, durante mais de quinhentos anos de exploração: o pragmatismo econômico e o utilitarismo desenfreado. Historicizando a mentalidade oitocentista, manifesta em um conflito com nossa concepção contemporânea de Natureza, encontramos em uma única frase de Wallace, como que um sumário perfeito, para o que supracitamos:

Todos os seus cursos d'água possuem margens revestidas de *florestas virgens*, repletas de *inexauríveis* reservas de madeiras, numa tal variedade de tipos que parece não existir qualquer finalidade imaginável para a qual não

haja aí pelo menos um tipo de madeira que não preencha os necessários requisitos (WALLACE, 1979, p. 41). [Grifos nossos].

Apenas nesta citação, dois termos problemáticos nos levaram a refletir com bases na História Ambiental, para a qual as relações entre humanos e Natureza, não devem ser lidas como justificativas maniqueístas da exploração, aonde o europeu ambicioso massacrou o índio inocente, construído pelo pensamento europeu como o único indivíduo capaz de se relacionar harmoniosamente com a Natureza. Donald Worster (1985) e Stephen Pyne (1988) colocam como questionável a figura clássica do “bom selvagem”, que por naturalmente seria o defensor voraz da preservação dos recursos naturais. Assim, ler a escrita de Wallace sob a luz destas questões, nos possibilita uma leitura mais consequente de seu pensamento, não de uma forma que o traga para nossas concepções contemporâneas, e sim que revela o tipo de postura que era recorrente em seu período.

A mesma discussão foi incitada em outra obra, a qual não discutia sobre a questão da imagética do nativo no século XIX, mas sim no século XVI. São períodos distintos entre os quais estabelecemos aqui uma relação no campo da teoria. Ao estudar a *Imagem lascasiana do índio*, no contexto da dominação espanhola na América, Hector Bruit (1995) pôs em evidência uma concepção esclarecedora da forma como, na produção discursiva, as instituições, clérigos e colonizadores moldavam a imagem de um índio miserável, tutelado e incapaz, tanto do bem quanto do mal. Tudo isto implicando de forma direta em uma tradição historiográfica, há algum tempo questionada, da qual emana uma concepção pouco consequente, de que o nativo não é o senhor de suas próprias ações, omissões e estratégias socioculturais.

Neste ínterim, com o aporte anteriormente citado, encontramos uma série de relações, pronunciadas a nível discursivo, mas manifestadas também no não discursivo, a partir das quais compreendemos um Wallace, do qual emanava um viés economicamente utilitarista, e cuja implicação repousava sobre a confirmação da imagética do índio idiota *versus* o branco português burro, porém, ambicioso.

O retorno à Nazaré não demorou, porém, foi feito sob um clima bem mais motivador que da primeira vez. Ora, em conversa com Mr. Leavens Wallace ficou sabendo sobre as grandes reservas de cedro às margens do Tocantins, bem como o interesse do administrador por conhecê-las e comercializá-las. Estava definida a primeira expedição Wallace-Bates “afim de investigar a história natural daquela área tão pouco conhecida.” (WALLACE, 1979, p. 41).

Chegando aos entornos da capital da Província, Wallace encontrou um clima de agitação que manchava a monótona calma da cidade incrustada no meio da floresta. A sombra da Cabanagem ainda pairava sobre a memória coletiva, mesmo quase uma década após o fim do conflito em 1840. Segundo Magda Ricci (2007), a verdadeira chacina ocorrida durante o período revoltoso que começou em 1835 deixou um trauma indelével e um vazio de explicações em meio à população. A Cabanagem havia sido um movimento com ampla participação de diversos agentes sociais, por sua vez, oriundos de grupos distintos, dentre eles negros escravos e livres, índios e mestiços. Tudo isso possibilitou que as ideias revoltosas se espalhassem com rapidez, saindo do âmbito da Cidade do Pará e chegando a atingir até as fronteiras do Brasil Central, bem como o litoral Norte e Nordeste.

Muita historiografia foi produzida a respeito do movimento, tanto percebendo-o como mais um foco regional de dissidentes do Império com pouco foco político, até mesmo a surperinterpretação de uma possível luta tardia pela independência. De fato, continuou Ricci (2007), os líderes revoltosos se autodenominavam “patriotas”, termo que nos levou a entender que por trás de toda a confusão pairava uma questão de “identidade”, em um país cuja formação sociocultural não possuía até aquele momento qualquer tipo de unidade, além daquela de caráter territorial. De modo geral, as implicações sociais do movimento distinguiam claramente a separação entre os brancos, portugueses, estrangeiros e seus descendentes e a maioria da população, notadamente homens livres mestiços, escravos, negros e índios. O controle do comércio, nas mãos daqueles primeiros grupos, vinha produzindo há anos um clima de insatisfação, que no contexto do Brasil oitocentista era um grande catalisador para a explosão de movimentos sociais dissidentes.

Nos relatos de Alfred Russel Wallace, porém, a Cabanagem apareceu mesmo que como uma “sombra”, ainda sentida com distinção na memória coletiva, porém, seus comentários se resumiam a citar a existência não muito distante de uma revolta que teve proporções tão grandes. Seria o tal “trauma” local o motivo pelo qual Wallace praticamente omitiu o movimento cabano de seu registro? Se por um motivo ou outro isso acontece, fato é que o naturalista sentiu visivelmente que os ânimos coletivos, em grande parte, continuavam inflamados, principalmente quando se tratava do tema comércio.

A tal agitação encontrada no seu retorno à capital devia-se a novidades trazidas por navios embarcados do Rio de Janeiro, novidades estas que nos possibilita entender melhor o papel socioeconômico do indígena e as políticas imperiais a respeito dos ditos nativos. Tratava-se de um decreto imperial proibindo o recrutamento militar na Província pelo período

de quinze anos, mediante possíveis solicitações feitas pelo governo local, preocupado em parte com os prejuízos ao comércio e em outra com o surgimento de possíveis novas rebeliões, tão recentemente acalmadas na região.

Tal situação era prato cheio para as reflexões de Wallace, constantemente analisando e questionando os traços políticos e econômicos da pretendida sociedade imperial brasileira. De fato, para este uma das principais causas para a inexpressiva atuação econômica do Pará, era o reduzido número de mão de obra especializada para tornar o mercado cada vez mais dinâmico. Porém, o recrutamento forçado de indígenas que desciam os cursos d'água para comerciar no Pará, tornou esses povos cada vez mais temerosos de serem apanhados de surpresa pelas autoridades militares (WALLACE, 1979, p. 41). É evidente que a preocupação do cientista galês se aproximava muito mais de um interesse econômico, do que mesmo de uma defesa da autonomia indígena perante o governo imperial, às vésperas do recrutamento em massa realizada para a Guerra do Prata, cujo estopim se deu em 1851, mas em relação ao qual, o clima de disputas entre Brasil e Argentina pela hegemonia da região platina se sentia fortemente naquele período (KRAAY, 2003, p. 1).

A ancoragem de muitos navios no Porto do Pará era também a oportunidade para enviar a Stevens na Inglaterra as primeiras caixas de insetos, além de uma coleção de plantas dissecadas, especialmente palmáceas, para William Hooker no Museu de Kew (RABY, 2001, p. 41). A maior parte da coleção era composta por indivíduos da ordem *Lepidoptera*, sendo 400 borboletas, cerca de 550 besouros e 400 exemplares de diversas ordens. Wallace registrou um total de 1300 indivíduos coletados em apenas três meses de permanência no Pará (WALLACE, 1979, p. 42). Correspondendo-se com Hooker para comunicar-lhe o envio das encomendas, Wallace também forneceu ao botanista informações diversas sobre os primeiros meses de vivência no Pará. Registrou também o desejo de se voltar cada vez mais à coleta de exemplares das plantas tropicais, as quais eram o interesse primordial do diretor dos jardins de Kew na expedição do galês. A futura expedição ao Tocantins, porém, aparentava ser muito mais rica em possibilidades de capturas ornitológicas, e assim Hooker precisava estar consciente caso o próximo envio de espécies não atendesse as expectativas.³⁵ Enviadas as coletas, e entusiasticamente preparados, Wallace e Bates receberam a notícia de que a expedição com Mr. Leavens ao Tocantis seria realizada em uma semana.

No dia 26 de Agosto de 1848 singraram em uma embarcação mediana alugada por Mr. Leavens, da Cidade do Pará rumo ao Tocantins. A tripulação, além deste último e dos dois

³⁵ Carta de Alfred Russel Wallace para Dr. William Hooker em 20/08/1848.

cientistas, era composta por Isidoro, o cozinheiro e guia; Alexandre, um dos índios que trabalhavam nos moinhos de Mr. Upton; Domingos, experiente na subida do Tocantins, e Antônio, garoto indígena que se juntara voluntariamente aos trabalhos de coleta (WALLACE, 1979, p. 45).

Chegando ao pequeno lugarejo de Jigueri, ainda no Grão-Pará, a embarcação precisou ancorar até que a maré baixasse. Wallace e Bates encontraram uma grande quantidade de insetos, dentre estes, duas espécies de borboletas jamais vistas nos arredores da capital da Província. Neste ponto, os viajantes se depararam com a primeira grande questão científica de sua jornada amazônica, dentre tantas outras que rechearam a cabeça de ambos, e que seriam fundamentais para a sistematização de seu pensamento sobre a origem e evolução das espécies, no decorrer das próximas décadas.

Ao perceber que havia encontrado indivíduos totalmente diferentes, em uma distância pouco considerável da Cidade do Pará, aonde realizaram as primeiras coletas, Wallace lançou no ar uma pergunta, a qual o acompanharia por anos até a divulgação de sua teoria da distribuição geográfica dos animais, inicialmente gestada na Amazônia, porém concluída apenas na expedição pelo arquipélago malaio entre 1854 e 1862. “Não esperávamos constatar em tão curta distância, tal diferença no que se refere aos insetos. Mas se o mesmo fenômeno ocorre na Inglaterra, por que não o observaríamos aqui?” (WALLACE, 1979, p. 46), afirmou aquele que entenderia, a posteriori, como os rios e outros marcadores geográficos agem como barreiras naturais, para a distribuição das diversas espécies no planeta. Fica evidente também que esta dúvida acompanhava Wallace desde as coletas anteriores realizadas na Inglaterra e em Gales, estando também nas entrelinhas de sua famosa carta para Bates de Outubro de 1847, citada e discutida no capítulo anterior, no que concernia ao seu interesse por verificar como de fato as espécies divergiam entre si, e a relação desta diversidade com a origem comum.

Quatro dias após deixarem o Pará, a embarcação alcançou o curso principal do rio Tocantins, na altura da Vila de Cametá, a época uma das principais cidades da Província, exatamente por se localizar estrategicamente na abertura do rio para os cursos d’água do rio Pará. Desembarcados, foram encaminhados até o Sr. Gomes, proprietário para o qual Wallace e Bates possuíam uma carta de recomendação (WALLACE, 1979, p. 47). O inesperado desaparecimento do piloto, Domingos, obrigou-os a permanecer no lugarejo por mais dias do que o planejado, e assim, Sr. Gomes os ofereceu hospedagem em sua própria residência.

Uma permanência imprevista, porém, não seria problema para dois jovens cientistas que estavam na ânsia de coletar cada vez mais. Os próximos dias foram ótima oportunidade para caçar e coletar, com bons resultados no encontro de espécies novas e interessantes. Tucanos, pombas, anambés e ciganos foram os primeiros pássaros com os quais se depararam, ainda nos arredores da residência na qual pousaram. Adentrando mais a floresta encontraram novas espécies de *Heliconia*, belas plantas ornamentais cujo valor nos jardins europeus era alto, especialmente por sua semelhança com as orquídeas gigantes. Coletaram também novas borboletas da família das *Erycinidae*, as quais encantaram grandemente Wallace, para quem o interesse em coletar se especializava gradativamente na Entomologia.

Conseguidos mais dois homens com o Sr. Gomes para substituir Domingos e Antônio, este último dispensado por Wallace por ser improdutivo e desobediente (WALLACE, 1979, p. 48), seguiram caminho rumo a Baião, onde morava um pequeno proprietário para o qual tinham mais uma carta de recomendação. Com o Sr. Seixas, o tal proprietário, Wallace e Bates embarcaram de uma vez e seguiram rumo ao seu destino.

Chegados a Baião e permanecendo por dois dias, os naturalistas aproveitaram os campos de coleta. “Um jacamar castanho³⁶, um papagaio de cabeça roxa e algumas pombas”, além de “diversas espécies de novas borboletas” (WALLACE, 1979, p. 50) foram adicionadas às suas caixas de coleta. As muitas milhas de cafezais e as matas de segundo crescimento, ou seja, com bastante iluminação, justificavam o sucesso da coleta nos arredores de Baião, segundo o próprio Alfred.

No lugarejo, porém, não apenas o arcabouço científico de Wallace crescia, mas também suas experiências humanas com os locais. Experiências essas que lemos como espaços de conexão em que, mesmo nas entrelinhas, os sujeitos se tocam e se transformam. A forma como Wallace descreveu, através de diálogos, suas principais inserções nos imaginários e nos costumes no vale amazônico, facilitaram entender como no discurso parafraseado em sua escrita, o naturalista construía a imagética do nativo da qual foi caudatário: o outro como reafirmação do seu lugar de si mesmo.

Em nosso entendimento é no contato imediato que os sujeitos constroem as relações, pois seguindo certa Antropologia os estudiosos estavam fadados a compreender contatos culturais como ações previamente estabelecidas pelas estruturas quase imóveis, sendo que o “risco da ação”, tal como se nomeia, age como catalisador para fazer e desfazer relações de

³⁶ *Galbula ruficauda*.

acordo com o conjuntural (SAHLINS, 1990, p. 9). Os indivíduos são mutuamente afetados em seu contato, e é a partir desta concepção que construímos o personagem do naturalista galês como aquele que se apropriava e ressignificava/traduzia para seu universo o mundo do outro, e vice-versa, numa lição teórica apreendida da obra de Hartog (1999). A narrativa de Wallace foi emblemática, e tomamos a liberdade de transcrevê-la *ipsi litteris*:

Enquanto preparávamos os insetos ou depenávamos as aves no interior da residência a janela que se abria para a rua ficava repleta de curiosos, crianças e adultos, que ali ficavam por horas a fio, acompanhando as operações com interesse verdadeiramente infatigável. Ao verem um pássaro depenado faziam geralmente a mesma observação: “Ah, esses brancos ... Que paciência”. Aí um cochichava para o outro: “Será que ele tira toda a carne?!”. Outro filosofava: “Eu, hem?”. Aquele observava: “Olhem ele faz olhinhos de algodão!”. Seguia-se uma rápida discussão acerca da finalidade daqueles trabalhos. Para que serviriam? “Para mostrar”, era a solução geralmente encontrada por alguém. Mas a maioria não concordava, julgando insatisfatória aquela explicação (WALLACE, 1979, p. 51).

As relações são assim, tão construídas a partir de uma confluência do estrutural com o conjetural, que o mesmo cientista que acessava e reconhecia o conhecimento local, ao mesmo tempo se punha como autoridade perante aqueles que possuíam o conhecimento de animais e a plantas *in loco*, mas que diferentemente do cientista tinham outros interesses e posicionamentos. Assim Wallace continuou:

Não, os ingleses por certo não seriam tão malucos a ponto de apreciar a mera contemplação de peles recheadas de pombos e de papagaios... Já para as borboletas, alguém sugeriu uma explicação que a todos pareceu satisfatória, dizendo que deveriam servir para obter novas padronagens de tecidos estampados. [...] E quanto aos feiosos insetos, supunham que servissem para fazer remédios. Vimos que o melhor era concordar com os palpites. [...] *Ademais, eles simplesmente não iriam entender coisa alguma que lhes tentássemos explicar* (WALLACE, 1979, 51). [Grifo nosso].

É evidente que a transcrição dos diálogos de Wallace com esses homens e mulheres, tal como em todo o decorrer de sua escrita, não pode ser entendida como a fala, em si mesma, daqueles que curiosamente observavam e comentavam seu trabalho com os insetos e aves capturados. Ao contrário, nos oferece a chance de entender como o próprio Wallace compreendia os povos locais: em estado de inocência e falta de informação, tal como os extratos acima nos apontam. O que nos leva a pensar? Seriam totalmente alheios aos processos de captura, gerenciamento e vendas de espécies animais e vegetais, numa

confluência tão grande de viajantes percorrendo o Brasil naquela época? Um simples “para mostrar” colocava em questão a imagem do nativo transmitida por Wallace.

Esta construção de relações, porém, não se resumia ao episódio fartamente citado, mas também quando se tratava de explicar aos locais certas características do “mundo do branco”, por assim dizer, que era motivo de constante especulação por parte deles. Durante uma das refeições na residência do Sr. Seixas diversos vizinhos se aproximaram, e usando a oportunidade de um tradutor para o português, Mr. Leavens, inquiriram Wallace e os demais sobre muitos tópicos. Dentre estes, o porquê dos estrangeiros abastecerem o mercado de borracha a partir das seringueiras do Brasil, ou mesmo os motivos que levariam os “americanos” (termo genérico que designava estrangeiros no período) a não plantarem mandioca em suas terras. Wallace pontuou melhor a reação de um deles, especialmente ao saber que o clima frio das regiões setentrionais impedia o cultivo de certas plantas, corriqueiramente encontradas em seu cotidiano:

Ele achava que seria um ótimo negócio plantar seringueiras, pois assim os americanos poderiam extrair látex fresco todo dia e fabricar seus próprios sapatos de borracha. Quando Mr. Leavens lhe disse que o clima era frio demais para que as mandiocas e as seringueiras medrassem, ele ficou embasbacado, *não podendo compreender como um povo poderia sobreviver num país que não dispunha de bens tão elementares* (WALLACE, 1979, 51). [Grifos nossos].

A construção imagética do sujeito na interface com o outro se verificava, portanto, de forma mútua, aonde os lugares socioculturais, estruturalmente definidos, se entrelaçavam no espaço de relações e permitiam um questionamento, mola mestra de uma compreensão de história em rupturas: como poderiam viver sem o mínimo de mandioca e látex? Como itens vitais para um povo lhes revelava os distanciamentos e aproximações da sua com outras tradições?

Wallace prosseguiu exercitando em sua escrita as particularidades e relações entre sociedade díspares, hoje entendidas por nós como o complexo conceito de “cultura”. Isso se tornou ainda mais claro quando em uma sacada *hartoguiana*, o naturalista comparou espaços de atuação dos sujeitos, diferentes espacialmente, mas próximas quanto à experiência. Parafraseando seus interlocutores nativos, Wallace pronunciou sua visão do que significaria para aqueles homens rubros a sua cultura, neste caso, a cultura do “americano” que perdia tempo depenando e estufando pássaros só “para mostrar”, ou que sobreviviam mesmo sem

poder plantar mandioca e seringueiras, tão essenciais que seriam para os povos da terra. Na esteira desta relação de forças, entre a figura do cientista autorizado e o homem conhecedor das plantas e dos animais, Wallace não somente enxergou seu mundo inserido na mentalidade do outro, mas construiu essa relação baseando-se na comparação, facilmente reveladora das interfaces e nuances dos encontros e desencontros culturais, próprios das “zonas de contato”.

Comparando desta feita, em tom irônico, que os índios, da mesma forma que os Chineses, acreditariam em uma “suposta” superioridade sobre o europeu, naturalmente privado da oportunidade de usufruir de plantas tão úteis e tão fundantes para o universo daqueles povos semi agricultores. “De modo idêntico pensam os habitantes do Celeste Império. Para eles, não passamos de uns bárbaros muito miseráveis, tanto que somos obrigados a sair de tão longe, só para comprar seu chá!” (WALLACE, 1979, p. 51). Em um enunciado no qual há um visível posicionamento da reafirmação identitária, Wallace entregou as pistas que nos encaminham na tentativa de conhecer seu lugar de fala, e quiçá traços característicos da construção de seu próprio sujeito. Tal sacada do pensamento nos remeteu diretamente a revisitação que Edward Said (1990) realiza em seu *Orientalismo*, numa leitura que se opõe radicalmente às dicotômicas categorias, geralmente utilizadas na comparação entre o universo das sociedades Oriental e do Ocidental. Tal perspectiva colocou em suspensão os conceitos, acima de seus pertencimentos, tentando enxergar as particularidades das culturas e sua construção a partir da alteridade.

Passados os dias de estadia em Baião, seguiram em direção a outros pontos estratégicos para paragens na região. Um bom suporte para se estabelecer por alguns dias nos lugarejos, especialmente se este possuísse fácil acesso às florestas entrecortadas por trilhas abertas e iluminadas, poderia garantir um acréscimo nas valiosas coleções, de forma destacada as caixas entomológicas. Fora algumas plantas do gênero *Oenothera* amarela, um pequeno gavião e um raro tipo de pelicano, encontrados em Panajá (WALLACE, 1979, p. 58-59), a expedição conjunta de Wallace e Bates sob os auspícios de Mr. Leavens não lhes rendeu grandes retornos em termos de coletas, tal como fora rica em experiências humanas.

Desta forma, no dia 30 de setembro estavam de volta à Cidade do Pará, após semanas de viagem. Como num afã de cair infatigavelmente no campo de trabalho, Wallace não permaneceria estacionado na cidade, conhecida há muito tempo. Durante um dos dias ociosos no lugarejo, ele e Bates sentaram para escrever sua primeira correspondência para Samuel Stevens. Havia se passado mais de cinco meses desde que chegaram; a primeira coleção de insetos havia sido enviada para Londres há mais de três meses, assim, ambos precisavam

saber qual a situação do trabalho de seu agente financeiro na venda das peças, dado que o prosseguimento da expedição dependia exclusivamente dos lucros gerados com a venda das duplicatas.

Na promessa de conseguirem embarcação disponível para a Ilha de Marajó, esperaram em uma pequena residência cedida por um francês, de nome Borlaz, na localidade de Olaria, ponto estratégico para a futura partida. Nesta pequena parada, como em muitas outras, aproveitaram para investigar e coletar nas redondezas. Wallace preferiu deixar os insetos em um segundo plano, apesar de sua crescente abundância nessa região, o que nos leva a pensar que estivesse concentrado em uma questão em particular, a qual se notabilizou com a observação contínua das aves e seus comportamentos. As especulações teóricas começavam a ganhar cada vez mais espaço entre as ações práticas de coleta e descrição.

Wallace refletiu, mas não aprofundou na sua escrita a questão da qual nos referimos, e que iria no futuro ser explicado, dentro do evolucionismo, como as bases para a compreensão da evolução divergente e da adaptação dos seres. Sua compreensão, neste sentido, podia ser entendida tendo em vista o devir de seu pensamento, cujos traços não podem ser definidos, mas cujos conceitos apontam para a consolidação das ideias. Em meio a andorinhas, papamoscas, jacamares e surucuás, alimentando-se geralmente dos mesmos frutos e pequenos insetos, o tom investigativo do seu pensamento se alinhava a Darwin e algumas outras produções especulativas do período, para os quais, a adaptação dos indivíduos aos seus respectivos meios, não poderiam continuar sendo entendida apenas como ferramenta de intuito alimentar, ou seja, de sobrevivência (WALLACE, 1979, pp. 63-64).

Um problema observado, porém, não solucionado também por Darwin quando da viagem para Galápagos, através da observação das diferenciações entre os bicos dos tentilhões. Wallace, por seu turno, sublinhou que deveria existir uma forma de explicação mais geral e orgânica, ainda não conhecida, para compreender um fenômeno como aquele notabilizado em diversos grupos de indivíduos na região de Olaria. O princípio da divergência foi exatamente a pedra de toque do seu famoso estudo publicado em 1858, da Ilha de Ternate, na Indonésia, intitulado *Sobre a tendência das variedades de se afastarem indefinidamente do tipo original*.³⁷

Com poucos exemplos é possível observar a relação direta das primeiras descobertas e questionamentos de Wallace, durante toda a viagem pelo Brasil, com a sua produção

³⁷ No original: On the tendency of varieties to depart indefinitely from the original type.

bibliográfica posterior, em momento de maior delineamento de suas ideias. Estar ao lado de Bates era um fator ainda mais condicionante para seu crescimento intelectual, de modo particular por que fora, e continuava sendo uma importante fonte de conhecimentos e de discussões produtivas. Entretanto, a parceria Wallace-Bates chegava ao fim, pelo menos estruturalmente, já que decidiram a partir daquele momento manter expedições por rumos distintos. O trabalho de colecionador, apesar da intrínseca implicação científica, correspondia em boa parte aos interesses do mercado, mantido por meio dos agentes de viagem e financeiros, responsáveis pelo gerenciamento das coletas, como sabemos. Desta feita, grandes especialistas na vida e carreira de Wallace, acreditam em uma separação sem rompimentos, e mais ligada a interesses práticos, a que possibilitaria maior progresso nas coletas de ambos, e assim evitaria a competitividade entre os mesmos. Tais visões, porém, apontam certa influência das diferenças comportamentais de ambos os cientistas, sendo Bates bem mais introspectivo e paciente, ao passo que Wallace representava o intrépido intelectual faminto por conhecimento e descobertas, e impaciente por novas aventuras (FERREIRA, 2012, pp. 33-34) (RABY, 2001, pp. 44-45).

Os caminhos dos dois jovens, cujo companheirismo começara em Leicester, iriam se cruzar novamente, e ainda em terras brasileiras, numa reunião em que importantes diálogos foram travados, e a partir dos quais muitas ideias ganhariam corpo, tanto no trabalho de Wallace quanto no de Bates. Aquele estava agora tomando a dianteira de sua própria trajetória pelo vale amazônico, em uma expedição para a Ilha de Mexiana, localizada no curso principal do grande Amazonas, com partida em 3 de Novembro de 1848.

Wallace registrou logo de início a pujança faunística que dera fama ao lugar, porém, na sua dubiedade característica voltou a colocar tais fatores sob uma análise comparativa com as regiões campestres e temperadas, compreendidas como mais favoráveis ao desenvolvimento de animais terrestres de grande porte, em parte numa visão caudatária das “teorias degenerativas” do século XVIII, reflexo de uma grande onda antiamericanista no campo das ciências naturais entre os setecentos e os oitocentos (GERBI, 1996, p. 19).

Estabelecido na residência do administrador da fazenda, um alemão por nome Leonardo, mediante carta de recomendação, Wallace conviveria com um grande número de negros escravizados, boa parte da população da ilha, a qual era voltada exclusivamente para a criação de gado. É bem verdade que na Cidade do Pará, com sua efervescência étnica característica, tivera contato direto tanto com grupos de negros, quanto de indígenas ou ditos

mestiços, porém, em Mexiana seu olhar estaria voltado de modo particular para o negro, cujas vivências e sociabilidades competiam com a grande quantidade de aves, gracejando ao seu redor ao caminhar pelos cerca de 400 Km² de ilha.

Figura 9: Mapa que contempla os três trechos da exploração de Wallace e Bates. No rio Tocantins, nas ilhas de Marajó e Mexiana e por fim nos rios Campim e Guamá.



Fonte: Google Imagens (Adaptado). Acesso em: 02/08/2014.

O período de seca, bem como a existência de poucas florestas, foram fatores determinantes para que Wallace concentrasse sua coleção exclusivamente nas aves, abundantes naquele perímetro. “Em dez dias consegui pegar 70 espécimes, dentre os quais 14 gaviões, diversas garças (tanto das brancas quanto das coloridas), alguns papagaios e pica-paus, e um grande tucano de bico amarelo, da espécie *Rhamphastos toco* [...]” (WALLACE, 1979, p. 66). Papagaios, rouxinóis, urubus e cucos, nativamente conhecidos como *quiriru* ou *anu-branco*, eram vistos aos bandos e enchiam os olhos de Wallace.

No meio da ditosa paisagem, e dos bandos barulhentos de pássaros contrastava a população simples de algumas centenas de pessoas, marcadas pelo ritmo das vivências de uma organização social voltada à criação extensiva de gado. Escravos, homens brancos e negros livres sobreviviam apenas do pagamento em víveres, geralmente farinha, mas estavam autorizados para buscar na agricultura familiar outra forma de sustento, além de um pequeno comércio de itens como fumo e produtos artesanais de fibra de palmeira (WALLACE, 1979, p. 68).

As descrições de Wallace cada vez mais sustentam nossa compreensão de que, em termos gerais, a primeira fase de sua expedição ao Brasil, entre o Pará e o Tocantins, foi muito mais próspera no aspecto etnográfico, o qual percebemos através de uma constante atuação na sua narrativa das *zonas de contato* culturais, nos termos de Pratt (1999), em sua leitura de Ortiz, propositor pioneiro do termo “transculturação”.

O negro, como mencionado, se destacava nessa narrativa específica de Wallace sobre Mexiana, e na esteira de certa exaltação, estabeleceu as discutidas “comparações”, as quais revelavam implícita e explicitamente a recorrência de um pensamento dicotômico metrópole/colônia, num Império de autonomia recentemente estabelecida. Os dois pilares étnicos em discussão não diziam respeito, neste caso em específico, ao índio e ao homem branco, numa apologia rousseriana, recorrentemente presente no pensamento de Wallace. Mas, incorria numa construção imagética do negro escravizado sorridente e feliz em oposição ao índio apático. Ver o próprio Wallace falando é uma forma de mergulharmos melhor nesta dinâmica relação de alteridade:

Os escravos pareciam contentes e felizes, o que, aliás, é a regra geral entre essas pessoas. Todas as tardes, ao pôr do sol, lá vinham eles dar boa noite ao Sr. Leonardo e a mim, saudando-nos também pela manhã, quando viam algum de nós pela primeira vez. Quando um negro tem que fazer uma viagem, mesmo curta, ele se despede de todas as pessoas que encontra, do mesmo modo que o faríamos com os amigos mais chegados, à véspera de uma prolongada ausência. Essa exuberância contrasta fortemente com a apatia dos índios, que muito raramente expressam algum sentimento de pesar quando partem, ou de prazer quando retornam (WALLACE, 1979, p. 68).

É claro que Wallace não atentaria para o fato de que, toda esta cordialidade e educação do negro, em grande parte revelava um reflexo das relações de controle, próprias de sociedades estruturadas sobre o escravismo. Os traços do cotidiano, não negligenciados em sua escrita, apontavam pequenos aspectos, dentre os quais, apareceram as reações contínuas

da cultura do cativo frente aqueles que representavam o patronato branco. A música, por exemplo, largadamente destacada como forte traço de resistência escrava no Brasil, apareceu na escrita de Wallace:

À noite, os negros ficam em seus casebres tocando e cantando. Seu instrumento é uma espécie de viola primitiva, da qual tiram apenas três ou quatro notas, repetindo-as horas a fio, na mais enfadonha monotonia. Em cima dessa pobre melodia, improvisam uma letra, geralmente relacionada com os acontecimentos daquele dia. *Os feitos dos brancos são os temas mais frequentes dessas canções.* (WALLACE, 1979, p. 68). [Grifos nossos].

Em “feitos dos brancos” uma série de possibilidades pode ser acessada, e foi a partir deste ponto que pensamos no que se revelava através da narrativa wallaciana: os tais feitos seriam a imposição do trabalho duro e a exploração do homem pelo homem? Ou aquelas mulheres e homens seriam dóceis, com um branco sorriso no rosto o tempo todo, tal como Wallace deixa transparecer? Fazer uma leitura de nossas fontes com este olhar demanda uma reflexão bem mais extensa e autônoma, porém, essas nuances do discurso jamais devem passar despercebidas, especialmente porque passo a passo constroem para nós o personagem sobre o qual nos detemos neste trabalho dissertativo.

A convite do feitor da fazenda, Wallace se destinou a acompanhá-lo em uma caçada de jacarés, uma importante oportunidade para a observação do hábito de diversos animais, além da flora da região. Em poucas horas de barco, cruzando o igarapé que levava ao local da caçada, deslumbrou-se com a pujança da vegetação, com destaque para os enormes cedros, a grande sequência de coqueiros-açaí, e muritis, vistos pelo naturalista como correspondentes naturais das clássicas colunas gregas (WALLACE, 1979, p. 70).

Enquanto o feitor e os escravos dedicavam o tempo na matança de jacarés e na captura de pirarucus, importante item para comercialização na Cidade do Pará, Wallace se embrenhava nas matas com suas costumeiras acompanhantes, a rede e a espingarda, em busca principalmente de caçar patos e outras aves aquáticas, como colhereiros, garças e maçaricos. Esta foi a primeira vez também em que pôde analisar de perto uma grande arara azul e os famosos tuiuús, não vivos em seu habitat, mas abatidos pela espingarda enquanto voavam.

Em meio à abundância de tantas espécies, o discurso de Wallace sobre a Natureza tropical conduz-nos a uma reflexão antecipada, a qual se notabilizava em uma concepção presente em toda a escrita do naturalista, de que a exuberância das grandes florestas virgens não correspondia a um grande número e concentração de espécies, ao contrário das planícies

campestres de regiões temperadas. Tal entendimento Wallace recuperou de Charles Darwin, o qual havia defendido estes mesmos termos em *A viagem do Beagle* (1839).

O parâmetro utilizado, o qual considerava o porte das espécies e sua ocorrência como sinais para uma riqueza faunística, não era novidade no campo científico do período de Wallace e Darwin, ao contrário, desde Buffon (1707-1788) em seu *Histoire naturelle* (1761) as diferenças de porte e força da fauna terrestre eram projetadas como importantes determinantes, em uma análise que pouco considerava a diversidade e as particularidades das espécies de cada continente. Segundo Gerbi (1996), tal posição de Buffon e de caudatários a ele, tal como De Pauw (1738-1799), devem ser entendidas e criticadas sob a luz de importantes e recentes estudos, tal como o de Fairfield Osborn, *Our plundered planet* (1948), cujo trabalho repousa sobre a consideração da grande importância das espécies de pequeno porte na chamada Economia da Natureza. Nomes como Wallace e Darwin, coautores da futura teoria da evolução, seriam fundamentais para a reconsideração de uma compreensão mais orgânica e menos generalizante do desenvolvimento das espécies, ao passo que Cuvier (1769-1832) havia lançado os fundamentos da moderna zoologia, mesmo estando inserido ainda na tradição catastrofista bíblica.

Sem grandes novidades entomológicas ou mesmo ornitológicas, as quais haviam nos últimos tempos ocupado parte exclusiva do trabalho de Wallace, este resolveu voltar à Cidade do Pará, a caminho da qual faria apenas uma pequena parada em outra propriedade também sob administração do alemão Leonardo, desta vez na Ilha do Marajó, meio caminho até a capital da Província. As condições de coleta no local não diferiam praticamente em nada das encontradas em Mexiana, e assim, Wallace precisou permanecer uma semana inteira sem atividade contínua, na espera que todo o gado fosse recolhido e desta forma a embarcação pudesse continuar seguindo de volta.

O retorno de Wallace para os entornos da Cidade do Pará, residindo em uma nova, mas ainda diminuta *rocinha*, foi seguido por um pujante trabalho de coleta. Em parte familiarizado com a maioria das pessoas daquele trecho de habitações, passou a contar gradativamente com o apoio dos locais para o preenchimento de suas caixas de coleta. Em meio ao grande número de interessados em ajudá-lo, muitos deles espertamente supervalorizando o preço dos pássaros, cobras ou insetos, um rapaz se destaca, era Luís, que apesar de ser mais um, dentre tantos *meninos da floresta* ganhou destaque para Wallace, por um motivo especial: já possuía experiência com naturalistas!

Luís havia sido companheiro de Johann Natterer durante seus longos dezoito anos de exploração pelo Brasil. Este compusera a mesma expedição científica da qual fizeram parte os naturalistas Spix e Martius. Zoologista, o austríaco acumulou uma gigantesca coleção, especialmente de insetos, os quais se encontram atualmente expostos no *Naturhistorisches Museum*, localizado em Viena. Boa parte da grandiosidade dessa coleção se deveu, evidentemente, à grande habilidade de Luís em caçar e conhecer a localização e os hábitos dos animais da floresta, tal como contou a Wallace, narrando as aventuras ao lado do “Doutor”, como se referia ao cientista austríaco (WALLACE, 1979, p. 79).

Na estação chuvosa, naturalmente, a ocorrência de insetos não era abundante. Desta feita, Wallace passou a explorar de Luís suas maiores habilidades com a caça de pássaros, provando este ao naturalista, o quanto o conhecimento da terra e a experiência com o trabalho de campo eram fundamentais para o progresso da expedição. Cardeais, surucuás-de-barriga-vermelha, tucanos e tantas outras espécies raras eram o resultado diário do trabalho prestativo de Luís em meio às copiosas árvores. E assim como Isidoro, que além de cozinhar deu um importante suporte a Wallace e Bates para o conhecimento das plantas, Luís “estava a par dos esconderijos e hábitos de quase todas as aves, sabendo imitar perfeitamente seus cantos e conseguindo desse modo atraí-las para perto de si.” (WALLACE, 1979, p. 79).

Devido à sua origem social pouco abastada, tal como se discutiu no primeiro capítulo, Wallace jamais teria a mesma possibilidade que Darwin, por exemplo, de desenvolver uma viagem de intuítos científicos de forma sistematicamente planejada. Assim, tanto no seu trabalho como no de Bates, a ocorrência de certo reconhecimento pelo fundamental apoio que as populações nativas lhes ofereceram, aparece recorrentemente. No caso de Wallace, em particular, cuja maior preponderância científica repousava sobre suas proposições da futura Biogeografia, as noções nativas de espacialidade e distribuição dos animais foram fatores imprescindíveis para a sustentação de seu pensamento (MOREIRA, 2007, p. 1).

As trocas de experiências culturais, porém, tal como discutimos teoricamente, são de fato vias de mão múltipla, quando entendemos que o nativo abria para o europeu sua caixa de conhecimentos, mas que não necessariamente se fechava para a absorção de tudo aquilo que poderia vir do mesmo. Wallace, neste sentido, afirmou: “Diversos rapazes do Pará estavam agora colecionando insetos” (WALLACE, 1979, p. 80). Tal atuação dos locais perante o cientista representaria uma súbita curiosidade pelo tão falado exibicionismo (*para mostrar*) dos naturalistas brancos? Ou a paixão do galês pelas espécies animais e vegetais dos trópicos seria para os locais uma forma de adquirir alguns réis? A narrativa wallaciana dá cabo de

alguns desentendimentos deste com supostos caçadores/colecionadores nativos, muitas vezes exagerando nos valores e vetando todo e qualquer acordo para redução de preços dos animais trazidos até ele. Tudo isso irritava grandemente Wallace e de certa forma confirmou a segunda hipótese, a qual enxergava tais relações como estratégias socioculturais, percebidas às vezes em nível microscópico e subreptício, em relações que aparentemente se sustentavam sobre o limitado pilar dominador-dominado (SILVA, 2013, pp. 31-32).

Com sua popularidade na região de Nazaré Wallace conseguia diariamente muitas novas espécies, especialmente de insetos. Porém, o natural e inevitável espírito inquieto do galês o impedia de continuar por muito tempo numa estadia muito monótona. Sua experiência adquirida com a convivência local, e com as expedições ao Tocantins e a Mexiana, estavam gradativamente preparando-o para sua grande jornada pelo maior rio do mundo, entrecortando a imponente floresta. Porém, o Grão-Pará ainda tinha algo a mais a oferecer-lhe, Wallace podia sentir isso, tanto que não esperou a iniciativa de nenhum daqueles que o haviam ajudado, tendo iniciado sozinho a preparação de uma excursão aos rios Guamá e Capim, caudatários da margem direita do rio Pará. O fenômeno da pororoca, também nomeado de macaréu, possivelmente foi o motivo principal que levou Wallace a empreender mais uma expedição interna ao Grão-Pará, visto que os dois rios citados são um dos únicos em que se esse fenômeno se manifesta.

Adquirindo uma pequena embarcação de um francês erradicado na região, e com uma boa barrica de álcool e outros itens essenciais para conservação de peixes e tratamento ornitológico e entomológico, Wallace precisava apenas arregimentar a tripulação, a qual obviamente seria composta apenas pelo piloto, por mais um tripulante e por Luís, naquele momento seu fiel escudeiro. A viagem prosseguia com a subida da maré, e estes ancoravam quando a mesma estava baixa; descendo a terra era momento de aproveitar para caçar, tanto Luís quanto Wallace desembarcavam com suas espingardas e redes preparadas, assim, se ocupavam em coletas durante todo o tempo que a baixa maré durasse, tendo ela voltado à sua altura normal a viagem prosseguia (WALLACE, 1979, p. 81).

Com um dia de viagem alcançaram o povoado de São Domingos, aonde permaneceram por cerca de uma semana. Ainda com poucos insetos, devido à estação, as coletas se resumiam às caças de Luís. Vendo pouco progresso, seguiu Wallace em direção ao curso principal do Rio Capim, aonde após três dias de viagem chegaram à fazenda do Sr. Calisto, para quem possuía uma carta de recomendação. Este era um grande escravagista, dono de muitos hectares de canavial e arrozal, nos quais novamente o contato de Wallace com

a vivência de tantos cativos, submetidos a uma noção naturalizada de superioridade, trouxe do mundo da Natureza pela Natureza para o mundo do animal mais incógnito de todos: o homem.

O relato de Wallace sobre as paisagens, especialmente a social, se iniciou de uma forma visivelmente diferente do tom que se encerra. “Os escravos eram tratados por aqui de maneira muito benevolente.” (WALLACE, 1979, p. 82), em uma fazenda que contava com a rubrica de mais de cinquenta cativos, em todas as fases da vida, e de índios, evidentemente não legalmente escravos, mas submetidos aos mesmos regimes de trabalho. Tal como em Mexiana, o discurso de Wallace sobre o negro benevolente, trabalhador e submisso contrastou com o do índio, cuja docilidade para a labuta não era natural, mas através de estratégias de controle, tal como se segue neste excerto:

Disse-me o Sr. Calisto que só assim, pondo para trabalhar juntos os escravos e os índios, é que se conseguia fazer com que os últimos apresentassem um bom rendimento. Nenhum outro sistema tentado fora de fato bem sucedido. *Os índios não se submetiam a regulamentos rígidos* quando trabalhavam apenas ao lado dos seus semelhantes. Entretanto, tendo a seu lado os escravos, os quais observam horários regulares para o início e o término dos serviços, além de se submeterem a todas as tarefas que lhes eram determinadas, eles logo se acostumavam àquele sistema e *adquiriam* os mesmos hábitos de trabalho. (WALLACE, 1979, p. 82). [Grifos nossos].

A determinação dos lugares dos indivíduos, muitos mais construídos por outrem do que por estes mesmos, reflete uma permanência no imaginário social da época de uma dicotomia, entre duas imagens do índio: uma que o exaltava, mas que o bestializava, e outra que o depreciava totalmente. A primeira uma concepção francesa, de viajante, a segunda produto do colono, o ibérico (CARNEIRO DA CUNHA, 1990). Nesta relação tênue, na qual não existe apenas o índio e sim também o negro, as comparações se estabelecem como um ímpeto na relação, e assim, as depreciações a acompanham, implícita ou explicitamente. A resistência indígena ao regime de trabalho no campo, por exemplo, propagada desde o século XVI como “indolência” natural, não aparece aos olhos do escravista, e muito menos de Wallace, como estratégia de afirmação cultural e social.

Isto sim, quando se tratou da escravidão negra, o discurso wallaciano tomou estas mesmas formas, mesmo que as dubiedades sejam sempre recorrentes. O escravo foi apresentado como aquele que tomava a benção do patrão, não apenas por obediência, mas também em reconhecimento às inúmeras “benesses” concedidas pelo Sr. Calisto: folga,

divertimentos e castigos apenas em casos de grave insubordinação. Wallace chegou mesmo a afirmar que esta “trata-se, portanto, de uma forma de escravidão bastante humana e amena.” (WALLACE, 1979, p. 83), logicamente considerando este um caso totalmente isolado, não refletindo de modo algum todo um complexo sistema de interposição de forças no escravismo.

Em contrapartida a este discurso, Wallace se configurou como um ferrenho crítico da escravidão, entendendo que o ser humano cativo está reduzido ao que chamou da “fase animal” da existência humana, comparada à infância. O pragmatismo entra em ação, e assim percebemos uma profunda preocupação daquele, não com a liberdade – ontologicamente falando – e sim com os prejuízos sociais e humanos decorridos do regime escravista. O homem cativo perdia toda a esperança de buscar conhecimento, compreender o mundo, a arte e a complexidade da natureza, dado que tinha convicção do seu futuro reduzido ao poder do homem sobre o homem, e assim, detendo o desenvolvimento do próprio mundo (WALLACE, 1979, p. 84).

Foi discutindo sobre a interface da escravidão e sua consequente determinação de lugares sociais, que Wallace usou pela primeira vez a expressão “luta pela sobrevivência” e “batalha da vida”, numa acepção bastante problemática para as atuais discussões sobre o evolucionismo, em sua modalidade social ou humana, que tem grande representação na figura do filósofo britânico Herbert Spencer. Este foi um dos primeiros a cunhar os termos “evolucionismo social” e “sobrevivência do mais apto”, forçosamente atribuídos a Darwin durante bastante tempo, e de certa forma ainda recorrente em uma literatura pouco consequente.

Wallace teria contato com uma leitura realmente sistemática de Spencer somente em 1862, quando retornou de sua grande expedição pelo arquipélago malaio. Ele e Bates, compartilhariam suas impressões sobre o trabalho presente na obra *First principles of a new system of Philosophy*, publicada naquele mesmo ano. De um ângulo geral, as opiniões de Wallace considerariam a obra de suma importância, entendendo-a como uma reunião de pistas para o esclarecimento de certas lacunas ainda resistentes no trabalho de Darwin. *The origin of species* (1859) havia exposto o mecanismo orgânico que sustentava a evolução, porém, não contemplava consistentemente o problema em si da “origem da vida”. Mas, ao mesmo tempo, em uma posição de ponderação, Wallace reconsiderou o fato de que as posições spencerianas estavam envolvidas em um manto de generalizações, através de sua apropriação do

mecanismo da evolução, expressa através de termos próprios a esse novo campo, tal como “luta pela vida” ou “mais forte” (WALLACE, 1908, p. 239).

Futuramente Wallace manteria uma relação intelectual bastante amigável com Spencer, desde que enviou a este o seu trabalho *The origin of human races under the Law of Natural Selection* (1855)³⁸, um texto que revela a precoce preocupação de Wallace quanto às implicações humanas e sociais de uma teoria complexa e polêmica como a da evolução. A presença das citadas terminologias spencerianas no texto de Wallace, podem não indicar uma relação imediata, afinal de contas seria temporalmente impossível. Todavia, antecipavam as lentes antropológicas sob as quais o evolucionismo seria lido por décadas, chegando com muita força até a primeira metade do século XX.

A condição de tutela vivenciada pelos negros escravizados representava, na perspectiva de Wallace, um grande empecilho ao desenvolvimento da sociedade. Dado que para o naturalista, diferentemente de Spencer, aqueles paradigmas que consideravam determinadas sociedades como incivilizadas ou bárbaras, em contraposição à civilização, eram unicamente fruto da falta de acesso à educação e ao desenvolvimento intelectual, mesmo que voltado ao trabalho. O escravo estaria, dessa forma, limitado no processo de “batalha da vida”, pois somente através do acesso ao saber era que as faculdades morais e os traços de genialidade de cada indivíduo se despertavam (WALLACE, 1979, p. 84).

O Sr. Calisto conquistou Wallace com sua gentileza e afabilidade, porém, a imagem do escravista ainda permanecia! O que pensava ele, portanto, do próprio indivíduo proprietário de escravos? Excluindo-se esse do grande sistema em que está inserido? A concepção de liberdade seria demasiadamente requintada para ser compreendida por um ignorante senhor de escravos brasileiro, que apesar de sua “benevolência” para com os cativos, revelava forçosamente as contradições dos princípios escravistas. Em que pesava a bondade do Sr. Calisto, até onde ia esta admiração?

“[...] Um senhor de escravos paternal e bondoso constitui um ponderável empecilho à causa da liberdade, fazendo com que boa parte das pessoas se torne incapaz de perceber os falsos princípios inerentes ao sistema, os quais,

³⁸ “A Origem da raça humana sob a Lei da Seleção Natural”. Inicialmente publicado no periódico *Anthropological Review* em 1864, foi revisto por Wallace e republicado na série de ensaios intitulada *Contributions to the theory of Natural Selection* em 1871. Na referida coleção Wallace reúne textos de sua bibliografia que foram de fundamental importância para o suporte da teoria publicada conjuntamente por ele e Darwin na *Linean Society* em 1858.

sempre que encontram nas brutais paixões humanas um solo propício para seu desenvolvimento, logo germinam e produzem efeitos tão vis que só podem levar as pessoas honestas a sentirem vergonha da desgraçada natureza humana.” (WALLACE, 1979, p. 84).

Torna-se evidente que para o naturalista a escravidão era uma torpe marca de nossa sociedade, e que a ideologia que sustentava a exploração do homem pelo homem, não passava de uma ilusão. A mesma ilusão para a qual seus olhos se abriram através das lições tomadas em Owen, sobre as condições de vida e trabalho dos proletários ingleses, gradativamente desvalorizados com a introdução dos sistemas complexos de maquinaria. Além do próprio Robert Owen, o pensamento de Wallace se congratulava com a produção de Robert Dale Owen (1771 – 1858), filho do socialista utópico britânico, que na obra *A lecture on Consistency* (1840) ofereceu as bases para a dura crítica do naturalista à tradicional concepção cristã da culpabilidade, que segundo o mesmo era um dos motores de muitas das desigualdades do sistema capitalista, fomentador do sentimento de culpa daqueles considerados improdutivos ou indolentes, naturalmente rechaçados pelo cristianismo protestante e sua concepção de salvação através do trabalho (WALLACE, 1908, pp. 46-47).

Edmund Wilson (1940) destacou a forma como Owen comparava as relações de exploração, respectivamente estabelecidas no Capitalismo e no escravismo das Américas, e naturalmente o seu discurso em muitos pontos se encontrava com o de Wallace, o qual analisando um caso em particular chegou a falar em “escravidão amena” e em “benevolência”. Ao assumir a fábrica de fiação em New Lanark, aonde se envolveu com os primeiros processos de reformismo social, Owen se deparou com o progressivo apagamento dos trabalhadores diante dos novos maquinários. Nosso interesse na crítica de Owen, porém, não diz respeito diretamente ao seu questionamento do Capitalismo, mas sim ao discurso emitido sobre a escravidão, num jogo relacional com o mesmo discurso de Wallace, anteriormente discutido. O escravo de “sorriso largo e de vida tranquila” não aparece diretamente no texto do socialista, tal como no de Wallace, mas está implicitamente presente, tal como se lê:

Um dos primeiros exploradores dos novos dispositivos de fiação de algodão, ele [Owen] foi logo atingido pela terrível discrepância entre "a grande atenção dada à maquinaria morta e o descaso e desrespeito com a maquinaria viva"; e tornou-se consciente de que "a ruim e imprudente escravidão nas manufaturas da Inglaterra foi neste restrito período muito pior do que as casas de escravos que eu depois vi nas Índias Ocidentais e nos Estados Unidos, e em muitos aspectos, especialmente no que diz respeito a saúde,

alimentação e vestuário, estes últimos eram muito melhores do que era fornecido para as oprimidas e degradadas crianças e trabalhadores nas fábricas da Grã-Bretanha. (WILSON, 1940, p. 88).³⁹

Entender que as ideias de Wallace, tanto sobre o Capitalismo quanto sobre o escravismo, em relação direta com seu período de formação secularista informal em Londres, é entender também que este não estava isolado no mundo, e que outros cientistas e intelectuais oitocentistas, especialmente britânicos, foram duros críticos da organização social do trabalho que encontraram nas Américas. O caso de Charles Darwin foi provavelmente um dos mais emblemáticos, dado que sua crítica à manutenção da escravidão no Império brasileiro foi bastante dura e contundente, chegando este a um desentendimento com o Capitão do *Beagle*: Fitzroy, um ferrenho defensor do direito à propriedade privada, como justificativa para a manutenção do regime escravocrata (FERNANDES; DE MORAES, 2008, p. 1). Sabemos que tal discurso, mesmo sendo fruto de uma compreensão humanitária das relações de trabalho, revelava muito da construção imagética do homem europeu, intelectualizado e abastado, defensor da liberdade humana não pela própria liberdade, e sim pela defesa do mercado livre e do trabalho assalariado, fundamentos essenciais da política social e econômica da poderosa Grã-Bretanha oitocentista.

Apesar do posicionamento deliberadamente “abolicionista”, Charles Darwin tal como o conterrâneo Wallace, deu espaço na sua narrativa aos supostos escravocratas “benevolentes”, com destaque para o Sr. Manuel Figueiredo, proprietário de uma fazenda em Sossego, Rio de Janeiro. Darwin registrou “[...] como os escravos eram tratados com bondade e revelavam-se felizes” (KEYNES, 2004 *apud* FERNANDES; DE MORAES, 2008), aquele mesmo escravo sorridente e conformado reapareceu na narrativa de outro viajante, em meio a um contexto que não correspondia em nada à bondade ou à felicidade.

Como em uma semelhança nítida com Wallace, a narrativa de Darwin irrompe em mais críticas mordazes. Ao tomar conhecimento de que um grupo de crianças e mulheres escravas seria tirado do convívio de suas famílias, por ocasião de um acordo de venda do escravocrata, por nome Patrick Lennon, com um mercador do Rio de Janeiro. O inglês não se

³⁹ No original: “One of the earliest exploiters of the new cotton-spinning devices, he was soon struck by the terrible discrepancy between ‘the great attention given to the dead machinery, and the neglect and disregard of the living machinery’; and became aware that ‘bad and unwise slavery in the manufactories of England was at this unrestricted period far worse than the house slaves whom I afterwards saw in the West Indies and in the United States, and in many respects, especially as regards health, food and clothing, the latter were much better provided for than were those oppressed and degraded children and work-people in the home manufactories of Great Britain.’”

conteve e revoltado possivelmente intercedeu junto a Manuel Figueiredo, o qual parece ter interferido positivamente a favor dos escravos, segundo Fernandes & De Moraes (2008).

As mudanças consideráveis da sociedade europeia, principalmente através das pressões implementadas pelos novos paradigmas científicos, são recorrentes no arcabouço de fontes deste trabalho, a qual revelou um século XIX marcado por duras batalhas, de um lado pela Escolástica que ainda exercia forte influência sobre os anseios pela explicação da vida, para os grupos sociais ligados à Igreja inglesa, e do outro as concepções organicistas e consequentemente evolucionistas, catalisadoras de uma crítica ao modelo cosmológico tradicional, que considerando a imutabilidade da vida contribuía diretamente para a naturalização das estruturas sociais, neste caso, a escravidão, entendida como uma necessidade da vida pela aristocracia da terra, e vista como uma “barbárie” por Wallace, Darwin e tantos outros.

A boa convivência do nosso personagem galês com os trabalhadores, e acima de tudo com o proprietário da Fazenda São José lhe proporcionaram algo extremamente necessário, mas que constantemente faltou durante os quatro anos em que expedicionou pelo Norte do Brasil: mão de obra disponível. Com auxiliares e canoas Wallace podia visitar constantemente os campos de abertos de plantação de cana e árvores frutíferas, aonde a observação e coleta de *passifloráceas* enriqueceram as já corriqueiras expedições de caça, não bem sucedidas em pássaros e insetos naquele momento (WALLACE, 1979, p. 86). Também é digno de menção o fato de que o Rio Capim foi o primeiro ambiente em que o naturalista praticou ações no campo da Ictiologia⁴⁰, tendo preparado todo o material necessário para as coletas, tal como os frascos e a grande quantidade de álcool que levou consigo. Foi por seu estudo e rica descrição dos peixes do Rio Negro que Wallace ganhou parte de sua notoriedade após o retorno para a Europa, apesar de ter se aventurado pela Amazônia com um interesse mais específico por insetos e plantas. Desta forma, as atividades começadas no Capim lhe ajudaram a amadurecer neste campo, mas a grandeza e indescritível diversidade da fauna do Rio Negro o surpreenderiam mais ainda.

Mais de vinte negros e índios compuseram a equipe de pesca de Wallace nas terras do Sr. Calisto, um número que dificilmente encontraria, quando de sua subida pelas perigosas regiões de quedas d’água no Alto Rio Negro. As técnicas de pescas dos nativos foram de enorme utilidade para o crescimento das coleções ictiológicas do naturalista, que ficou

⁴⁰ Diz-se do campo da Biologia que se dedica ao estudo dos peixes.

fascinado pelo método de envenenamento da água represada em igarapés, praticado com exímia habilidade e naturalidade pelas culturas locais. De dia era posto o veneno, e durante a noite era o momento de fisgar o pescado com linhas ou com arco e flecha (WALLACE, 1979, p.86).

O interesse de Wallace, desta feita, se voltou para a tentativa de conseguir um exemplar de perdiz-brasileira, do gênero *Tinamus*. Certa feita, disse, enquanto viajavam pelo Tocantins chegou a ver uma dessas aves, mas como era costumeiro e altamente necessário, nem a mais deseja das espécies era poupada da panela, assim não pôde estudá-la mais detidamente (WALLACE, 1979, p. 86). Por ocasião da estadia nas margens do Rio Campim, com todas as regalias concedidas por seu anfitrião, Wallace foi em busca de mais uma excursão antes do retorno à capital da Província, com a principal intenção de conseguir uma perdiz ou uma araraúna, também conhecida como arara-canindé ou arara-azul-grande (*Ararauna*).

A subida pelo igarapé resultou na coleta de poucos insetos, dado que a pujança da floresta em todo o trecho impedia a entrada de luz do sol, e conseqüentemente, afetava as ocorrências entomológicas de interesse para a coleção. Apenas um exemplar de borboleta do gênero *Morphos*, conhecidas por seu tamanho grande, foi avistada em mais de meio dia de viagem. Além desta, belos jacamis-pretos (*Psophia viridis*) de plumagem aveludada, um pequeno macaco, caçado para compor o almoço, e as longas narrativas de proezas de caças dos índios, compôs tudo o mais que Wallace pode aproveitar do dia de excursão. Retornando para a fazenda, três dias depois, com grandes dificuldades de navegação, Wallace registrou o “[...] prazer em deixar o sombrio ambiente da floresta, com suas folhagens sempre úmidas e seu solo atapetado de folhas e galhos apodrecidos, trocando-o pelo dia claro, pelo céu azul, pelos pássaros em algazarra e pelas margens alegres e floridas.” (WALLACE, 1979, p. 88).

Esta fala não poderia de forma alguma ser posta aqui sem uma intenção prévia, usufruindo das possibilidades que a narrativa nos traz, através da conexão de saberes ao longo da História da Ciência e dos saberes científicos. Continuamos a nossa própria tessitura do texto de Wallace lembrando um dos principais tópicos da “grande polêmica” científica, filosófica e religiosa, objeto de estudo do historiador italiano Antonello Gerbi. Este afirmou que a tradição científica conhecida como *catastrofismo*, com destaque para o Conde de Buffon e a Francis Bacon (1561 – 1626), deu ênfase à teoria que acreditava em uma justificativa escatológica, dentre outros fatores, para a inferioridade das espécies tropicais, especificamente americanas, perante os seus supostos correspondentes europeus. A frieza e a

umidade do solo, ainda encharcado do grande dilúvio, do qual o Novo Mundo teria emergido por último, explicaria os diminutos tamanhos e a reduzida força das espécies terrestres americanas, a começar pelos quadrúpedes (GERBI, 1996, p. 23; 63).

Fica assim bem nítido o quanto as teorias deterministas ganharam terreno, por séculos, na formação da mentalidade coletiva no Brasil, fomentando a consciência de que a inferioridade do colonizado era fruto da própria Natureza, e sendo assim, também era imutável. O excerto de Wallace acima, em uma descrição quase poética dos contrastes de sombrio e iluminado, encharcado e primaveril, leva-nos ao encontro das palavras de Buffon, densamente carregadas das adjetivações que caracterizavam os ditos discursos antiamericanistas:

Neste estado de abandono, tudo se enlanguesce, tudo se corrompe, tudo sufoca: o ar e a terra, sobrecarregados de vapores úmidos, não conseguem se depurar nem aproveitar-se das influências do astro da vida; o sol dardeja inutilmente seus mais vivos raios sobre a massa fria; esta não tem condições de responder a seu ardor; produzirá apenas seres úmidos, plantas, reptéis, inseto, e somente poderá nutrir homens frios e animais débeis (BUFFON, 1829, p. 83 *apud* GERBI, 1996, p. 22).

Não se trata aqui de afirmar que Wallace era antiamericanista, ou que corroborasse com a tradição catastrofista, em sua teoria sistemática, mas sim entender que os parâmetros científicos oitocentistas compunham um panorama dinâmico, com termos e referências oriundos tanto de tradicionalistas de gabinete quanto de jovens cientistas inovadores. Em que pese as permanências estruturais do pensamento, é impossível negligenciar as rupturas do processo, em parte por corresponder a novos paradigmas e questionamentos no contexto da ciência de feições vitorianas. A criação da Terra e dos seres vivos em sete dias, tal como a narrativa bíblica, não mais satisfazia a busca de compreensão da vida. Desta forma, o que dizer de Wallace, que mesmo apontando novas direções para o que chamaríamos hoje de “diversidade”, indiretamente sustentava uma dicotomia de certa forma determinista do clima?

No retorno à Cidade do Pará lá estava mais uma vez a pororoca no caminho de Wallace, as gigantescas ondas, formadas após a subida constante da maré lhe deram uma impressão tão assustadora quanto da primeira vez, durante a subida do Capim. Fato é que agora tinha certeza de que aquela pequena embarcação, agora abarrotada de artigos, não seria palio para as intempéries que uma navegação ao longo do Amazonas inevitavelmente traria (WALLACE, 1979, p. 90).

Enquanto o barco se chocava contra o efeito arrasador das ondas gigantes, e Wallace se envolvia com as enormes exigências daquela viagem, o que se passava em Londres? A esta altura Stevens já havia recebido a correspondência de Wallace e Bates, enviada no dia 23 de Outubro de 1849. Antes de realizar a distribuição das coleções inicialmente enviada pelos jovens exploradores, Stevens procedeu a divulgação da expedição, através do periódico *The Annals and Magazine of Natural History*, um dos veículos de publicação científica de maior circulação no período. Na seção “diversos” da revista, os editores-chefes, entre eles Sir. William Jardine e Richard Taylor, dedicaram duas páginas à expedição de Wallace e Bates pelo Grão-Pará e em um trecho da Província do Tocantins, durante os oito primeiros meses de estadia na Amazônia. Na publicação um pequeno prefácio introduziu dados gerais sobre a viagem conjunta, bem como os primeiros resultados das coletas enviadas meses atrás:

Eles já enviaram duas belas parcelas de insetos de todas as ordens, contendo cerca de 7.000 espécimes em ótimas condições, e um vasto número de novidades, além de outras espécies muito raras, algumas das quais foram conhecidas apenas para o mundo entomológico pelas figuras de Cramer e Stoll, e algumas conchas e peles de aves. A última parcela é o resultado de sua jornada subindo o Tocantins.⁴¹

Não era nada simples ganhar notoriedade em um jornal científico, especialmente na mesma edição que trouxe nas primeiras páginas trabalhos de renomes, tais como os botânicos John Lindley e Richard Spruce. Ora, a consequência direta do bem sucedido trabalho do agente financeiro de Wallace e Bates, em promover sua viagem, era mais financeira do que mesmo científica, dado que a procura pelas coleções aumentaria. A parte o que foi dito, é importante pensar no contexto das expedições científicas como verdadeiras redes de saber, cujo desenvolvimento em longínquas paragens era acompanhado em detalhes pelo principal público alvo das mesmas: os círculos científicos.

Wallace estava longe daquela atmosfera acadêmica, mesmo que a ela necessitasse permanecer ligado, já que o sucesso do seu empreendimento dependia inevitavelmente de apoio. De volta a Nazaré, estava na expectativa da chegada de seu irmão, Herbert, que havia deixado Swansea, Gales em direção a Liverpool, de onde havia navegado rumo ao Pará no dia 7 de Junho de 1849, data em que uma carta escrita por Herbert fora enviada à irmã Fanny. Pelas palavras deste, supomos que Alfred estaria preocupado com o fato de estar coletando

⁴¹ ANN. MAG. NAT. HIST., 1849, Ser. 2, Vol. 3, Londres, 1849, p. 74-75. Disponível em: <https://archive.org/stream/annalsmagazineof231849lond#page/74/mode/2up/search/wallace>. Acesso em: 17/10/2013.

sozinho, o que denotava uma quantidade de trabalho maior, e consequentemente o aumento de dificuldades no caminho. A presença de um apoio, especialmente quando este falava inglês, daria novas possibilidades ao trabalho.⁴² Anos depois, o próprio Wallace afirmou que, além disso, seu irmão havia demonstrado total interesse em se tornar um explorador, não bem como eles liam juntos nas grandes aventuras das epopeias literárias, mas ainda assim entusiasticamente (WALLACE, 1908, p. 146).

O filho mais novo dos Wallace, tal como os irmãos, estava prestes a confirmar o espírito de dispersão pelo qual aquela família se caracterizava. No mesmo navio em que Herbert embarcou estava presente um grande nome da ciência oitocentista, de modo particular, da botânica. Tratava-se do supracitado Richard Spruce, que em uma longa viagem de mais de quinze anos, durante os quais desceu o rio Amazonas desde os Andes até sua foz, acumulou riquíssimas coletas, além de ter fortalecido uma relação duradoura de amizade com o filho de Gales (WALLACE, 1908, p. 146)⁴³. Herbert, de certa forma, também criou bons laços tanto com o cientista quanto com seu assistente Robert King. O mesmo navio que trazia as boas novas, serviria também para garantir o envio a Stevens de mais um conjunto de caixas de coletas, acumuladas desde as últimas excursões. Junto com a produção naturalista era a oportunidade de mandar novas cartas para casa, cheias de saudades, mas envoltas em uma grande expectativa com tudo o que estaria por vir.

Wallace estava completamente decidido e entusiasmado a não perder muito tempo no Grão-Pará, especialmente agora que sua jornada se tornaria bem mais agradável e diria até familiar, devido a recente presença do seu irmão, do qual até mesmo só a língua era suficiente para transportá-lo até as tranquilidades da atmosfera da terra natal. Como primeiras medidas para preparar Herbert para a grande subida do Amazonas, levou-o a embrenhar-se pela floresta circundante de Nazaré, até aquele momento bastante conhecida por Wallace, através de seus informantes locais e de sua experiência empírica. Herbert chegou ao Pará tendo a sorte de encontrar um grande bando de arapongas, ave branca hoje completamente extinta do Brasil e de vizinhos como Argentina e Venezuela. Na curta estadia inicial deste na Cidade do Pará, ainda chegou a conhecer os famosos “papagaios imperais”, *Conurus carolinae*, em cuja descrição Wallace notabilizou o fato de estarem simbolicamente ligados com as cores da bandeira imperial brasileira, e de terem sido objeto do aprofundado estudo de Spix sobre as

⁴² Carta de Herbert Wallace para Francis Sims Wallace em 07/06/1849.

⁴³ Em 1908, mesmo ano em que publicou sua autobiografia, Alfred Russel Wallace reeditou, aprimorou e publicou a obra referencial sobre a viagem botanista de Spruce pela Amazônia e pelos Andes. O trabalho baseou-se nas muitas correspondências trocadas entre os dois, bem como em anotações e *sketches* pessoais do cientista e amigo.

aves brasileiras no início do século (WALLACE, 1979, p. 90). Outrossim, a relação das cores da Natureza, reassaltadas como traço do imaginário cultural dito brasileiro, é bastante comum na literatura da formação identitária do Brasil nação, que no uso do simbólico retirado das matas, dos animais silvestres, e representado nos elementos nacionais fortalece a padronização do pertencimento.⁴⁴

Herbert deveria estar se sentindo por um lado orgulhoso de si mesmo, ao estar trilhando os mesmos passos do ousado irmão, e por outro útil e determinado, por ter fugido de sua situação de pouco crescimento profissional enquanto trabalhador do setor de ferro em Neath. Mal imaginaria, porém, que a dispersão e o jeito errante de levar a vida, próprio de sua família, eram insignificantes problemas diante de dificuldades vindouras, atreladas a uma expedição relativamente longa, financeiramente limitada e acima de tudo perigosa.

Não é momento adequado para adiantarmos aspectos da narrativa, afinal de contas o grande Amazonas se tornava cada vez mais uma realidade palpável para os irmãos galeses. Uma subida ao Rio Negro não significava unicamente um aumento quantitativo nas coleções, mas possuía uma implicação científica bastante considerável, dado que boa parte da região ainda era praticamente desconhecida, não para as tantas sociedades locais, mas sim para o olho interessado do naturalista. Santarém e Monte Alegre foram as localidades de onde essa nova jornada se iniciou, no portal de entrada para a grande Barra do Rio Negro, e é a partir daí que a tessitura do próximo capítulo se inicia.

⁴⁴ Sobre a apropriação cultural da Natureza, especialmente as cores e formas, na construção da simbologia de pertencimento nacional ver: GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2000.

CAPÍTULO III

ALFRED RUSSEL WALLACE E O MUNDO DOS RIOS: ÁGUAS, PLANTAS, ANIMAIS, HOMENS E MULHERES NA GRANDE EXPEDIÇÃO AMAZONAS-RIO NEGRO.

Desde o início desta pesquisa tivemos a pretensão de construir um personagem histórico dentro da multiplicidade de percepções, tendo em vista nossa compreensão baseada nas zonas de contato, aonde os sujeitos se fazem e se refazem, em meio a relações que são muito mais de troca do que de imposição. Quando citamos os “sujeitos” estamos nos referenciando obviamente ao nosso objeto de estudo em sim, porém, inserido em uma gigantesca rede, na qual diversos outros sujeitos gravitam, não apenas em torno do lugar de fala ou da lógica europeia do nosso personagem, porém, também em torno de sua própria lógica, muitas vezes silenciada nas fontes pela preponderância do escrito sobre o oral, ou do científico sobre o conhecimento nativo.

Pensamos a natureza como o fez Simon Schama (1996), entendendo que ela não fala sobre si mesma, ou muito menos se nomeia, mas é nela que o homem abstrai e nela deposita uma gigantesca carga cultural, que vai desde uma nomeação ou uma classificação até a atribuição de sentido religioso/patriótico, o que cria unidades discursivas de sentido, filtro através do qual os sujeitos constroem o ideal de natureza, baseando-se no binarismo que separa o natural do humano, como reforço da construção de sentido sobre si mesmo. Neste condão da Natureza, portanto, de ser para o homem um espaço de representação de si mesmo, vislumbramos que foi no caminho dos rios que se (re)construiu não apenas o trajeto de Wallace, mas seu próprio arcabouço de si mesmo e daqueles indivíduos em sua órbita de relações. Pensar a Amazônia (com a ressalva no termo generalizante) é pensar inevitavelmente nos seus rios, verdadeiro mar de caminhos que se entrecortam e se desfazem em extensos volumes de água, abertos ou em igarapés e pequenos riachos, muitos deles tão inacessíveis que provavelmente jamais haviam sido vistos pelo olho humano, quando da passagem do naturalista. Nessa rede, portanto, Wallace está diante não somente de diversos indivíduos, humanos e animais, mas está perante o maior “indivíduo”, que conduz, refreia e permite as diversas relações, sejam culturais, sociais e/ou econômicas; este “indivíduo” é o próprio rio, ou os rios em sua unidade biogeográfica, para usar de mais precisão.

Em recente tese sobre Wallace, Carla Oliveira de Lima, apresentou de forma consequente um traço importante, e poderia até dizer delineador, para tornar visível (virtualmente falando) a grande teia de relações na qual Wallace se inseriu e ajudou a construir, desde o momento em que pisou pela primeira vez nas salinas paraenses até seu retorno, em meio a uma expedição final com inúmeras complicações, de ordem financeira, humana e de saúde. Neste sentido, a autora ainda apontou que tipo de implicações tem a visão estratégica do sujeito em suas redes de relações, como um aspecto que ainda é pouco explorado por historiadores que se dedicam a tal tradição de estudos (LIMA, 2014, p. 299).

Em uma visão puramente baseada no binarismo, a introdução de um dado sujeito em um espaço de encontro, ou zona de contato, é vista como uma troca simples e graficamente reproduzível de vice-versa, quando de fato, estas relações são muito mais complexas e intrincadas, já que não estando prontas e previamente dadas acontecem no momento mesmo do encontro, no imediatismo que leva cada um a sacar seu arcabouço de significações, não somente para reforçar aquilo que pensa do outro, mas que como reação reforça a percepção do outro sobre si, e como síntese transforma ambas as percepções, as quais não se anulam perante o outro, mas que também não permanecem como estavam previamente estabelecidas.

Esforcemos-nos, neste ínterim, para imaginar a viagem de Wallace como um grande gráfico, ou mapa, repleto de pequenos e diversos pontos, os quais podemos entender como sendo os tantos sujeitos com os quais manteve os elos sobre os quais citamos. O naturalista não estava acima, ou à parte desta rede como se fosse uma força superior, mas foi mais um nódulo que compõe a teia, através do qual traçamos o caminho para percebermos os encontros, e o resultado deles como implicação para as transformações científicas assistidas durante os oitocentos. Indígenas, negros, estrangeiros, viajantes, naturalistas... esta rede é de modo marcante não somente a representação virtual da expedição, mas ousaria dizer que é sua razão de ser, já que nossa construção de Wallace toma-o como receptáculo de diversos conhecimentos, contatos e relações que tornaram possível a realização do seu intento, ao viajar pela Amazônia brasileira.

1. UMA REDE SOBRE O RIO DAS ÁGUAS PRETAS: OS ENCONTROS E CONTATOS NO COTIDIANO DA EXPEDIÇÃO.

Durou cerca de 28 dias a viagem através do Rio Pará e do Baixo Amazonas, até que Wallace e seu irmão Herbert vislumbram pela primeira vez a Barra do Rio Negro, o principal afluente do Amazonas. Antes disso, haviam pousado em Santarém, em uma pequena casa emprestada de um escocês residente na cidade, o Capitão Hislop. As cartas de apresentação conseguidas com o estrangeiro facilitaram driblar mais uma vez as burocráticas entradas e saídas através dos limites das províncias. Tal permanência na barra do Tapajós também levou a uma rápida visita à Vila de Monte Alegre, aonde Wallace conheceu pela primeira vez a famosa *Victoria amazonica*, naquele momento largamente difundida na Europa, como um dos símbolos do imaginário europeu sobre a Natureza amazônica.

Apesar das inúmeras curiosidades despertadas em Wallace pela Natureza e pelo povo da região, desde que partira do Pará em busca do alto Amazonas, se tornou notório o seu interesse particular pelo Rio Negro. Em parte por causa da pouca sistematização do conhecimento sobre aquela imensidão de águas escuras, mas também porque elas conduziam aos recônditos mais afastados, habitados por espécies e por sociedades humanas que davam razão de ser a tal difícil empreitada, na lógica da conquista científica de “novidades”. Se retornarmos ao começo desta narrativa veremos que o tema do “novo”, “desconhecido”, “estranho” funcionou tal como um combustível para o impulso que levou Wallace a sair de Gales e partir em direção ao Brasil. E desta feita, se olhamos agora para o cientista que já estava no Brasil há quase oito meses, confirmamos um reforço na ideia antes exposta, de que no grande “desconhecido” que era a Amazônia ainda havia o “mais desconhecido”, o “quase inacessível”: aonde os nativos certamente deveriam ser totalmente diferentes daqueles “prostituídos” pelo catolicismo português (SILVA, 2013, p. 38), ou aonde espécies maravilhosas e não estudadas “esperavam” o olhar pretensioso e analítico do cientista.

Aqui cabe uma ponderação, tendo em vista que antes recuperamos Simon Schama para dizer que aquela compreensão de Natureza como espaço a ser dominado, não apenas fisicamente, mas também discursivamente, revelava em Wallace um traço forte do seu interesse além do puramente dito científico. Ultrapassar perigosos trechos encachoeirados, trabalhar arduamente para alcançar os limites da floresta, eram realmente justificativas apenas para trazer o “novo” para a ciência? A resposta desta pergunta pode nos levar ao Wallace que

pensou nas possibilidades de reconhecimento científico e consequentemente financeiro, o qual não se conseguia falando sobre algo deveras conhecido, mas reforçando a pertinência de se dar atenção aquilo que era novidade. Em carta escrita de Santarém para Samuel Stevens, seu agente, dando conta do envio de uma pequena coleção de insetos feita antes de sua partida para o Rio Negro, Wallace, no entusiasmo e expectativa sobre a possibilidade de encontrar novas espécies através de informações locais, revelou no texto o que uma visão menos consequente do trabalho do galês possivelmente deixaria escapar:

Na [caixa nomeada] Erycinidae há muitas espécies novas para mim, e acredito que algumas *novas para a Europa*: eu já fiz descrições de todas as espécies enviadas, de modo que eu devia novamente enviar para casa minhas duplicatas ou perder qualquer uma delas, eu ainda posso reconhecer as espécies. As lindas espécies eu acredito que venderão bem.⁴⁵ [Grifo nosso].

O destaque dado por Wallace ao aspecto de “novo”, o qual se descortinava à sua frente, deixava entrever por um lado a busca do desconhecido como motor para a viagem, e por outro justificava a empreitada financeiramente, dado que as informações se destinavam a um homem de negócios, seu agente de história natural. Bastava-nos esta pequena análise do início da citação para não perder de vista o que previamente apontamos: a viagem científica se inseria em uma rede maior, na qual aquela rede de relações construída na zona de contato se inseria, ultrapassando os limites dos territórios explorados pelo colecionador, a saber: suas relações financeiras, sua inserção no meio científico e sua busca de estabilidade como homem de saber.

Espécies *novas* eram espécies que *vendiam bem*, e que por sua vez permitiam a possibilidade de uma expedição científica, pragmaticamente falando, o que conferia autoridade ao empreendimento, no contexto da relação com museus e casas especializadas em história natural, os maiores financiadores de tais empreitadas (LIMA, 2014, pp. 22-23).

Ao cientista ou explorador estava dado o interesse de coletar, catalogar, grafar, porém, a ele não estava dado o conhecimento *in loco*, cuja possibilidade era unicamente mérito daqueles que deixaram o gabinete e se aventuraram mata, rio ou montanhas adentro. Essa possibilidade, porém, se dava por meio de um filtro importantíssimo, a saber, o *conhecimento*

⁴⁵ Carta de Alfred Russel Wallace para Samuel Stevens em 15/11/1849. No original: “In the [box named] Erycinidae there are a great many species fresh to me, and I hope some new to Europe: I have now made descriptions of all the species sent, so that should I be obliged again to send home my duplicates or lose any of them, I can still recognize the species. The handsome species I hope will sell well.”.

local, cuja legitimação tantas vezes foi negada pelo chamado saber científico, mas que despertou a atenção de diversos viajantes, dentre eles Wallace, tornando-se ciente de que o acesso a uma região como a amazônica com seus rios e todo o mundo biogeográfico que lhe rodeava não era tarefa fácil, para interessados em história natural que no máximo haviam explorado as colinas nos fundos de sua própria casa.

Tal aspecto torna o viajante dependente em praticamente tudo do arregimento de forças, tanto para as subidas de rios, quanto para o acesso à floresta ou a hospedagem em locais estratégicos, tendo em vista a compra de suprimentos e o contato com os proprietários de embarcações. Carla Lima (2014), fazendo uma apropriada leitura a partir de Latour (2000), nos desperta exatamente para o fato de que uma expedição científica se compreende em redes, ou “fios de macramê”⁴⁶, os quais se conectam entre si e agem integralmente. Pensando assim, fica mais claro entender o porquê de enxergar o naturalista e os indivíduos da grande rede de forma interdependente e não isolada. Em uma perspectiva piramidal ou linear a estes estaria dispensado um mero papel secundário, enquanto a figura do cientista se sobreporia.

Esta digressão tem como intuito reforçar a nossa posição de que o viajante personagem da narrativa, antes de tudo deve ser visto não como um desbravador, herói ou causa primeira e final para o sucesso de sua expedição científica. É através dos saberes locais e das trocas e negociações que o empreendimento científico ganhava um roteiro concreto, e se tornava possível em uma região que oferecia grandes e difíceis empecilhos.

Assim como no Pará, a introdução de Wallace no contexto de Barra do Rio Negro se deu por meio de contatos estrangeiros. Com cartas de recomendação conseguidas com o naturalista William Edwards, direcionadas ao italiano Enrico Antonio⁴⁷, o naturalista e seu irmão Herbert conseguiram acomodação imediata na cidade. Bates se referiu a este comerciante como um “[...] italiano afável, ocupando aqui elevada posição como negociante, e que era amigo certo de todos os viajantes desgarrados [...]” (BATES, 1944, p. 361), o que nos permitiu identificá-lo como mais um importante nódulo da grande rede exploratória, utilizando seu poder econômico, e consequentemente social, para dar suporte aos diversos naturalistas que pela região passaram ou se hospedaram.

Estar na residência de um dos maiores comerciantes locais significava ter facilitado o acesso a diversos espaços, os quais apareceram constantemente na narrativa de Wallace,

⁴⁶Macramê é uma conhecida técnica de tecer fios que é totalmente manual e se baseia na multiplicação de minúsculos e resistentes nós. A própria palavra *macramê* é de origem árabe, derivando de *migramah* que significa nó.

⁴⁷Wallace o chamou de Henrique Antony, porém, a primeira e mais conhecida tradução de sua obra no Brasil, a qual nos serve como fonte, prefere italianizar seu nome.

imbuídos pelo que José Jerônimo Alves (2011, pp. 7-10) chama de “o olhar estético e ético” do naturalista, que ao mesmo tempo criticava costumes, tal como observava práticas, capturava animais e analisava a Natureza.

Em plena estação chuvosa a coleta era impossibilitada, bem como a rotina da cidade se tornava menos intensa, e assim, Wallace enxergava cuidadosamente as mulheres dos comerciantes a desfilar pelas ruas esburacadas com elegantíssimos vestidos à moda francesa, tal como os homens em ternos pretos e chapéus de feltro, substituindo suas pobres camisas e chinelos usados durante a semana. A estes costumes aparentemente “civilizados” para um europeu dos oitocentos, opunha-se o que Wallace considerava como a maior mácula deixada pela colonização portuguesa no Brasil: a decadência moral, implantada como doença entre os povos originais, tão romanticamente idealizados por ele. O jogo, a bebedeira e a fofoca eram os aspectos destes costumes mais ressaltados na narrativa, reforçando a constante construção identitária, não somente do europeu britânico para com o nativo, mas para com os outros estrangeiros presentes em sua rede.

Além das chuvas, outra grande dificuldade encarada por Wallace em Barra do Rio Negro foi a comunicação. A língua geral estava presente em quase todos os povoados e vilas, sendo muito mais utilizado do que o português, com o qual o naturalista havia convivido mais durante sua passagem pelo Pará. Por ordem do Sr. Enrique, Wallace pôde usufruir da companhia de um pequeno indígena, o qual dominava tanto a língua geral quanto o português, e assim era ideal para auxiliá-lo a se comunicar melhor e consequentemente operacionalizar sua permanência na região.

Até então, o pouco que Wallace havia explorado do início do vale do Rio Negro havia se limitado aos arredores de Barra. Por esse motivo decidiu explorar algumas ilhas, as quais poderiam lhe dar uma noção melhor da região, especialmente do fenômeno do encontro entre o Amazonas e o Negro, motivo de tanta fascinação por parte do naturalista galês. Auxiliado por um grupo de indígenas designados pelas autoridades locais, através do comerciante Sr. Enrique, Wallace viajou durante três dias, apreciando a vegetação exuberante e os muitos e minúsculos casebres nas encostas dos rios, até desembarcar em Castanheiro, lugarejo para o qual novas cartas de apresentação lhe garantiam estadia, desta vez em propriedade do Sr. Balbino, o qual lhe cedeu um pequeno quarto em um casebre no vilarejo indígena mais próximo.

Com o apoio do pequeno ajudante estava garantida a preparação da comida, do café e das necessidades mais imediatas no cotidiano da casa. A narrativa de Wallace não explicitou o motivo de seu irmão Herbert ter permanecido em Barra para seguir em outra direção, ao invés

de lhe servir como apoio, mas entendemos que tais estratégias de separação de rota eram sempre adotadas, tanto para expandir as possibilidades de captura e coleção, quanto para enfrentar a concorrência de outros tantos naturalistas que visitavam a região constantemente, tal como percebemos na tomada de rumo de Bates, preferindo subir pelo Solimões do que pelo Amazonas, como fez Wallace.

Seu maior interesse em se afastar dos arredores da cidade era fugir da ociosidade que a época das chuvas trazia, bem como encontrar uma das espécies de maior interesse, tanto científico quanto financeiro: os uiramembis, nomeados por Wallace como *Umbrella Bird*, fazendo referência ao formato de guarda-chuva das plumagens que formavam sua crista. Nesta busca por espécies raras, e consequentemente de difícil acesso, pudemos entender com o papel das redes de conexão, facilitadoras da logística da busca e captura de animais:

Essas aves são muito ariscas e costumam ficar empoleiradas nas grimpas das árvores mais altas e, tendo forte musculatura, não vêm ao chão senão quando gravemente feridas. Meu caçador penava um bocado para conseguir apanhá-las: saía de madrugada, antes de raiar o sol, e quase nunca regressava antes das nove ou dez da noite (WALLACE, 1979, p.112).

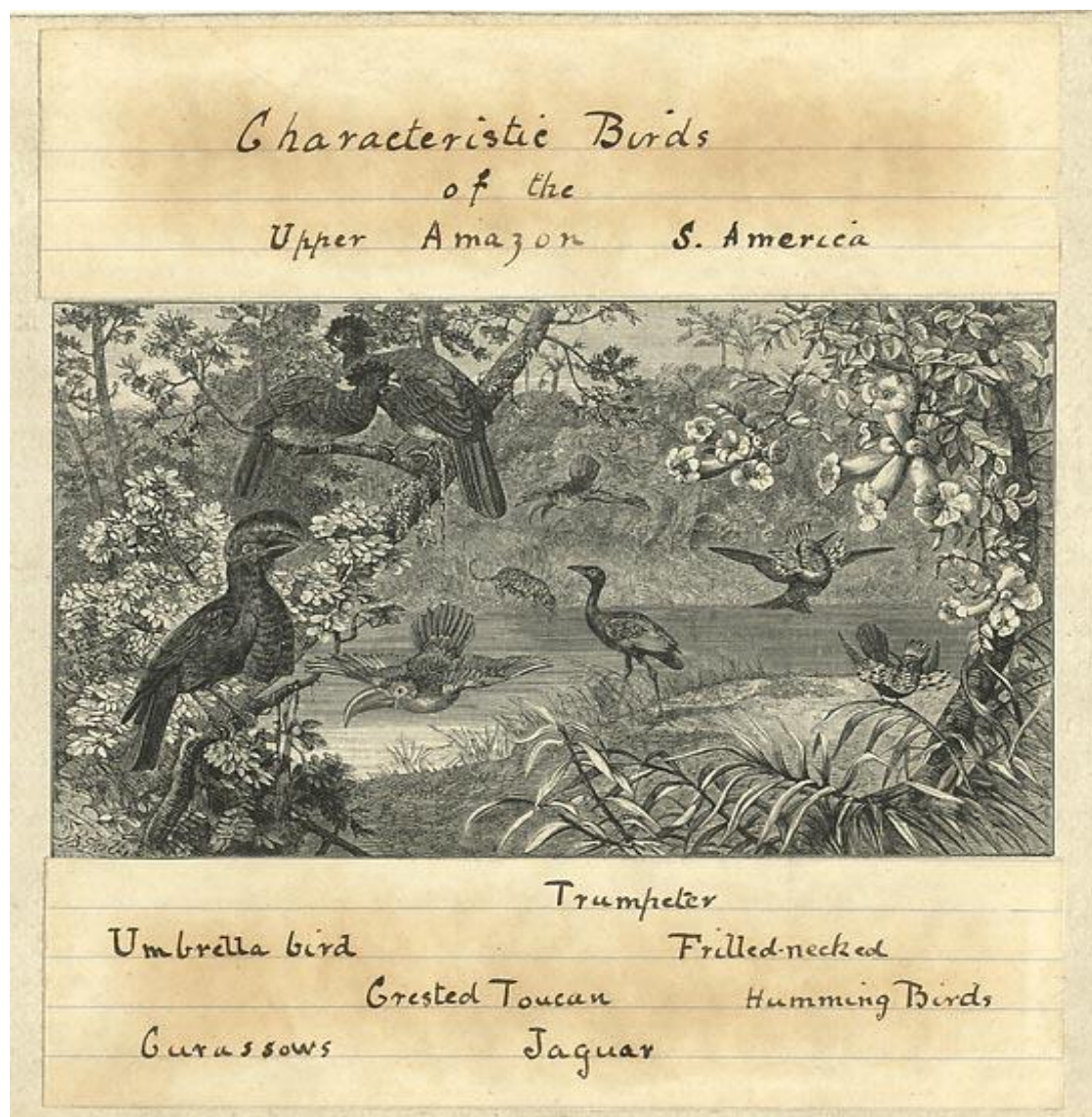
Fazer a leitura de um trecho como esse, de forma a perceber apenas a figura do cientista europeu em uma posição de comando, enquanto seu auxiliar nativo apenas como coadjuvante seria no mínimo reduutivo. O acesso às mais altas copas das árvores, a precisão do tiro ou a estratégia de camuflagem não pertenciam ao arcabouço de práticas do naturalista, portanto, insistimos na noção de que a exploração científica não se dava apenas no vislumbre das belezas naturais, mas na prática cotidiana de acesso aos espaços mais recônditos.

Sua expedição pelas ilhas do baixo Rio Negro durou cerca de um mês, no qual as conquistas entomológicas foram ínfimas, especialmente por causa do período chuvoso. Porém, em se tratando dos cobiçados uiramembis Wallace pôde fechar uma caixa de coleta com 25 exemplares, dentre eles um indivíduo vivo, o qual ainda sobreviveu por cerca de duas semanas depois do retorno a Barra.

As espécies coletadas completaram mais uma caixa, a qual Wallace enviou para Samuel Stevens em 20 de Março de 1850. Na correspondência que acompanhava os exemplares, o naturalista narrava ao agente as dificuldades da viagem até Barra, bem como da pequena expedição pelas ilhas do baixo Negro. Sobre os espécimes, registrou além dos uiramembis, um exemplar do espetaculoso pássaro manakin e um par de arapomgas-da-amazônia, conhecido na língua inglesa como *Bell Bird*, ou pássaro-sino, em tradução livre. Sobre esses últimos, Wallace acrescentou estarem em péssimas condições, devido à

quantidade de tiros necessários para derrubá-los, tendo em vista que habitavam as copas das árvores mais altas.

Figura 9. Desenho das aves características do alto Amazonas feita por Wallace para ilustrar seu livro *The Geographical Distribution of Animals*, publicado em 1876.



Fonte: Natural History Museum Online. Acesso em: 17/11/2014.

Ao final da carta, Wallace se dirigiu a Stevens com um grande “Thank You”, pelo recebimento de um malote, quando ainda estava no Pará, contendo exemplares dos principais jornais e revistas científicas europeias. Se detendo um pouco sobre o trecho da correspondência podemos continuar pensando da forma como nos propusemos no capítulo. A necessidade de uma conectividade, entre o cientista em campo com os ciclos científicos, para

os quais de alguma forma o seu trabalho estava direcionado nos aponta o caráter tanto científico quanto econômico de um empreendimento como o de Wallace e outros tantos naturalistas do seu período.

Isso no fez pensar, neste ínterim, na experiência e sagacidade de Samuel Stevens no gerenciamento da expedição do galês, bem como de Bates. Se entendermos Wallace no contexto do mercado de espécies e duplicatas, efervescente durante os oitocentos, a este estaria relegado a simples pecha de coletor. Entretanto, sua autonomia intelectual, tal como apresentamos na biografia, o impulsionaram a se arriscar na teorização, dando os primeiros passos em importantes trabalhos publicados posteriormente por ele. A figura de Stevens surgiu como um importante nódulo nesta rede, ao possibilitar ao seu agenciado não somente planos de coleta no sentido tecnicista, mas um contato com as principais produções, descobertas e coleções divulgadas durante seu período de afastamento da Inglaterra.

Se por outro lado, entendemos que Stevens não representava apenas o papel do amante da ciência que gerenciava expedições para contribuir com o saber, fechamos parte desta rede, que estava em uma constante simbiose de discursos científicos com interesses financeiros, ao passo que falar em História Natural naquele período é falar de práticas que não se circunscreviam apenas aos ciclos intelectuais, mas ultrapassava tais limites para o deleite pessoal e a diletância de determinadas classes, frequentadoras de lojas e agências de História Natural como a de Stevens na Rua Bloomsbury, 24, em Londres (LIMA, 2014, p. 252).

A esta altura do retorno de Wallace a Barra quem se encontrava na cidade era seu antigo companheiro Walter Bates, também recém-chegado de suas incursões pelo rio Pará e pelo início do baixo Amazonas, detidamente na região de Óbidos. Este havia produzido uma coleção considerável de lepidópteros, ao passo que em Barra estava preso na ociosidade das longas chuvas que chegavam a durar dezesseis horas sem interrupção. Sobre este encontro não combinado dos dois britânicos, pudemos refletir sobre aspectos-chave para compreender os níveis relacionais das teias científicas traçadas sobre a imensidão do laboratório amazônico.

Outros estrangeiros se encontravam na cidade, e a narrativa tanto de Wallace quanto de Bates é interessante por nos dá pistas sobre o cotidiano e as práticas destes viajantes, que durante tantos meses se encontravam na solidão e monotonia das grandes florestas e rios caudalosos. As falas nos levaram a pensar que tais encontros de culturas distintas, e de homens ditos de ciência, serviam muitas vezes como uma “recarga” de energias, especialmente se pensarmos tal como abordamos no segundo capítulo: os sentimentos causados pela distância da terra natal e a longa permanência em áreas praticamente inóspitas

carregavam as narrativas de enorme sentimento de saudosismo, através de constantes comparações entre os costumes e práticas europeias com as locais. Americanos, alemães, ingleses formavam o grupo de estrangeiros presentes em Barra quando da chegada de Wallace. As conversas, diversão e troca de conhecimentos com outros estrangeiros, na nossa percepção, eram muito mais do que simples momentos de desperdício de tempo, era a oportunidade para o reforço de contatos fundamentais.

As fontes se detêm notadamente nos quase três meses de deleite e diversão dos naturalistas, enquanto as chuvas não cessavam de cair. Porém, nosso interesse se voltou especialmente para o reencontro dos dois coletores britânicos, na contra mão da maioria das produções que pouco considerou sobre as implicações de um novo contato de Wallace e Bates em Barra. Procuramos revisitar e consolidar nosso afastamento daquela noção, a qual entende a Europa enquanto a fornecedora de cientistas, autorizados para falar sobre o dito Novo Mundo, o qual por sua vez, era um simples espaço de exportação de dados, sem tradição científica e sem possibilidade de contribuição para o *hall* do saber.

Tanto Wallace quanto Bates eram oriundos de classes poucos abastadas, e cuja respeitabilidade nos ciclos científicos não passava do fato de serem empenhados coletores de História Natural. Pensando por esse viés, nosso trabalho caminhará no mesmo sentido de tantos outros que buscaram estudar a história da ciência sob um prisma piramidal, o contrário do que Latour (2000) propõe enquanto Ciência que se dá nas trocas e produções de espaços de saber no imediatismo da prática de campo, corroborando diretamente com a noção de “zonas de contato”.

De acordo com Bates, o sofrimento e o cansaço de tantos desafios durante suas explorações “foram depressa esquecidas e dentro de duas ou três semanas começamos a falar em futuras explorações. Nesse ínterim fazíamos passeios quase diários pela mata circunvizinha [...]” (BATES, 1944, p. 365). Mesmo com as fortes chuvas, os companheiros de longa data não perderam a oportunidade de investigar a floresta nos arredores, ao ponto de encontrar espécies endêmicas, tal como o jará (*Leopoldinia pulchra*), planta de estatura mediana, mas de bela copa de folhagens, e as grandiosas castanheiras.

Poucos são os estudiosos que se preocuparam com a conjuntura e as implicações da “reunião de Barra”. Somente John L. Brooks (1984) e Ricardo Ferreira (2012) dedicaram espaço nos seus estudos ao levantamento de hipóteses sobre o assunto, especialmente a partir do cruzamento das narrativas dos naturalistas com uma correspondência, atualmente perdida, de Bates para o agente Samuel Stevens. Na mesma, o entomólogo afirmava ter não somente dispensado vários dias caminhando e investigando junto com Wallace nos arredores de Barra

do rio Negro, mas que estes literalmente se sentaram para comparar suas respectivas coleções, reunidas até aquele momento.

Seria o encontro de dois “naturalistas amadores” no meio da mata amazônica mero fato desconsiderável? Ou as trocas de experiência foram fundamentais para o desenvolvimento do seu trabalho, bem como sua inserção nos meios científicos? Acreditamos caminhar num sentido mais consequente, ao pensar que a partir da reunião de Barra tanto Wallace quanto Bates puderam consolidar, em parte, algo que já era fundamental para ambos desde que planejaram a expedição pela primeira vez em Neath: a busca por elementos que corroborassem para uma compreensão mais sistemática da teoria da origem e evolução das espécies.

O suposto “desentendimento” que teria levado ao fim da parceria Wallace-Bates, após a exploração pelo rio Tocantins, perdeu credibilidade a partir do momento em que entendemos que todas as suas decisões foram tomadas a partir de interesses técnicos, para evitar a concorrência entre eles, e assim, possibilitar maior eficiência na constituição de suas respectivas coleções.

Pensamos assim a partir da fala do próprio Bates, ao apontar a reunião de Barra não como um simples reencontro de amigos, mas como um momento para avaliação, atualização de dados e o consequente arregimento de suas próximas explorações. No texto, o entomólogo insistiu que *novos caminhos* foram traçados *juntos*, levando em conta as distintas experiências, vivenciadas desde o apartamento de suas missões na cidade do Pará. Assim, nos apropriamos do seguinte trecho: “Depois de termos repousado algumas semanas em Barra, fizemos nossos planos para nova exploração no interior da região. Wallace escolheu o Rio Negro para sua próxima viagem e eu concordei em tomar o Solimões” (BATES, 1944, p. 372) para questionar: não existiu uma relação de troca e de confiabilidade entre os naturalistas? Considerar as ponderações, conselhos e conhecimentos adquiridos do outro não configurava aquilo que temos insistido, na tentativa de fugir de uma análise unilateral do trabalho de Wallace enquanto ação no campo, dentro de uma rede?

Tal citação, porém, levantou outras questões que podem aprofundar uma análise mais rica da escrita de Bates, e solidificar ainda mais nosso estudo da viagem de Wallace. Em se tratando de uma decisão como esta: explorar o Solimões ou explorar o Rio Negro e seu mais alto afluente, o Uaupés, não se tratava apenas de um joguinho de dados ou de cara e coroa, mas pelo contrário, incluía decisivamente o acesso ao conhecimento local. Os inúmeros nativos, exímios remadores, cuja mão de obra permitia as tantas conexões de embarcações comerciais na subida e descida dos rios, eram essenciais para arregimentar as novas

explorações, cujo trajeto precisava ser não apenas rápido, como eficiente, dado que o interesse maior era a produção de coleções cheias e valiosas.

Há ainda que salientarmos que não buscamos entender o lugar ocupado pelo conhecimento nativo, em uma perspectiva que o coloque como um saber instintivo, oriundo de um indivíduo sem protagonismo, tal como a maioria das narrativas do período se configuraram. Isso implicou na construção de trabalhos acadêmicos no campo da História da Ciência que insistiram em propagar dicotomias, salientando a figura do nativo experiente como anexo ou desdobramento de uma atividade, puramente científica, creditada de forma explícita ou não unicamente ao viajante cientista. Assim como no artigo do professor Ildeu de Castro (2002), *O escravo do naturalista*, aonde mapeia e reconhece a atuação dos povos da terra nas muitas expedições científicas que por aqui passaram. Porém, as crianças e adultos indígenas, negros, caboclos etc. apareceram na sua narrativa como sujeitos sempre dispostos a colaborar com o trabalho de coleta, sem questionamento e sem recusa! Ou ainda como se as atuações dos mesmos no contexto das redes de relações precisasse de legitimação do dito cientista, no qual está inscrito o saber autorizado.

Seria preferível, nesse sentido, enxergar as performances dos atores enquanto construções, as quais se deram no momento mesmo do estabelecimento de conexões entre os vários discursos, e assim, descristalizamos aquela noção de que as muitas pessoas que tiveram seus caminhos cruzados por algum naturalista, colecionador ou cientista diletante o reconheceram como “autoridade de saber”. A narrativa de Wallace, nesse sentido, está cheia de referências às tensões com os moradores de comunidades locais, a maioria delas motivada por discordância em relação ao preço de determinada ave, planta, peixe ou inseto trazido por eles até a cabana do naturalista.

Nem é necessária uma leitura tão detida para encontrar diversas referências do que estamos expondo. Quando chegou à confluência do Rio Negro com o Uaupés, especificamente na Vila de Guia, Wallace foi recebido e hospedado pelo Sr. Lima, comerciante do rio há anos, e exímio nas relações com muitas comunidades indígenas do alto Negro. Essas, em sua maioria, mantinham raríssimos contatos com a região mais povoada do baixo curso, especialmente porque através dos comerciantes as descidas até Barra poderiam ser evitadas, pois o aprisionamento para trabalho forçado ou alistamento nas frentes militares era prática corriqueira na região. Ao que Victor Leonardi (1999, p. 52) se refere dizendo: “O colonialismo interno, de opressão das sociedades tribais, praticado por brasileiros, foi em tudo semelhante ao colonialismo ibérico”.

Expandindo a citação anterior podemos estabelecer uma conexão com o decreto nº 288, de 30 de Janeiro de 1841, expedido pelo Ministério da Marinha do Império Brasileiro, o qual visava regulamentar o processo de alistamento voluntário ou forçado para a constituição das forças de defesa, em período de consolidação das fronteiras e de reverberações dos muitos movimentos contestatórios assistidos anos antes. No decreto, a concepção de tutela dos chamados “incapazes”, “vadios” ou “sem ocupação fixa” fazia referência a noções mais antigas, consolidadas através do Diretório para as populações indígenas do Pará e Maranhão, de 1757, como desdobramento do decreto geral de 1755, que “libertava” os índios dos aldeamentos missionários e os colocava definitivamente sob a égide do governo colonial (MELLO, 2014, p. 6).

Por “sem ocupação fixa” pudemos rapidamente entender como negros, indígenas e caboclos pobres, os quais enchiam as fileiras de convocação “voluntária” na ânsia do novo Estado brasileiro por consolidação territorial, através de uma verdadeira limpeza populacional perpetrada nos recônditos amazônicos, por diversos motivos, mas entre eles o alistamento forçado ou o apresamento para atividades comerciais. Victor Leonardi (1999) é categórico ao estudar o processo de decadência da vila do Airão, no rio Branco, causada em boa parte pela diáspora indígena do alto Negro, tal como dos Tarumã, considerados extintos já em 1774, mas de fato tendo emigrado para a Guiana, tal como confirma através das pesquisas de José Ribamar Bessa Freire.

Nessa digressão a qual nos propusemos, podemos referenciar as atitudes subreptícias - nos termos de Bruit (1999), ao estudar a história da imagem lascasiana do índio - das quais lançam mão os sujeitos que tomam parte das relações em zonas de contato. A recusa, a deserção, a alteração de informações, a contestação são atitudes de imposição de si e de sua lógica de mundo perante o seu diferente, ao que transpareceu no olhar do europeu como falta de modos ou justificativa para encobrir vícios. Wallace, nesse sentido, reproduziu sem reservas esse tipo de atitude, tal como no momento em que teve dificuldades de conseguir um bom número de aves, mesmo tendo à sua disposição dois índios hábeis no trato com a zarabatana:

Logo constatei que a vinda dos índios fôra motivada apenas pelo respeito que tinham pelas ordens do Sr. Lima, pois eles não apreciavam muito aquele trabalho. Era comum retornarem da floresta de mãos vazias, dizendo que não haviam encontrado nenhuma ave, quando eu tinha boas razões para crer que seu dia fôra passado ociosamente num sítio vizinho (WALLACE, 1979, p.137).

Diante do exposto, tornou-se notória a necessidade de cada vez mais revisitar as produções historiográficas que tomaram como objeto as ditas viagens ou explorações científicas, falando do contexto amazônico oitocentista, sobre o qual nos propomos estudar. Tal revisão deve levar em conta, entre outros fatores, que as ricas descrições dos diários de campo e das correspondências dos naturalistas eram antes de tudo espaços de relação de poder, através dos quais, determinado cientista almejava reconhecimento perante os meios especializados, e para o qual lançava mão de uma escrita que privilegiava seu papel como protagonista, ao qual se somava como elemento menor o papel dos habitantes locais. A História da Ciência precisa desconstruir, ao mesmo tempo em que reconstrói, tais narrativas, a partir das quais pudemos enxergar pontualmente sinais que contestam uma visão de Ciência linear-evolutiva, de onde partia um discurso que classificava e nomeava os sujeitos ditos primitivos mediante a autoridade esclarecida do cientista. Visão que também sustenta o binarismo entre a Europa, produtora de ciência, e o Novo Mundo, exportador de dados e sujeito da pesquisa autorizada.

2. ENTRE COLETOR E TEORIZADOR: AS PRIMEIRAS CONTRIBUIÇÕES DE CAMPO DE ALFRED RUSSEL WALLACE PARA A BIOGEOGRAFIA, A TEORIA EVOLUCIONISTA E A ETNOGRAFIA.

Poucos meses depois de chegar a Singapura, durante sua grande viagem pelo arquipélago malaio entre os anos de 1854 e 1862, Wallace recebeu uma correspondência de Samuel Stevens, também seu agente durante a viagem pela Ásia. Na missiva, segundo Raby (2001, p. 111), além de informar ao naturalista sobre a divulgação de seu material na *Entomological Society* e em outros ciclos científicos, Stevens em tom preocupado, especialmente por sua longa amizade com Wallace, comunicou-o a ocorrência de diversas reclamações por parte dos naturalistas financiadores da expedição, para os quais o galês perdia muito tempo divagando em teorizações do que literalmente coletando, função para a qual havia sido enviado. Como justificativa afirmaram ser necessários mais fatos, os quais eram poucos pelo desperdício de tempo, prejuízo à concentração na coleta.

A que se presta esse salto no tempo que acabamos de dar no início desse novo tópico? É um pretexto para recuperarmos um debate que reforça ideias pertinentes ao capítulo. Ricardo Ferreira (2012), de forma mais contundente e até insistente, do que a maioria dos estudiosos de Wallace evidenciou o terreno social no qual este se inseria, de forma a reverberar traços marcantes da estratificação social que predominou na Inglaterra vitoriana. O

marcador de discurso da ciência, por sua vez, não está dissociado do marcador discursivo do Estado-Igreja, o qual reproduz dentro de suas instituições de saber os lugares ocupados pelas respectivas camadas e tradições familiares.

A atenção à qual o professor Ferreira nos chamou, ganha mais sentido quando percebermos na documentação um fato como esse. Nas fontes sobre a viagem de Wallace ao Brasil não consta qualquer fato parecido, porém, ao nos propormos a entender a expedição amazônica como base fundamental para o sucesso da expedição asiática, encontramos as conexões pertinentes entre estes dois momentos distintos, resguardando, porém, as especificidades temporais.

Quando veio ao Brasil Wallace tinha pouquíssima experiência de campo, a contar pelo fato de que suas incursões anteriores se resumiram a um rápido passeio pela Europa, especificamente Gales, Inglaterra e a França em uma viagem de poucas semanas. Para exemplificar basta lembramos que Wallace e Bates só chegaram a praticar tiro em longa distância pouco tempo antes de viajar para a Amazônia.

Evidentemente estes fatores não desclassificaram para nós o seu trabalho, mas salientaram as condições nas quais dois jovens com pouco dinheiro se lançaram em campo, por uma parte, curiosos a respeito da evolução das espécies, por outra, aproveitando uma possível oportunidade de melhoramento da renda, uma vez que reconhecimento científico era privilégio de um grupo restrito da sociedade vitoriana.

Em que pese sua atuação no vale amazônico, encontramos o mesmo naturalista insistente em uma produção teórica aliada ao exercício de campo. Tendo como parceiros e interlocutores dois outros grandes teóricos, como o foram Bates e Spruce, o terreno para a articulação de suas ideias embrionárias com os fatos em campo foi mais que propício, e assim, encontramos traços fundamentais de futuras produções, que englobaram não somente sua teoria sobre a biogeografia do arquipélago malaio, conhecida como a “Linha de Wallace”, bem como diversas considerações importantes sobre os peixes do Rio Negro, as palmáceas paraenses, os macacos e as borboletas do vale amazônico. Esses dados corroboraram com o conhecimento sobre a diversidade, caminho pelo qual chegou à teoria da evolução das espécies por meio da seleção natural.

No cotidiano de caça e coleta, entre um tiro de espingarda ou o lançamento de uma seta de zarabatana uma ave ia ao chão, um pequeno macaco gritava e em poucos minutos o caçador chegava com o animal de sangue ainda quente para entregar nas mãos do naturalista. Tal rotina, associada a longas horas de caminhada, observação e anotações possibilitavam uma visão mais panorâmica, considerando as interações biológicas, que no presente

nomeamos como a ecologia dos sistemas⁴⁸. No perfil de descrição feito por Wallace, e também por Bates, com o qual compartilhava preocupações parecidas, o objeto da distribuição das espécies animais e vegetais se fez latente.

Para fugir da ociosidade em Barra, Wallace decidiu conhecer a fazenda do Sr. Brandão, sogro do italiano Henrique, seu hospedeiro, a qual se localizava as margens do Solimões. O longo período de chuvas havia deixado as águas muito altas, e a corrente repleta de troncos e emaranhados galhos, driblados com maestria pelos remadores nativos, para a admiração de Wallace que se espantava com a velocidade com a qual realizam tal intento.

Ao adentrar no afluente do Amazonas percebeu os inúmeros igapós recortando a paisagem de águas altas, devido às cheias, em substituição a imensidão de águas abertas e largos canais, encontrados nos trechos dos rios Pará, Tocantins e no baixo curso amazônico. Tal característica geofísica se estendia por todo o alto curso do Negro, formando os famosos e perigosos trechos encachoeirados que caracterizavam a região. Se detendo sobre este perfil específico dos rios amazônicos, aonde largas faixas de terra eram invadidas por cursos d'água, formando igapós, Wallace se questionou sobre traços aparentemente díspares, mas que numa visão mais orgânica lhe permitiram entender que as formações geológicas, o clima e a vegetação se conjugavam como fatores cuja implicação era na ocorrência de determinadas espécies em regiões específicas.

Tomemos mais um excerto da obra brasileira de Wallace, desta vez no que concerne a presença no seu pensamento das ideias que mais tarde amadureceu enquanto estudioso da biogeografia:

Os índios até asseguram que todas as árvores que ali [nos igapós] vivem são diferentes das que medram em outros ambientes. É bem provável que tenham razão, em vista das excepcionais condições de existência de tais plantas [...] O fato é que há determinadas espécies de surucuás somente encontradas nos igapós, e outras apenas nas matas de terra firme. Os uiramembis e os uirapurus de causa cerdosa só são encontrados nos igapós [...] Também há tribos indígenas, como as dos pururus e muras, por exemplo, que habitam nessas várzeas inundáveis. Durante o estio, constroem nas praias arenosas suas pequenas cabanas provisórias. Chegando a enchente, passam a viver em balsas [...] Esses índios nada cultivam, alimentam-se apenas daquilo que o rio lhes fornece: peixes, tartarugas, peixes-bois [sic], etc. (WALLACE, 1979, p. 116).

Apesar de ainda incipientes e bastante especulativas, a articulação das informações, tanto a partir do conhecimento local, quanto de suas próprias ponderações inclinavam-se para

⁴⁸ Em caso de um interesse mais detido pelos conceitos que definem a “Ecologia” ver: RICKLEFS, Robert E. **A economia da natureza**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Kooga, 2013.

nossa posição de que as contribuições científicas inéditas de Wallace tiveram terreno formador em sua expedição pela Amazônia, em especial pelos altos cursos do Amazonas e do Negro. Associando a ocorrência de determinadas espécies, com a falta das mesmas em outros locais, apontou o papel que as estruturas geográficas, tal como os rios ou as montanhas, desempenhavam enquanto espaço limítrofe para o desenvolvimento e ocorrência das espécies.

Há nessa citação outro fator interessante a se considerar. No século de Wallace o marcador binário do discurso científico, assegurava o abismo entre natureza e cultura, porém, no caso dos nativos do Novo Mundo, estes eram incluídos na esteira das coisas nomeáveis e classificáveis, a partir do saber autorizado. Assim, a referência aos pururus e muras se deu no sentido de que associá-los à natureza, e consequentemente aos animais, não significava somente entender sua ligação cultural, social e/ou econômica com a unidade dos rios ou dos igapós, mas garantia o arcabouço discursivo que justificava sua inferioridade perante o centro de saber europeu.

Apesar de Wallace e Bates terem tomado caminhos diferentes, as questões que circundavam seus respectivos trabalhos não estavam tão distantes. Enquanto Wallace se questionava a respeito da ocorrência de espécies endêmicas, as quais pareciam seguir dada ordem natural que os impede de ultrapassar limites, determinando suas peculiaridades, Bates começou a refletir a respeito do processo específico de distribuição de animais, especialmente a partir da observação de borboletas do gênero *Heliconius* na região de Ega, no alto Amazonas. Sua pergunta central partiu principalmente da suposição de que, sem uma teoria que explicasse a existência de espécies semelhantes, porém, com variações em locais distintos, manteria a questão da distribuição dos animais um mistério insolúvel.

Por sua vez, Wallace continuou aprofundando essas reflexões, ao ponto de começar a entender que nem toda estrutura geológica ou rio servia como barreira para a territorialidade das espécies, mas somente aqueles de dimensões suficientemente grandes, os quais exerciam direta determinação espacial, a qual por sua vez estaria ligada à variabilidade do solo e do clima, e consequentemente à ocorrência de espécies características.

Foi a partir da análise dos igapós que Wallace começou a se questionar sobre o tema que ora acabamos de citar, porém, quanto mais subia o rio Negro mais características ponderáveis encontrava. Para afirmar com propriedade qualquer noção geral sobre a existência de uma lei, reguladora da migração e distribuição dos animais, eram necessários dados diversos, os quais pudessem ser confrontados. Desta feita, o naturalista começou a delinear e ajustar suas especulações, as quais traziam em tese os princípios básicos de sua

teoria, vulgarizada como a “Linha de Wallace”. A respeito do exposto podemos conferir o trecho a seguir:

Deve haver, entretanto, muitos outros tipos de limites faunísticos naturais além do clima. Lugares distantes um do outro apenas 50 ou 100 milhas costumam possuir determinadas espécies de insetos e aves absolutamente diversas. Evidentemente, há entre ambos alguma linha divisória que determina o raio de alcance de suas espécies, marcando o final da ocorrência de algum elemento essencial para a sobrevivência desse ou daquele tipo de animal (WALLACE, 1979, p. 287). [Grifos nossos].

Não entendemos, pensando a partir desse trecho, que a teoria da biogeografia de Wallace foi sistematizada em terras amazônicas, ao passo que aqui suas ideias ainda estavam no nível especulativo. Esse só poderia, por sua vez, ser superado por um estudo mais acurado em regiões aonde a fragmentação territorial fosse elemento mais marcante que na Amazônia, tal como era o caso das ilhas que compunham o arquipélago malaio. Isso não impediu, porém, qualquer associação com tudo o que Wallace começou a refletir enquanto transcorria o alto rio Negro e as ilhotas do baixo Solimões. A prática da observação e ponderação comparativa entre regiões distintas levou-o a entender que o clima não determinava tudo, porém, as condições limítrofes para as espécies continuavam existindo; a partir de então, pudemos enxergar uma ampliação maior nas possibilidades explicativas do naturalista galês, ao superar a suposição de que qualquer traço geográfico ou geológico poderia exercer a função de barreira, obedecendo à referida lei natural. Tal como no trecho:

Esse limite nem sempre consiste em barreiras concretas que impeçam a passagem do animal, pois muitas aves têm uma área de ocorrência nitidamente limitada dentro de uma região onde nada existe que as impeça de voar em qualquer direção, como é o caso do rouxinol, ave praticamente desconhecida em alguns de nossos condados ocidentais. Rios de dimensões normais geralmente não determinam a distribuição das espécies, pois há poucos animais que de fato não conseguem transpô-los. Mas quando se trata dos gigantescos cursos d'água, o caso é inteiramente diverso, podendo, por conseguinte, considerar-se um rio largo como uma efetiva barreira que estabelece o limite da área de ocorrência de animais pertencentes a todas as ordens (WALLACE, 1979, p. 287). [Grifo nosso].

A ocorrência de ideias tais como as anteriores expostas, não implicou unicamente na tentativa de afirmar que uma teoria começou a ser sistematizada, mas que tal processo de consolidação de um pensamento partia da conjugação de fatores diversos: primeiro a dúvida, depois a observação, logo em seguida a busca de informações adicionais, e por fim a especulação ou hipótese. Porém, tudo isso jamais encontraria terreno para seu desenvolvimento se Wallace não tivesse partido de uma visão mais orgânica, entendendo a

Natureza como trocas entre os seres, sejam do reino animal, vegetal ou sua inserção nos grandes sistemas biogeográficos, tal como é o caso dos rios Amazônicos, cuja função não se resumia apenas a transportar embarcações e abrigar peixes, mas cuja influência no clima, na vegetação e conseqüentemente na ocorrência e variabilidade das espécies se fazia latente, sob o olhar de Wallace.

Quando recuperamos toda essa discussão a respeito da atuação de Alfred Russel Wallace enquanto personagem inserido no campo, resvalamos mais uma vez nas nuances da sua escrita, a partir das quais apontamos a presença direta da ação do conhecimento nativo, em meio à pretendida imposição científica. Basta imaginarmos a enorme extensão percorrida pelo naturalista, em rio aberto, entrecortando igapós e braços de rio ou caminhando em íngremes e labirínticas trilhas em meio à mata amazônica. Mesmo com todo o desejo de conhecer e investigar, ao sujeito que estava em campo era impossível assimilar todos os detalhes, seres e formações geofísicas, e é disso que lançamos mão para defender que o papel das mulheres e homens da terra de fato era “fundamental”, já que mesmo estes não enxergando a Natureza enquanto espaço de significação e produção científica, a estes indivíduos tocava o condão de conhecer o rio enquanto unidade biológica, pois, dele sobreviviam e nele viviam, como tantas vezes salientou o próprio naturalista. Wallace mais uma vez insinuou a atuação do saber local, em meio às divagações a respeito das “barreiras naturais”, em especial a partir do estudo da ocorrência de espécies de símios do Rio Negro:

A espécie do gênero *Pithecia* [...] é encontrada na margem ocidental do Rio Negro, numa extensão de várias centenas de milhas, desde a foz até seu encontro com o Curicuriari, mas nunca na margem oposta, assim como não ocorre no lado meridional do alto Amazonas, onde é substituída por uma espécie afim, a *P. irrorata* (*P. hirsuta*, Spix), a qual, por sua vez, não aparece na margem setentrional. Penso que tais fatos servem para provar que *esses rios constituem efetivamente uma barreira à expansão da área de ocorrência de algumas espécies*, mormente quantos aos casos relatados, *porquanto os macacos são animais muito bem conhecidos dos caçadores nativos* (WALLACE, 1979, p. 287). [Grifo nosso].

A narrativa explicitou o fato de que as especulações científicas eram resultado de certa apropriação do saber não autorizado do nativo? Evidentemente não! Todavia, levando em consideração as circunstâncias do acesso difícil a certos espaços e certas espécies, é notório que o naturalista não somente realizava a parte pragmática da expedição contando com o apoio do saber local, mas também quando se propunha a pensar de forma mais integrada as relações entre os indivíduos, a saber: animais, plantas e os rios, os quais faziam parte do arcabouço de conhecimento europeu unicamente através das literaturas de viagem, bem como dos relatórios de expedição. O fato de estar em campo não era garantia para fazer afirmações

mais contundentes; o saber nativo aperfeiçoava o acesso apropriado às informações relevantes, apesar da narrativa subsumir o protagonismo desses indivíduos.

Retornado a Barra, Wallace passou a arregimentar os preparativos para a subida que pretendia fazer pelo Rio Negro, na tentativa de continuar enriquecendo sua coleção com espécies de maior valorização, dentre elas os galos-da-serra (*Rupicola rupicola*) e os famosos uiramembis, com especial destaque para o exemplar branco dessa ave, a qual povoava grandemente a mentalidade folclórica das populações do vale do Negro. O Sr. Lima cedeu passagem ao naturalista em sua própria embarcação, utilizada em tantas subidas e descidas para comercializar com os indígenas mais afastados, além de ter garantido o pessoal de apoio, os quais necessitavam ter enorme experiência, já que transcorreriam trechos extremamente encachoeirados.

A saída de Barra também foi a despedida de Wallace e Herbert, para quem a profissão de colecionador de História Natural não havia motivado tanto quanto seu afã pelas artes, em especial por poesia. Esse decidiu permanecer na cidade por mais algum tempo, coletando nos arredores para pelo menos garantir sua passagem para o Pará, bem como a compra de um lugar na primeira embarcação que partisse para a Inglaterra. Este era também o último momento em que Wallace falou com o irmão, falecido meses depois no Pará vítima de violenta febre amarela.

A partida aconteceu no mês de Agosto, de 1850, com a embarcação repleta de roupas de algodão, chita, lenços e outros pequenos utensílios que serviam para as trocas com os indígenas do alto curso. Nos primeiros trechos percorridos Wallace pôde conhecer as vilas do Airão, Carvoeiro, Pedreiro, aonde copiou ocorrências de pinturas rupestres, Barcellos, ex-capital da província e Caboquena, Castanheiro e São Pedro, as quais apareceram em sua narrativa de forma a reforçar a ideia de desolação que pairava pela região. Na perspectiva do galês, o processo de colonização implementado por Portugal havia incentivado uma decadência econômica sem precedentes, especialmente pela falta de incentivo administrativo para as redes de comércio através dos rios, e a consequente estagnação do povoamento e do desenvolvimento.

Essa é mais uma demonstração do posicionamento oitocentista e utilitarista inglês, o qual, resguardando-se as particularidades temporais destes paradigmas, pôde ser confrontado por uma análise mais complexa do processo de esvaziamento populacional e isolamento geográfico de diversas vilas e povoações amazônicas. Já citamos anteriormente o referencial estudo de Victor Leonardi (1999), que propôs uma obra na qual os fatores que levaram as

comunidades a uma acelerada diminuição da sua dinâmica econômica e social foram muitos e complexos, longe de qualquer reducionismo de caráter cultural ou econômico. O colonialismo interno, as grandes lacunas da legislação indígena do império, além dos decretos de recrutamento “voluntário” são indicativos do que Leonadi apontou. Tudo isso deve ser entendido, porém, como uma reflexão do pensamento de Wallace, sem pretender cobrar do nosso personagem o mesmo prisma de análise que um historiador contemporâneo teria.

Quase dois meses após iniciarem a viagem, a embarcação do Sr. Lima se encontrava na abertura das maiores cachoeiras do Rio Negro, na altura da vila de São Gabriel. Os pontiagudos rochedos em meio à fortíssima correnteza obrigavam a triplicar o trabalho da tripulação, que para permitir a continuação da viagem, e salvar o barco de ser tragado pela força da água, precisavam descarregá-lo quase por completo e mergulhar para tentar conduzi-lo até as partes da queda com profundidade menos escarpada. Depois de muitas horas de esforço, Wallace e seus companheiros desembarcaram em São Gabriel, lá o Sr. Lima conduziu-o para as formalidades legais, que obrigavam a permissão oficial do Comandante para prosseguir em direção as regiões mais altas do rio.

Passando de São Gabriel até chegar ao vilarejo de Guia, onde ficava a residência do Sr. Lima, os trechos encachoeirados se tornaram cada vez mais constantes e perigosos. Dois dias depois os rápidos foram vencidos e Wallace pôde vislumbrar pela primeira vez a confluência do Rio Negro com um dos seus tributários mais desconhecidos, o Uaupés, o qual vinha despertando muito interesse por parte do naturalista. Com mais dois dias de viagem chegaram a Guia, um vilarejo “constituído de cerca de uma dúzia de casebres pertencentes a índios que viviam em seus sítios”, os quais só permaneciam na vila quando era “tempo de festa, ou quando chega algum comerciante, como Sr. Lima, por exemplo.” (WALLACE, 1979, p. 137).

Wallace se encontrava no estilo de povoação mais comum nas altas regiões dos Rios Amazonas e Negro, voltadas especialmente para a concentração das atividades comerciais dos nativos com os comerciantes que faziam a rota indo e voltando de Barra, já que suas verdadeiras habitações poderiam ser encontradas nas margens dos rios ou em pequenas ilhas isoladas. Tal observação sobre a dinâmica social da localidade, associada a uma suposta posição de “respeito” por parte destes para com o comerciante, nos permitiu entrever a posição de patriarcalismo exercida pelos negociantes, salientada com atenção por Wallace

quando observava a forma de tratamento e o tipo de aproximação dos indígenas para com o Sr. Lima.

Isso não nos induz a retornar àquela lógica reducionista da teoria do vencido e do vencedor, ou do dominado e do dominador, já que acreditamos na possibilidade dos diversos sujeitos de construírem suas relações levando em conta seus próprios interesses, os quais fugiam da lógica da submissão naturalizada, em meio a trocas e posturas que não eram inocentes, nem por parte dos comerciantes e muito menos dos nativos. Mesmo em um sistema praticamente baseado no escambo, devemos ter atenção para as necessidades peculiares de cada comunidade, as quais forneciam matéria-prima em troca de produtos que lhes eram úteis.

Com uma rápida interação com os locais Wallace garantiu bons pescadores e caçadores, no intuito de voltar o mais rápido possível a sua rotina de coleta. Em Guia pôde ampliar grandemente sua coleção de peixes, dos quais matinha um caderno de desenhos e anotações. Porém, sua estadia na região tinha como intuito principal o encontro com os raros galos-da-serra, os quais não conseguiu um único exemplar enquanto permaneceu nas imediações do povoado, até que através de seus novos companheiros tomou ciência da ocorrência daquela espécie na Serra do Cubate, a cerca de vinte quilômetros da povoação. Em uma excursão que durou mais de uma semana, acompanhado por um grupo de caçadores, Wallace conseguiu dozes exemplares da ave, em meio a uma subida complicada, nas rochas pontiagudas que formavam a serra.

Após seu retorno para a aldeia Wallace permaneceu poucos dias, o suficiente apenas para que alguns dos índios destribalizados que lhe prometeram acompanhar nas próximas expedições pudessem batizar seus filhos, por ocasião da rara presença de um padre na região. Após a partida do religioso e com uma canoa empresta do Sr. Lima, o naturalista partiu em direção a Yavita, localizada no território limítrofe entre o Brasil e a Venezuela.

Em carta ao futuro esposo de sua irmã Fanny, Thomas Sims, datada de 20 de Janeiro de 1851 e enviada de Guia, encontramos informações interessantes a respeito desse trecho da viagem de Wallace. Após relatar a industriosa busca pelos galos-da-serra, e sua permanência ociosa na aldeia, indicou a Sims seus principais planos para o prosseguimento das coletas: uma viagem em direção à região da nascente do Rio Negro, nas proximidades de Yavita, e uma expedição que contemplasse todo o curso do Uaupés, bem como o Içana, tributário da margem direita.

O que mais chama nossa atenção, porém, é um pequeno trecho da missiva em que o naturalista galês confessou a maior motivação para realizar a subida até a fronteira com a Venezuela, bem como explorar os rios que até aquele momento permaneciam pouco conhecidos:

Na minha volta de lá [Yavita], devo fazer uma viagem até o grande rio Vaupés ou outra subindo o Isanna, não tanto para as minhas coleções que eu não espero serem muito relevantes lá, mas porque eu estou muito interessado no país e nas pessoas de modo que eu estou determinado a ver e saber mais disto, muito mais do que qualquer outro viajante europeu - Se eu não conseguir lucro espero que, pelo menos, obtenha algum crédito como um trabalhador perseverante viajante.⁴⁹

Lendo o mesmo trecho, Peter Raby (2001, p. 67) entendeu que esse foi mais um dos momentos de *turning point* da vida de Wallace, para quem o contato com as regiões mais afastadas do território amazônico, com suas peculiaridades naturais e humanas, o conduziu para uma transferência imagética de si mesmo, de um colecionador para um viajante cientista. Essa mudança de postura não se deu sem referências, bem como apareceu de forma explícita em sua escrita. Ao afirmar sua determinação e garantir o pioneirismo no conhecimento de regiões ainda intocadas pelo saber autorizado, Wallace associou seu trabalho ao de grandes naturalistas que o precederam na investigação das áreas mais extremas do Amazonas, tais como Humboldt, Natterer e Schomburgk. Nessa pretensão ele assegurou o caráter financeiro de seu empreendimento, bem como as implicações científicas e o reconhecimento por parte do universo de cientistas do seu período.

Wallace partiu no dia 27 de janeiro, passou pelo vilarejo de Mabé, aonde conseguiu grande quantidade de peixes para sua coleção, ultrapassou a barra do pequeno rio Xié, e no primeiro dia de fevereiro se encontrava em Marabitanas, quase no limite entre o Brasil e a Venezuela. A viagem prosseguiu em direção a Serra de Tapirapecó, próxima ao Pico da Neblina, até chegar quatro dias depois ao vilarejo de San Carlos, já em território venezuelano. Lá foi o ponto extremo da grande expedição de Alexander Von Humboldt, a quem Wallace não deixou de fazer referências, num indicativo de que naquele momento sua intenção era

⁴⁹ Carta de Alfred Russel Wallace para Thomas Sims em 20/01/1851. No original: “On my return from there, I shall take a voyage up the great River Vaupes or another up the Isanna, not so much for my collections which I do not expect to be very profitable there, but because I am so much interested in the country & the people that I am determined to see & know more of it and them than any other European traveller -- If I do not get profit I hope at least to get some credit as an industrious and persevering traveller.”.

contribuir com a complementação do trabalho do naturalista alemão, o qual não adentrou em território brasileiro.

Até chegar a Yavita, aonde pretendia se estabelecer, Wallace passou pelos povoados de Tiriquín, San Miguel, Tomo, Maroa e Pimichín, nos quais percebeu a grande concentração de construtores de embarcações, em torno das quais gravitava a vida econômica da região. Por uma pequena estrada de terra caminhou até a vila venezuelana, com a ajuda de carregadores pôde levar suas bagagens e, assim, aproveitar a caminhada para o reconhecimento local. Já no meio do caminho Wallace teve a oportunidade de se encontrar pela primeira vez com uma onça, a respeito da qual o naturalista se deteve em longos e admirados elogios. As palmeiras amazônicas foram mais um motivo para que Wallace se detivesse pelo caminho, a observar e anotar, especialmente por ter avistado a famosa “piaçaba”, cuja fibra era matéria-prima fundamental para a produção de vassouros e outros utensílios de limpeza.

Quanto a essa planta Wallace dedicou bastante atenção, num demonstrativo de que seu interesse estava cada vez mais voltado para uma compreensão sociocultural dos seus usos. Essa afirmação se sustentou no fato de que desde o Pará, aonde era auxiliado pelo velho Isidoro, o naturalista se esforçou o máximo possível para compreender as explicações do companheiro, exímio conhecedor das propriedades medicinais e domésticas da maioria da flora do Pará. Suas observações renderam a publicação da obra *Palm Trees of the Amazon and Their Uses* (1853)⁵⁰, trabalho que voltaremos a abordar em considerações posteriores.

Dentre as palmáceas encontradas em Yavita, uma se destacou por ter sido nomeada pela primeira vez pelo próprio Wallace, que revisando a referência anterior feita por Humboldt propôs o nome de *Leopoldinia piassaba*, em substituição ao nome vulgar de “chiquichíqui”, mais utilizado na Venezuela e propagado pelo renomado naturalista alemão em sua coleção de textos sobre a expedição à América do Sul, *Viagem às Regiões Equinociais do Novo Mundo*, publicada entre os anos de 1805 e 1839. O nome escolhido pelo galês foi posteriormente oficializado no sistema lineano binominal, junto à outra espécie também conhecida como “piaçaba” ou “piaçaba-da-bahia” classificada por Martius como *Attalea funifera*.

⁵⁰ Palmeiras da Amazônia e seus usos.

Figura 11. Ilustração da *Leopoldinia Piassaba* feita por Wallace.

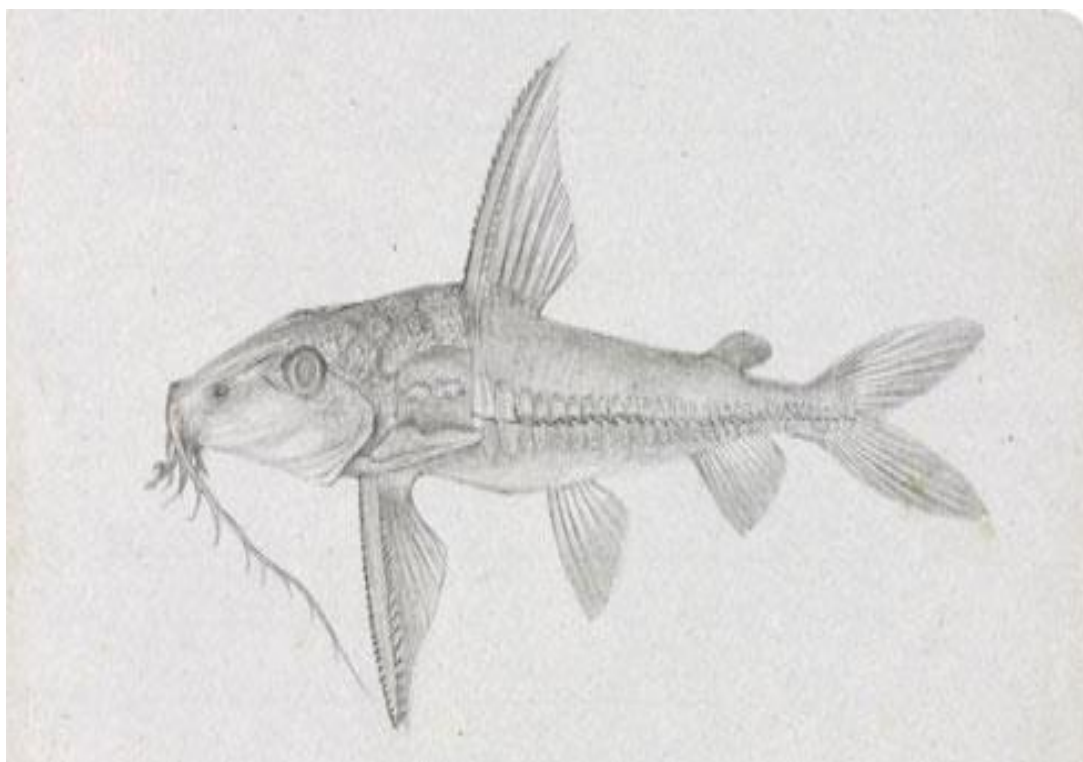


Fonte: Wallace Online. Acesso em: 12/08/2014

Ao contrário do que havia suposto, na carta que enviara a Sims, a permanência de um mês em Yavita acrescentou um considerável número de espécies à coleção de Wallace. Apenas entre as borboletas, o número das que eram novidade para o naturalista chegava a quarenta, em especial as cobiçadas borboletas-azuis amazônicas, do gênero *Morphos*, além de variadas espécies de outras ordens. O período chuvoso havia chegado com mais força, e assim, Wallace passou a dispensar seu tempo na observação dos costumes e práticas da população, assim como havia afirmado na mesma carta citada acima a respeito de seu interesse mais acurado pelos traços humanos da região, em parte correspondendo à sua visão de que as populações do alto rio eram realmente interessantes de ser conhecidas, por supostamente preservarem aquele isolamento rousseuniano romântico, garantia da preservação dos costumes “exóticos”, portanto, interessantes para o europeu.

Com pesar por partir, mas com entusiasmo por ter conhecido mais regiões “peculiares”, a saber, o rio Uaupés, Wallace decidiu retornar a vila de Guia. No caminho, mais acréscimos para a coleção de peixes do Rio Negro, a qual já ultrapassa uma centena e meia de espécies desenhadas e descritas. A enorme variedade na ocorrência de peixes amazônicos impressionou cada vez mais Wallace, para quem a Ictiologia do Amazonas e Negro aparecia como objeto de estudo pertinente para suas futuras pretensões enquanto escritor no campo da História Natural.

Figura 12. *Ageneiosus militaris*. Peixe endêmico do Rio Negro ilustrado por Wallace.



Fonte: Natural History Museum Online. Acesso em: 13/08/2014.

Era o mês de Abril, e tendo retornado há poucas semanas para Guia Wallace permaneceu entusiasmado para a viagem subindo o Uaupés, porém, tudo dependia do Sr. Lima, o qual era o responsável por arregimentar os homens, ceder a embarcação e orientar a navegação, a qual não estava traçada apenas a partir dos interesses de Wallace, mas principalmente dos seus, que há anos comercializava por toda a extensão daquele rio. A partida ainda demorou cerca de um mês, e no dia 3 de Junho zarparam de Guia em direção ao alto tributário do Rio Negro.

Em trabalho de conclusão de curso, dediquei-me a estudar a atuação de Alfred Russel Wallace especificamente em sua viagem pelo Uaupés, nas duas subidas, entre os anos de 1851 e 1852, data em que retornou para a Europa⁵¹. Naquele texto construímos a história da jornada pelo rio, levando em consideração as multifacetadas questões que o estudo de uma viagem científica pode nos possibilitar, dentre estes aspectos, o caráter etnográfico que caracterizou o interesse do naturalista em relação às regiões mais distantes do vale amazônico, como temos demonstrado.

Isso não significa que Wallace tenha dado uma guinada completa em seus interesses, abandonado a coleta e se voltando de modo deslumbrado para as tão diferentes formas de vida humana que encontrou por aquelas paragens. Inclusive, sobre o período em que estamos estudando foi impossível estabelecer uma distinção de interesses em torno de tantas viagens e explorações científicas, dado que o conceito generalizante de “Natureza” corroborava para a pouca especialização do saber biológico, e a busca constante por informações das mais diversas ordens. Quanto ao exposto podemos retornar à narrativa de Wallace:

Chegou enfim a tão esperada canoa, e iniciamos os preparativos para a nossa viagem. Levávamos grande quantidade de anzóis, facas e contas, artigos que por certo deveriam agradar aos consumidores que iriam procurar, e dos quais, em contrapartida, o Sr. Lima esperava conseguir farinha e salsaparrilha, enquanto eu estava mais interessado em peixes, insetos, aves, *além de toda sorte de arcos, flechas, zarabatanas, cestos e outros artefatos indígenas* (WALLACE, 1979, p. 175). [Grifo nosso].

As comunidades do alto Rio Negro representavam, nesse sentido, uma ótima fonte para a produção de uma coleção paralela a de História Natural, tendo em vista sua cultura material, produtora de artefatos que também interessavam grandemente a alguns museus, a colecionadores e casas especializadas.

São notórios os vários trechos em que Wallace se deteve em ponderações a respeito das dinâmicas socioculturais, e da inserção dos povos originais na lógica administrativa e econômica portuguesa, deixada como herança no contexto imperial brasileiro. A posição de observador do naturalista, em se tratando do aspecto etnográfico, foi privilegiada por

⁵¹ Cf.: SILVA, Victor Rafael Limeira de. **Alfred Russel Wallace: Um Olhar Sobre o Indivíduo e o Meio na Amazônia (1848-1852)**. Trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em História. UFCG: Campina Grande, 2013.

intermédio do Sr. Lima que mantinha relações diretas com comunidades quase completamente isoladas.

Um dos aspectos que sublinhamos, na esteira dessa discussão, nos conduziu à questão do trabalho, em especial o forçado, que gracejava na Amazônia oitocentista visitada por Wallace. Anteriormente apontamos tais fatores, considerando que falar em trabalho forçado indígena era antes de tudo relembrar as diversas facetas da legislação imperial, que por ineficiente aplicação perante a lógica patriarcal e econômica dos colonizadores e seus descendentes, facilitou a ocorrência de inúmeros conflitos e guerras de apresamento indígena no vale amazônico.

Concordamos que o arcabouço filosófico e científico que relegou os homens e mulheres da terra a condição de tutelados, primeiro da Igreja e depois do Estado, corroborou drasticamente para a consolidação de práticas como o apresamento e o trabalho forçado. Porém, poderíamos acrescentar mais uma consideração, recuperada do trabalho de Carlos Barreiro (2002, pp. 34-35), para quem o choque da noção de tempo, ociosidade e disciplina do processo de colonização com a mentalidade nativa encontrou terreno fértil para sistematizar-se enquanto justificativa para a dominação.

A partir da leitura dos relatos de viagem de Saint-Hilare, passando por Minas Gerais em 1822, Barreiro frisou que uma das maiores preocupações dos viajantes girava em torno da noção de tempo e trabalho a partir das quais as populações locais viviam e operacionalizavam seu cotidiano. Segundo o mesmo, aquelas atividades manuais, lentas e especificamente destinadas a dadas necessidades questionavam a lógica europeia do trabalho regularizado e ininterrupto, estando os sujeitos em posição de total rejeição para com os conceito de “tempo útil” do relógio capitalista.

Esse quadro de apontamentos nos conduz a entender a violência com a qual o processo de assimilação do indígena se deu no sistema imperial brasileiro, tendo causado inclusive a diminuição drástica daquelas populações locais. As reflexões de Wallace se detiveram unicamente no relato de acontecimentos relacionados ao que temos discutido, porém, mesmo diante de sua quase apatia não nos foi impossibilitada a construção de uma análise que sustente a articulação de nossas ideias, e que aponte a situação encontrada pelo naturalista durante seu trajeto pelos rios amazônicos.

Logo após passar por São Joaquim, localizada na barra de entrada do Uaupés, a embarcação começou a enfrentar sérios problemas de locomoção, e assim, se fazia necessária uma parada na povoação mais próxima, no intuito de conseguir mais braços para juntar forças nas travessias dos trechos encachoeirados. Sem sucesso, tiveram que esperar a noite passar e o único espaço disponível se tratava de uma maloca indígena daquela localidade. Wallace se admirou com “o grau de sociabilidade e mútua convivência que caracterizava aquelas numerosas famílias vivendo juntas em harmonia patriarcal” (WALLACE, 1979, p. 178), tendo como única divisão do espaço paredes baixas que marcavam a unidade da família que ali residia.

A arquitetura de suas moradias ou a forma como partilhavam o território, porém, chamaram menos a atenção de Wallace do que as atitudes e expressões daqueles sujeitos quando da chegada de comerciantes e viajantes. O que lhe intrigou inicialmente foi o fato daquela localidade ter uma população indígena considerável, mas que poucos apareceram fora de suas malocas no momento da chegada dele e do Sr. Lima. Wallace logo associa o acontecimento com o medo que rondava a maioria das comunidades indígenas do alto curso, diante dos diversos casos de aprisionamento e condução forçada de indígenas para o trabalho. O naturalista, entretanto, não refletiu essas questões pensando de forma mais detida sobre as conjunturas econômicas, legislativas e culturais que levavam a acontecimentos como o citado, mas preferiu deter-se no julgamento moral dos comerciantes amazônicos, considerando-os os culpados diretos pelo clima de tensão que se estabelecia com aquelas comunidades. A visão de Wallace, ressalvemos, não criticava a operacionalização do sistema de desenvolvimento do comércio, em detrimento do regime de trabalho próprio destas culturas, mas se voltava para a imagem do indígena intocado e incapaz, recorrente na escrita desse naturalista.

Wallace estava bastante doente há alguns dias, desde que haviam partido para São Jerônimo, localizada a cerca de dois quilômetros de São Joaquim e próxima das cachoeiras mais escarpadas do Rio Uaupés. Lá notou imediatamente a ausência de uma maloca central, tal como havia identificado em outras comunidades por onde passou, porém, o problema da relação conflituosa com os indígenas permanecia a mesma. Dessa vez, porém, um adendo: seu grande apoiador e companheiro no momento, o Sr. Lima, não era apenas um simples comerciante de víveres e bugigangas, mas também estava ligado ao aprisionamento e comércio de indígenas do alto curso. Não que isto pudesse ter sido camuflado por Lima, mas por que enxergando tais fatores a partir de alguém de quem ele estava mais próximo permitiu-

lhe, de forma mais sistemática, enxergar a grande cadeia de relações sustentadas sobre a expropriação da terra, a exploração econômica e incorporação forçada do trabalho nativo.

As ponderações de Wallace, desta feita, incluíam fatores adicionais ao que vinha refletindo sobre as relações com os povos indígenas amazônicos. Considerando a partir de então não mais a relação binária dominador-dominado, que opunha de um lado o comerciante, seja brasileiro ou estrangeiro, e do outro o imaculado indígena, encontrou uma questão importante: a lógica do mercado naquelas regiões não havia causado apenas o medo e isolamento de muitas comunidades, mas verdadeiras guerras entre os próprios nativos, os quais não podem ser vistos por nós apenas como vitimizados nesse sistema, mas muitas vezes partícipes, tirando diretas vantagens em associar-se ao comércio humano, pensando na obtenção de bens, bem como na represália que poderiam perpetrar contra possíveis nações inimigas. Vale a pena recuperar a escrita de Wallace neste ponto de nossa reflexão, tendo em vista a percepção do conjunto dessas ideias anteriormente expostas:

O Sr. Lima havia mandado seu filho [do índio Bernardo] ao seu encalço, pedindo-lhe que lhe arranjasse uns meninos e meninas índias. Bernardo viera para tratar do negócio. “Arranjar meninos” significa empreender um ataque contra a maloca de uma outra nação, e capturar toda as crianças que não conseguissem fugir e não fossem mortas. O próprio Sr. Lima já tomara parte em diversas dessas expedições, tendo muitas vezes escapado por pouco de morrer espetado por uma lança ou crivado por flechas envenenadas. Em Ananá-Rapécuma havia um índio com horríveis cicatrizes num dos ombros e em parte das costas, atingido que fôra por uma descarga de chumbo miúdo, disparado pelo Sr. Lima no exato momento em que lhe apontava uma flecha! *Os dois, hoje, são excelentes amigos e sempre acertam negócios entre si* (WALLACE, 1979, p. 189). [Grifo nosso].

A construção dos sujeitos dentro de papéis socioculturais cristalizados, tendência de certa historiografia pouco consequente, tem causado o empobrecimento das reflexões quando se trata de entender relações entre indivíduos que ocupam lugares identitários dos mais diversos, muitas vezes rompendo com concepções previamente estabelecidas. O excerto acima foi propício para fundamentar nossa construção histórica das relações em diversos níveis, produzidas em meio às sociedades amazônicas dos oitocentos. Até então, apontamos uma situação na qual diversos interesses se encontraram, tendo em vista a dinâmica comercial e cultural de todos aqueles envolvidos no processo. Porém, como anteriormente sugerimos, as nuances administrativas do Império também se coadunavam enquanto aspecto determinante

no processo de desenvolvimento de conflitos no território amazônico. Wallace não deixou de ponderar tais considerações:

Os negociantes e as autoridades de Barra e do Pará encomendam, aos viajantes que comerciam entre os índios, alguns meninos e meninas para trabalharem em suas casas, bem sabendo qual é a maneira pela qual eles são conseguidos. A bem da verdade, o próprio Governo de certo modo autoriza essa prática. Entretanto, algo deve ser dito a seu favor, pois os índios fazem guerra entre si, com o objetivo de obter armas e ornatos, ou como represália por alguma ofensa real ou fictícia, matando então tantos inimigos quantos puderem. Poupam apenas algumas jovens, tomando-as como esposas. Essas guerras são feitas principalmente pelos nativos da margem do rio contra as tribos dos igarapés mais afastados. No entanto, devido à possibilidade de poderem vender os meninos para os compradores ambulantes, passaram ultimamente a poupá-los, ao invés de chaciná-los como antes faziam (WALLACE, 1979, p. 189).

Nesse ínterim, vale salientar novamente que o posicionamento de Wallace em relação à mortandade indígena, longe de qualquer preocupação humanitária ou de direitos, estava ligado à concepção romantizada do nativo isolado e puro, o qual era antes de tudo uma vítima do irracional sistema colonial português e seu desdobramento através da consolidação do império e suas fronteiras políticas e econômicas. Após toda a discussão que promoveu em relação aos terríveis conflitos e guerras, ponderando possibilidades e nuances diversas, Wallace resumiu tudo o que fora dito em uma simples sentença, a qual o colocava como um colaborador da construção imagética do índio romântico: “Os meninos trazidos para as cidades adquirem alguma civilização, mas não acredito que com isso se tornem melhores ou mais felizes do que o eram em suas florestas nativas” (WALLACE, 1979, p. 189).

Mesmo antes de retornar para Barra, Wallace começou a se preocupar com o fato de que já estava há muito tempo carregando consigo uma considerável coleção, correspondente à suas coletas em Barra, em Guia e no Uaupés. Continuar explorando a região era prejuízo certo para os exemplares tanto de animais quanto vegetais, devido às chuvas e aos insetos. Dessa forma, a decisão mais acertada foi voltar para Barra, despachar a coleção acumulada para Londres e se preparar para uma segunda viagem subindo o tributário do Rio Negro, apesar de que mais um ano seria acrescentado à duração total da exploração pela Amazônia. Tendo decidido isso, partiu Wallace pelo Rio Negro em direção a Barra.

Duas semanas depois foi recebido em Barra, em parte por péssimas notícias relacionadas ao estado de saúde do seu irmão, atingindo pela febre amarela poucas semanas após sua chegada à cidade do Pará; e em outra, pela alegre notícia da presença de Spruce na cidade, com quem pode atualizar o máximo possível de informações pertinentes, tanto em relação às coletas, condições de viagem, questões científicas, além da regalia de uma boa conversa em língua materna.

Especialmente durante a noite, Wallace e Spruce dedicavam parte do seu tempo a palestrar a respeito de temas relacionados à História Natural. Nesse pequeno período de reencontro, tal como aquele que tivera com Bates em Barra, muitas questões pertinentes foram possivelmente levantadas por ambos, em especial, porque as observações botânicas de Spruce eram fundamentais para seus questionamentos a respeito das palmáceas amazônicas.

Após algumas semanas intercaladas por coletas, organização das ferramentas e compra de mantimentos para a sobrevivência e a para as trocas com os indígenas, Wallace estava pronto para retonar ao Rio Uaupés, subindo novamente até as regiões mais altas. Se não fossem os fortes acessos de febre e calafrios teria partido muito mais cedo. A experiência de se reencontrar com Spruce havia despertado vários tópicos pertinentes a ambos, a ponto de o botânico ter acompanhado Wallace durante seu primeiro dia de viagem, numa tentativa de aproveitar ao máximo possível a oportunidade de compartilhar informações e dados, uma vez que as distâncias e as opções de rota tornavam um novo encontro praticamente impossível. Em certo ponto Spruce retornou em outra embarcação para Barra, enquanto Wallace seguiu seu caminho em direção ao Uaupés.

A rota da expedição não foi tão diferente daquela seguida na primeira subida, por um lado, porque seguir pelo mesmo caminho empreendido tantas vezes pelo Sr. Lima facilitava os contatos e otimizava a viagem, e por outro, porque Wallace não dispunha de tanto tempo para se arriscar por caminhos nos quais era pouco experimentado, pretendendo realizar a viagem de ida e volta no mínimo tempo possível, para de Barra seguir em direção à cidade do Pará, e de lá embarcar no primeiro navio que fosse partir para a Europa.

De fato, a viagem de Wallace fora curta, como havia conjecturado, mas principalmente por causa do agravamento de seu estado de saúde, com o retorno constante e forte de febres e fraqueza muscular. Sua coleção produzida na região contou com apenas dois passarinhos não especificados pelo naturalista, três borboletas raras e doze exemplares de peixes, o que contrariou drasticamente suas expectativas de encontrar um grande número de

novidades. Seu único sucesso se deu em razão dos animais vivos, tendo conseguido 52 deles durante a jornada, dos quais a maioria era constituída por macacos e papagaios. As observações e contatos com as comunidades locais haviam lhe rendido alguns artefatos indígenas, dentre eles instrumentos musicais, zarabatanas, ornatos, utensílios, e quando possível, animais vivos, muitos deles já domesticados pelos índios.

Tendo partido de Mucura, ponto final da viagem de ida, no primeiro dia do mês de Abril de 1852, Wallace conseguiu alcançar São Gabriel somente duas semanas depois, o atraso se deveu pelo motivo mais corriqueiro na vida de qualquer viajante na Amazônia oitocentista: a quase completa ausência de pessoal disponível para seguir viagem como remador. A demora a chegar ao vilarejo foi recompensada por mais um encontro com Mr. Spruce, o qual foi muito mais rápido do que quando dispensaram algumas semanas juntos em Barra. A rapidez com que conversaram, e logo se despediram, poderia sugerir se tratar de um simples diálogo jogado fora; quando vamos às fontes, porém, encontramos referências a este momento como uma experiência de consolidação e troca de saberes.

Da mesma forma que frisamos certas observações a respeito da reunião de Wallace e Bates, acreditamos serem necessárias certas considerações sobre o encontro de Spruce e Wallace em São Gabriel do Rio Negro. Buscamos lançar mão de uma leitura que considerou o papel das atuações em campo para o desenvolvimento científico, em detrimento de um paradigma que enxerga a Ciência partindo do centro europeu de saber e não do cotidiano da exploração. Isso nos respaldou a afirmar que, tal como a primeira reunião de Barra, as implicações do contato entre o galês e o botânico inglês foram decisivas para a sistematização e seleção dos dados mais importantes, os quais implicariam futuramente no desenvolvimento da primeira grande publicação de Wallace: o famoso “Artigo de Sarawak”, escrito enquanto o mesmo estava na ilha de Borneo, na Malásia em 1855, e publicado meses depois pelo *Annals and Magazine of Natural History*.

Peter Raby (2001, p. 78) relembrou que anos depois, enquanto estava explorando a flora do Peru e após a publicação e reverberação inicial de *A origem das espécies*, Spruce colocou as conversas travadas durante aquele encontro de Barra como tópico de uma longa correspondência enviada a Wallace. Nela o botanista indicou a direta relação entre o debate relâmpago travado em plena Amazônia e as posteriores ideias consolidadas no texto escrito por Wallace em Ternate (1858), publicado como comunicação conjunta com o texto de Darwin quase um ano depois. “Se você lembrar nossas conversas, em São Gabriel, você vai

entender que eu nunca acreditei na existência de quaisquer limites permanentes - genéricos ou específicos - nos grupos de seres orgânicos.”⁵², é assim que Spruce inicia a correspondência enviada do Peru para o amigo galês, na qual indicamos mais uma vez que a produtividade intelectual e a teorização no campo das ciências da natureza, jamais estiveram obrigatoriamente associadas ao interior dos museus e gabinetes de História Natural, mas que também tinha lugar no espaço de experiência de campo, recuperando a tese de Carla Lima (2014) sobre a experiência de campo de Wallace. No trecho de Spruce não encontramos nenhum indicativo direto do estágio em que se encontravam as especulações de Wallace a respeito da evolução das espécies, porém, ele nos permitiu entender que pelo menos suas noções sobre “transmutação”⁵³ já estavam formadas.

Isso rompe com os enquadramentos que estudaram o cientista acadêmico, o colecionador, o viajante em seus respectivos lugares, quando de fato, no terreno das relações as posturas assumidas não seguiam padronizações, mas eram completamente atingidas pela conjuntura em que se estava inserido, sob o prisma das zonas de contato. O caso de Wallace foi emblemático para sustentar essa ideia, pois, sua gradativa especialização e aprofundamento teórico se deveram a uma inserção no campo, pensando na possibilidade de vivenciar a produção do saber no próprio momento de atuação. Tudo isso faz lembrar Humboldt, para quem o trabalho de campo qualificava o dito cientista enquanto apto para falar com autoridade sobre seu objeto, enquanto combateu a atuação dos tradicionais cientistas de gabinete (AGUIAR, J. O. & DA SILVA, 2013).

Quando voltou para Barra, Wallace encontrou a cidade elevada à condição de capital da província, agora repleta de burocratas, oficiais e prédios públicos. As taxações do novo governo perturbaram grandemente o naturalista que teve que pagar o preço por cada item individualmente, além de ter ficado por várias horas em Barcelos, passando a relação de cada carga trazida na canoa. A permanência do naturalista na cidade durou menos de um mês, ansioso que estava para seguir em direção ao Pará e de lá partir, porém, os acessos de febre retornavam continuamente e isso deixava Wallace completamente sem reação.

Em 10 de Junho de 1852 Wallace singrou em direção ao Pará. Em Vila Nova mais uma parada alfandegária, por se tratar da povoação limítrofe entre a nova província e o Pará.

⁵² Carta de Richard Spruce para Alfred Russel Wallace em 21/11/1863. No original: “If you recollect our conversations at São Gabriel, you will understand that I have never belived in the existence of any permanent limits – generic or specific – in the groups of organic beings.”.

⁵³ Utilizar o termo “evolução” para o período seria anacrônico, dado que a recorrência de tal conceito só foi consolidada a partir da recepção da obra de Darwin, e por conseguinte, dos trabalhos de Wallace.

Passando no próximo dia por Óbidos enfrentaram uma forte tempestade que assustou a todos na embarcação, inclusive o experiente proprietário da canoa. Passada a noite e o medo de naufragar em pleno Amazonas, com a canoa repleta de utensílios e ferramentas, Wallace fez uma pequena parada na confluência do Rio Tapajós, de onde subiu em uma pequena canoa até Santarém, lá desejava comprar alguns artigos necessários e possivelmente encontrar Bates, estabelecido na cidade há algum tempo, porém, esse já havia partido em direção ao alto Tapajós.

No dia 2 de Julho estava Wallace no ponto de onde havia começado sua trajetória: a Cidade do Pará. A paisagem havia mudado substancialmente, mas o ritmo de vida e os principais rostos que caminhavam por lá continuavam praticamente os mesmos. Na sua chegada o naturalista recebeu notícias de que um navio inglês estava prestes a partir dali, provavelmente dentro de uma semana. Era o *Hellen*, um vessel de 235 toneladas de propriedade do capitão John Turner, no qual Alfred Russel Wallace deu adeus à Amazônia, seguindo em direção à terra natal e à maior catástrofe da sua vida, narrada na introdução desse texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passados alguns meses depois que havia chegado a Londres, e tendo começado a reorganizar sua vida pessoal, esquecida desde que partira há quatro anos, Wallace foi convidado a comparecer a uma reunião da *Entomological Society* como visitante. Stevens já havia publicado em alguns periódicos científicos⁵⁴ excertos das correspondências enviadas da Amazônia, além da exposição de alguns exemplares de espécies coletadas pelos seus dois agenciados. Dessa forma, o nome de Wallace era muito mais conhecido entre os cientistas naquele momento do que propriamente seu rosto, parafraseando Raby (2001, p. 84).

A ata da referida reunião registrou a presença de Wallace, porém, se concentrou em frisar não as suas contribuições até aquele momento divulgadas por Stevens, mas no fato catastrófico que havia destruído por completo sua coleção, organizada durante quatro anos de exploração no vale amazônico. A partir de então, através da influência de seu agente como membro do conselho, Wallace passou a estabelecer um contato mais direto com a *Entomological Society*, tal como as atas de duas reuniões em 1853 registram.

Em 6 de Junho o galês apresentou perante a sociedade de entomólogos um pequeno ensaio intitulado *Dos insetos usados como comida pelos índios da Amazônia*⁵⁵, a partir do qual pudemos recuperar sua constante preocupação durante a viagem em observar, dentre outros fatores, os usos que se faziam de plantas e animais no cotidiano de tantas comunidades. No dia 7 de Novembro do mesmo ano a documentação assinalou a leitura de mais uma produção de Wallace, a saber, um estudo sobre os hábitos das borboletas amazônicas, sobre as quais o naturalista havia se debruçado com afinco durante suas coletas⁵⁶. Quase um mês depois Wallace compareceu a mais um encontro, dessa vez não apresentando comunicação, mas exibindo “um ótimo novo besouro de antenas longas, *Acanthocinus sp.*, da Califórnia, e

⁵⁴ Os periódicos científicos ao qual nos referimos são: *Proceedings of the Zoological Society of London*, *Annals and Magazine of Natural History* e o *The Zoologist*. O acesso a tal documentação se encontra na lista de fontes nas referências bibliográficas.

⁵⁵ *On the insects used for food by the indians of the Amazon* by A. R. WALLACE, Esq. [Read 6th June, 1853]. Disponível em: <http://wallace-online.org/content/frame?seq=1&itemID=S010&viewtype=text>. Acesso em: 23/02/2014.

⁵⁶ *On the Habits of the Butterflies of the Amazon Valley*. by ALFRED R. WALLACE, Esq. [Read 7th November and 5th December, 1853]. Disponível em: <http://wallace-online.org/content/frame?seq=1&itemID=S013&viewtype=text>. Acesso em: 23/02/2014.

uma esplêndida borboleta, *Zeonia Octavus*, do Pará.”⁵⁷. Wallace e Bates foram eleitos no ano seguinte como membros correspondentes da *Entomological Society*, após um discurso extremamente acalorado do presidente, Edward Newman, em sua correspondência presidencial de Janeiro de 1853, na qual exorta os membros daquela sociedade a reconhecerem o importante papel exercido pelos viajantes e colecionadores em seu trabalho de campo.⁵⁸

A presença de Wallace nos principais ciclos científicos londrinos, enquanto um estudioso da História da Natureza, muito além da exigência de se posicionar enquanto coletor, passou a ser gradativamente substancial. A *Royal Geographic Society* lhe enviou convites para comparecer às suas reuniões, também na condição de visitante, e obviamente através da intercessão de Stevens que também era membro desta sociedade científica. Diante dos geógrafos, geólogos e outros estudiosos Wallace apresentou algumas de suas observações e notas recolhidas na região do alto Rio Negro e Uaupés, e de acordo com Raby (2001, p. 86) foi reconhecidamente recebido com as credenciais de um “grande explorador”. O *The Journal of the Royal Geographical Society of London*, periódico da instituição, registra em seu 35º volume a admissão de Wallace enquanto membro regular em 1854.⁵⁹

A *Zoological Society of London* também havia reconhecido o trabalho de Wallace e reservado para ele um assento na sua reunião ordinária de 14 de Dezembro de 1852, pouco mais de dois meses após o retorno do naturalista a Londres. Na ocasião Wallace fez a sua primeira leitura pública, a partir de dados produzidos em campo na Amazônia. Desta comunicação resultou o ensaio *On The Monkeys of the Amazon*, o qual posteriormente apareceu no periódico científico ligado a *Zoological Society*, o *Proceedings of the Zoological Society of London*⁶⁰. Diferentemente do trabalho relacionado às palmáceas e a narrativa de viagem, o estudo sobre os macacos do vale amazônico recebeu menos atenção; sua implicação, porém, não o deixou atrás de qualquer outro estudo de Wallace, por se trata da primeira referência aplicada sobre a hipótese dos “rios como barreira natural”, um dos fundamentos de sua futura teoria biogeográfica do arquipélago malaio.

⁵⁷ Exhibition of a longicorn beetle and a explendid butterfly from Pará by ALFRED R. WALLACE. [December 5th, 1853]. Disponível em: <http://goo.gl/ExOqtA>. Acesso em: 24/02/2014.

⁵⁸ NEWMAN, E. Presidential adress for 1853 to the Entomological Society [n. 2, 142-154]. Disponível em: <http://goo.gl/ZOZaZg>. Acesso em: 24/02/2014.

⁵⁹ The Journal of the Royal Geographical Society of London. [v. 35, 69]. Disponível em: <http://goo.gl/OEt07I>. Acesso em: 25/02/2014.

⁶⁰ On the monkeys of the Amazon. **Proceedings of the Zoological Society of London**. [n. 20, 14. December, 1852): 107-110. Disponível em: <http://wallace-online.org/content/frame?seq=1&itemID=S008&viewtype=text>. Acesso em: 25/02/2014.

Em uma carta já referenciada no corpo do texto, enviada por Wallace para Thomas Sims quando se preparava para conhecer as nascentes do Rio Negro, o naturalista apresentou uma lista de futuros projetos, a partir de suas constantes observações sobre a Natureza amazônica. Dentre eles, um estudo sobre os peixes do Rio Negro, sobre os quais já havia produzido uma centena de gravuras e descrições; uma publicação a partir de suas observações sobre as palmáceas amazônicas, considerando seu valor econômico e cultural para as comunidades e comerciantes locais; além de uma obra mais completa, sobre a histórica física do vale amazônico, com capítulos sobre:

Geografia, Geologia, distribuição dos animais e plantas, Meteorologia e da história e Línguas das tribos aborígenes - a ser ilustrado por um grande mapa que mostra a cor das águas, a extensão das terras inundadas, os limites do grande distrito florestal etc., etc.⁶¹

De tudo o que havia planejado Wallace só conseguiu publicar dois de seus projetos. Seu livro sobre as palmáceas veio a público ainda em 1853, do qual foram tiradas somente 250 cópias, e cujo lucro serviu apenas para cobrir seus gastos pessoais com a publicação da obra, segundo Raby (2001, p. 87). *Travels on the Amazon and Rio Negro*, escrito a partir de sua própria memória e das pouquíssimas anotações que restaram do incêndio, foi publicado no mesmo ano que o trabalho anterior. Nesse último, porém, as muitas informações que Wallace havia pretendido incluir haviam sido consumidas pelas chamas em pleno oceano Atlântico.

Apesar de todo o esforço em superar a deficiência nos dados, bem como a ausência de referências mais acuradas, o trabalho de Wallace foi duramente criticado. Primeiramente por Sir. William Hooker, curador do Royal Kew Gardens, para quem o trabalho de Wallace sobre as palmáceas amazônicas não passava de um simples compêndio à publicação do grande naturalista Von Martius (RABY, 2001, p. 90), de quem Wallace havia tido a audácia de discordar quanto à classificação da *Attalea funifera*, ou “piaçaba-da-bahia”, enquanto um tipo de piaçaba diferente da que havia nomeado na Amazônia.

⁶¹ Carta de Alfred Russel Wallace para Thomas Sims em 20/01/1851, p. 2; 3. No original: "Geography, Geology, distribution of Animals and Plants, Meteorology & the history & Languages of the Aboriginal tribes -- to be illustrated by a great map showing the colour of the waters, the extent of the flooded lands, the boundaries of the great forest district &c, &c --".

Os questionamentos de Hooker não se detiveram a este posicionamento, mas de forma contundente e até sarcástica publicou um *review* não oficial de Spruce sobre o trabalho de Wallace, em seu periódico pessoal: *Journal of Botany*. Na publicação, a crítica foi ainda mais mordaz, em parte por se tratar de um grande amigo de Wallace, e em outra por ter sido supostamente escrita pelo maior especialista na flora amazônica até aquele momento conhecido, Sr. Richard Spruce, para quem: “As transcrições são as piores - em muitos casos nenhuma única circunstância que um botânico teria o cuidado de saber, porém os apontamentos sobre os usos [das palmáceas] são bons.” (HOOKER *apud* RABY, 2001, p. 91).

As críticas ao trabalho de Wallace, especialmente as duas publicações já citadas, se basearam principalmente no fato de que seu material original jamais poderia ser recuperado. Isso é inegável, ao passo que o próprio naturalista reconheceu suas falhas, e chegou a nomear a obra *Travels* como “aquele livro absurdo” (WALLACE *apud* RABY, 2001, p. 87). Entretanto, há que se considerar que essa justificativa não explicou tudo, e que devemos retornar ao cerne do debate que propomos sobre as relações de poder que implicavam no universo científico inglês dos oitocentos. A inserção de Wallace nos principais ciclos intelectuais foi lenta e gradativa, e só se deu por vias de influência do seu próprio agente e da insistência constante do naturalista em se colocar como um profissional produtivo.

O legado científico de Wallace tem sido recuperado continuamente nos mais diversos espaços de saber, tal realidade é resultado do esforço efetivo de estudiosos e centros de pesquisa comprometidos com uma revisão mais cuidadosa de suas contribuições. Ainda se fala em “eclipsamento” da memória de Wallace, mas preferiria entender como lacunas que ainda podem ser preenchidas, frutos de uma grande quantidade de documentos que ainda não foram explorados, muitos deles tornados públicos recentemente, após o projeto de recuperação e transcrição do acervo pessoal da família Wallace, e de instituições e sociedades científicas que começou em 2009, sob direção do Museu de História Natural de Londres e especificamente de Caroline Catchpole e Sandra Knapp, além de George Beccaloni e Charles Smith, responsáveis pela instituição sem fins lucrativos que se detêm sobre a obra do galês, a *Wallace Fund*.

O trabalho que pretendemos construir, e que ora tem suas ideias conclusivas, refletiu a viagem coletora do naturalista como um amálgama de relações, estabelecidas no campo do discurso e da prática de campo, tentando enxergar as conexões tanto com os indivíduos locais,

quanto com os ciclos científicos ingleses e os estrangeiros residentes no Brasil, ou de passagem como o próprio Wallace. Desta feita, a narrativa que apresentamos visou destacar as diversas implicações e suas observações, contatos e interações com os sujeitos humanos e com a tão diversificada natureza, no contexto das ciências naturais oitocentistas.

Na tentativa de atingir tais objetivos, recorreremos a uma metodologia que não privilegiou os espaços de relação enquanto unidades previamente dadas, por qualquer que fosse o marcador de análise, mas que entendeu aquela expedição científica como a reprodução constante de nódulos de uma rede, nos quais se estabeleceram relações que podemos chamar de “zonas de contato”, conceitualmente pensadas por Ortiz, e recuperadas no trabalho da professora Louise Pratt, no que concerne ao estudo das viagens científicas. Pensar em zonas de contato é fugir de determinações que possam nos induzir a entender as relações enquanto reprodução do modelo dominador/dominado, quando de fato, a performance dos sujeitos envolvidos parte muito mais da conjuntura do que de recortes pré estabelecidos.

Estudar História da Ciência é antes de tudo um desafio, quando entendemos que estamos ousando estudar a dinâmica do pensamento humano que se coaduna em instituições, teorias, saberes locais, viagens científicas e experiências de campo. No nosso pensamento ocidentalizado tendemos a incluir todos esses aspectos em uma linha ininterrupta, que parte do dito saber menos complexo para o mais complexo. Esse evolucionismo, porém, está fadado ao descrédito devido a sua reprodução de binarismos e cristalizações, os quais são a base de uma História da Ciência em perspectiva piramidal, ou seja, enxergando o centro de saber como o irradiador de conhecimento, enquanto a periferia desempenha o simples papel de fonte de dados, fornecedora de espécies e de artefatos para a pesquisa.

Tenho trabalho com a história de Alfred Russel Wallace há cerca de quatro anos, e de forma alguma isso seria motivo para afirmar que todas as contribuições estão esgotadas. Em primeiro lugar porque a documentação é vastíssima; em segundo porque a História da Ciência, bem como a História Ambiental, jamais foram tão pertinentes às questões do presente quanto no momento em que vivemos; e finalmente, porque a construção desse personagem histórico jamais possibilitará o seu enquadramento dentro de um único perfil intelectual, haja vista sua atuação nos mais vastos campos, tais como a biologia, a biogeografia, a etnografia, as ciências sociais, a economia, a astronomia e o espiritismo.

Acreditamos ter ao mesmo tempo apresentado um panorama e ter tido a preocupação de considerar os pontos nevrálgicos, na tentativa de mostrar que a expedição amazônica de

Wallace, longe de ter sido um simples apêndice à sua famosa viagem à Malásia, foi um espaço de produção de saberes que teve implicações diretas sobre o campo das Ciências Naturais daquele período. Além disso, entender tal viagem científica como uma rede de relações, desconstrói o papel do cientista como o detentor único do conhecimento, considerando suas apropriações dos diversos saberes locais e da experiência de campo.

FONTES

ANNALS OF MAGAZINE AND NATURAL HISTORY, 1849, Ser. 2, Vol. 3, London, 1849, p. 74-75. Disponível em: <https://archive.org/stream/annalsmagazineof231849lond#page/74/mode/2up/search/wallace>. Acesso em: 10/06/2013.

BATES, Henry Walter. **O naturalista no rio Amazonas**. 1ª Edição. Tradução de Cândido de Melo Leitão, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/obras/o-naturalista-no-rio-amazonas>. Acesso em: 23/07/2013.

CARTA de Alfred Russel Wallace para George Silk em 15/01/1840. Descreve as paisagens e sentimentos durante suas viagens pelo sul de Gales.

CARTA de Alfred Russel Wallace para Henry Walter Bates em 09/11/1845. Questiona sobre a obra *Vestiges* de Robert Chambers.

CARTA de Alfred Russel Wallace para Henry Walter Bates em 28/12/1845. Dentre outros temas continua a discussão a respeito da obra de Chambers, bem como o pensamento de Lawrence e sua influência sobre as noções raciais do homem.

CARTA de Alfred Russel Wallace para Henry Walter Bates em 11/04/1846. Expressa sua curiosidade a respeito da variedade de espécies encontradas ao redor de Leicester, bem como seu desejo de se dedicar ao estudo de uma única família e assim poder contribuir com os estudos sobre a origem das espécies.

CARTA de Alfred Russel Wallace para Henry Walter Bates em 11/10/1847. Descreve as experiências vivenciadas em sua primeira viagem por Paris, junto com sua irmã Frances.

CARTA de Lewis Weston Dillwyn para Alfred Russel Wallace em 25/02/1848. Responde a Wallace a respeito da ausência de especialistas em entomologia na região sul de Gales, bem como se alegra pela produção da coleção pessoal do mesmo.

CARTA de Alfred Russel Wallace e Henry Walter Bates para Samuel Stevens em 30/03/1848. Descreve para o agente as primeiras impressões da Natureza e do povo no Pará, bem como os arregimentos para a minha primeira jornada fora da Província.

CARTA de Alfred Russel Wallace e Henry Walter Bates para Dr. William Hooker em 03/04/1848. Agradecem o apoio fornecido à expedição, tanto com o fornecimento de cartas de recomendação como com o acesso às coleções de plantas americanas, além de garantir o esforço para a coleta de espécies com exclusividade para o museu de Kew.

CARTA de Alfred Russel Wallace para Dr. William Hooker em 20/08/1848. Descreve para o botânico as espécies enviadas ao Museu de Kew, o clima e informações gerais sobre a Amazônia e as possibilidades de encontrar boas e novas espécies.

CARTA de Herbert Wallace para Frances Wallace em 07/06/1849. Fala sobre os planos de viajar pela Amazônia.

CARTA de Alfred Russel Wallace para Samuel Stevens de 12/09/1849. Expõe dados sobre o primeiro trecho da expedição pelo Pará e Tocantins.

CARTA de Alfred Russel Wallace para Samuel Stevens em 15/11/1849. Dá conta das coletas realizadas e informações levantadas durante a permanência no Pará e comunica a organização da primeira subida pelo Rio Negro.

CARTA de Alfred Russel Wallace para Thomas Sims em 20/01/1851. Conta detalhes da viagem e permanência nas altas regiões do vale amazônico, além de descrever detalhes da preparação para explorar o Rio Uaupés, bem como os planos futuros de publicações teóricas sobre as palmáceas, borboletas e História Natural do vale amazônico.

CARTA de Alfred Russel Wallace para Richard Spruce em 19/09/1852. Descreve em narrativa detalhada o infortúnio do incêndio no *Hellen* durante a viagem de volta, e consequentemente a perda lastimável de toda a sua coleção pessoal.

CARTA de Richard Spruce para Alfred Russel Wallace em 21/11/1863. O botanista conta a Wallace os passos trilhados desde a sua saída da Amazônia em direção aos Andes, bem como discute as principais implicações e críticas à clássica obra de Darwin, bem como o papel de Wallace no desenvolvimento da teoria da evolução das espécies.

PROCEEDINGS OF THE LINNEAN SOCIETY OF LONDON. London: Academic Press, 1848-1968. Disponível em: <http://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/8250#/summary>. Acesso em: 12/11/2014.

PROCEEDINGS OF THE ZOOLOGICAL SOCIETY OF LONDON. London: Academic Press., 1833-1965. Disponível em: <http://goo.gl/2Y0mnk>. Acesso em: 26/02/2015.

SPRUCES, Richard (Org. Alfred Russel Wallace). **Notes of a Botanist on The Amazon and Andes**. Londres: Macmillan, 1908. Disponível em: <http://www.archive.org/details/notesofbotanist00spruoft>. Acesso: 15/05/2013.

THE JOURNAL OF THE ROYAL GEOGRAPHIC SOCIETY OF LONDON. London: J. Murray, 1831-1884. Disponível em: <https://archive.org/details/journalroyalgeo04britgoog>. Acesso em: 13/01/2015.

TRANSACTIONS OF THE ENTOMOLOGICAL SOCIETY OF LONDON. London: , 1837-1922. Disponível em: <http://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/11516#/summary>. Acesso em: 23/02/2014.

WALLACE, Alfred R. **Darwinism**. London/New York: Macmillan and Co., 1889. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/14558/14558-h/14558-h.htm>. Acesso em: 12/12/2013.

_____. **Land Nationalization: its necessity and its aims**. Disponível em: <http://people.wku.edu/charles.smith/wallace/S722-1.htm>. Acesso em: 17/05/2013.

_____. **My Life: A Record of Events and Opinions.** Vol. 2. London: Chapman&Hall, 1908.

_____. **The Malay Archipelago: The Land of the Orang-utan and the Bird of Paradise: A Narrative of Travel with Studies of Man and Nature.** (2 Vols.). London: Macmillan and Co., 1869.

_____. **The origin of human races and the Antiquity of man deduced from the Theory of Natural Selection.** Disponível em: <http://people.wku.edu/charles.smith/wallace/S093.htm>. Acesso em: 03/06/2014.

_____. **Viagens Pelos Rios Amazonas e Negro.** 1ª Ed. Tradução de Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

AGUIAR, J. O.; DA SILVA, Victor Rafael Limeira. *Entre o gabinete e a viagem de campo: Alfred Russel Wallace e suas concepções científicas.* **Igualitária: Revista do Curso de História da Estácio BH.** Vol. 1 (2). Belo Horizonte, 2013.

AGUIAR, J. O. **Memórias e Histórias de Guido Thomaz Marlière (1808-1836).** 1ª ed. Campina Grande: EDUFPG, 2009.

ALMEIDA, Agassiz. **O fenômeno humano: os reais objetivos da viagem de Charles Darwin no H.M.S. Beagle.** São Paulo: Contexto, 2012.

BARREIRO, José Carlos. **Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BECCALONI, George; SMITH, Charles. **Biography of Wallace.** 2009. Disponível em: <http://wallacefund.info/biography-wallace>. Último acesso: 07/05/2014.

BEDDALL, Barbara G. (Editor). **Wallace and Bates in the tropics: an introduction to the Theory of Natural Selection.** London: Macmillan, 1969.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da Ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BUFFON, Geroges-Louis L. de. **Histoire naturelle.** Paris: Imprimerie Royale, 1749–1804. Disponível em: <http://www.buffon.cnrs.fr/?lang=en>. Acesso em: 05/01/2015.

CHAMBERS, Robert. **Vestiges of the natural history of creation**. London : J. Churchill, 1844. Disponível em: <https://archive.org/details/vestigesofnatura00unse>. Acesso em: 27/12/2014.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DA CUNHA, Manuela Carneiro. *Imagens de índios do Brasil: o século XVI. Estudos Avançados*. N°. 10. Vol. 4. São Paulo, Sep./Dez. 1990. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141990000300005&script=sci_arttext. Último acesso: 10/08/2014.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies e a seleção natural**. São Paulo: Hemus, 2000.

_____. **The descent of man, and selection in relation to sex**. Vol.1. Ed. 1. London: John Murray, 1871. Disponível em: <http://darwin-online.org.uk/content/frameset?pageseq=1&itemID=F937.1&viewtype=text>. Acesso em: 15/08/2014.

DA SILVA, Victor Rafael L. **Alfred Russel Wallace: um olhar sobre os indivíduos Uaupés (1851-1852)**. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2013.

DE OLIVEIRA, Emerson Divino Ribeiro. *Gilberto Freyre e Fernando Ortiz: um estudo comparativo*. ANAIS I SEMINÁRIO DE PESQUISA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - UFG/UCG, 2008. Disponível em: http://pos.historia.ufg.br/up/113/o/20_EmersonOliveira_FernandoOrtizEGilberto.pdf. Acesso em: 14/08/2014.

DRUMMOND, José Augusto. *A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa*. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, nº 8, 1991.

EDWARDS, William H. **A voyage up the River Amazon: including a residence at Pará**. Ed.2. London: J. Murray, 1861. Disponível: <https://archive.org/details/voyageupriverama00edwarich>. Acesso em: 01/11/2014.

FERNANDES, Antonio Carlos Siqueira; DE MORAES, Vera Lucia Martins. *O retorno impossível: Charles Darwin e a escravidão no Brasil*. **Anuário do Instituto de Geociências**. N° 1. Vol. 31. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: http://ppegeo.igc.usp.br/scielo.php?pid=S0101-97592008000100006&script=sci_arttext. Acesso em: 26/09/2014.

FERREIRA, Ricardo. **Bates, Darwin, Wallace e a Teoria da Evolução**. Recife: Cepe, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

GERBI, Antonelo. **O Novo Mundo: História de uma polêmica (1750-1900)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HUMBOLDT, Alexander V. **Personal Narrative of Travels to the Equinoctial Regions of America**. London: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1814. Disponível em: http://books.google.com.br/books/about/Personal_narrative_of_travels_to_the_equ.html?id=RGEBAAAAQAAJ&redir_esc=y. Acesso em: 20/02/2015.

KNAPP, Sandra. **Footsteps in the forest: Alfred Russel Wallace in the Amazon**. London: Natural History Museum, 2013.

KRAAY, Hendrik. *Repensando o recrutamento militar no Brasil imperial*. **Revista Diálogos**, Maringá, N° 1, v.3, 2003. Disponível em: http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/vol03_atg3.htm. Último acesso em: 20/08/2014.

KURY, Lorelai B. *No calor da pátria*. **Revista USP**, São Paulo. n° 72, p 80-89. dezembro/fevereiro, 2006-2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13571/15389>. Acesso em: 20/08/2014.

_____. *Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem*. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro, vol. 8. (suplementos), n° 863-80, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500004. Acesso em: 02/02/2014.

LAWRENCE, William. **Lectures on physiology, zoology, and the natural history of man**. London: J. Smith, 1823. Disponível em: <https://archive.org/details/lecturesonphysio00lawrrich>. Acesso em: 02/02/2015.

LEONARDI, Victor. **Os historiadores e os rios: Natureza e ruína na Amazônia brasileira**. Brasília: Editora UNB, 1999.

LYELL, Charles. **Principles of Geology**. London: John Murray, 1836. Disponível em: <https://archive.org/details/Lyell1837jf09J-d>. Acesso em: 28/11/2014.

LIMA, Carla de Oliveira. **A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia oitocentista: viagem, ciência e interações**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde - FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2013.

LINDLEY, John. **Elements of Botany: structural, physiological, systematical, and medical**. London: Taylor and Walton, 1841. Disponível em: <http://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/29568#/summary>. Acesso em: 17/12/2014.

LINDLEY, John. **A Natural System of Botany**. London : Longman, Rees, Orme, Brown, and Green, 1830. Disponível em: <https://archive.org/details/introductiontona00lind>. Acesso em: 15/11/2014.

LOPES, Siméia de Nazaré. *As relações comerciais do Pará no início do século XIX*. ANAIS DA IV CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA ECONÔMICA E VI ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA. São Paulo: USP,

2012. Disponível em: <http://cihe.fflch.usp.br/sites/cihe.fflch.usp.br/files/Simeia%20de%20Nazare%20Lopes.pdf>.
Último acesso: 27/09/2014.

LOUDON, Claudius. **Encyclopaedia of plants**. London: Longmans; Green, 1866. Disponível em: <http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=ncs1.ark:/13960/t47p9h42b;view=1up;seq=7>. Acesso em: 01/12/2014.

MALTHUS, Thomas. **Essay on the Principle of Population**. London: J. Johnson, 1798. Disponível em: <http://www.esp.org/books/malthus/population/malthus.pdf>. Acesso em: 14/01/2015.

MELLO, Christiane F. P. de. *Amazônia Colonial: fronteiras e forças militares (segunda metade do século XVIII)*. ANAIS DO XVI ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RJ: SABRES E PRÁTICAS CIENTÍFICAS. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anaís/28/1399889278_ARQUIVO_TEXTO.pdf. Acesso em: 10/02/2015.

MOREIRA, Bruno Alessandro Gusmão. *Os relatos dos viajantes estrangeiros no Brasil oitocentista: possibilidades historiográficas*. In: CICLO DE ESTUDOS HISTÓRICOS, 20, 2009, Ilhéus. Anais. Ilhéus: UESC, 2009.

MOREIRA, Ildeu de Castro. *O escravo do naturalista*. **Ciência Hoje**. vol. 31. n. 134. pp. 40-47. Disponível em: <http://goo.gl/vaGRVM>. Acesso em: 10/05/2013.

_____. *Saber nativo*. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. 2007. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/saber-nativo>. Acesso em: 18/09/2014.

OKEN, Lorenz. **Elements of Physiophilosophy**. London: Ray Society, 1847. Disponível em: <http://archive.org/details/elementsphysiop00okengooq>. Acesso em: 03/03/2015.

OSBORN, Fairfield. **Our plundered planet**. Boston: Little & Brown, 1948. Disponível em: <http://chla.library.cornell.edu/cgi/t/text/text-idx?c=chla;idno=2932687>. Acesso em: 12/12/2014.

OWEN, Robert D. **A lecture on Consistency**. London: J. Watson, 1842. Disponível: <http://goo.gl/f7Jg3f>. Acesso em: 10/01/2015.

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888**. Ed 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

PRATT, Mary Louise. **Arts of the Contact Zone**. Nova York: Modern Language Association, 1991. Disponível em: http://writing.colostate.edu/files/classes/6500/file_ec147617-ade5-3d9c-c89ff0384aeca15b.pdf. Acesso em: 03/06/2014.

_____. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999.

PRESCOTT, William H. **The History of the Conquest of Mexico**. New York: Harper & Brothers, 1843. Disponível em: <http://pinkmonkey.com/dl/library1/mexico.pdf>. Acesso em: 22/02/2014.

PRICHARD, James C. **Researches into the Physical History of Mankind**. London: Sherwood, Gilbert & Piper, 1847. Disponível em: <https://archive.org/details/researchesintop07pricgoog>. Acesso em: 22/02/2015.

PROST, Antoine. *Social e Cultural indissociavelmente*. In: Rioux, Jean Pierre & Serinelli, Jean François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RABY, Peter. **Alfred Russel Wallace: A Life**. London: Chatto&Windus, 2001.

RICKLEFS, Robert E. **A economia da Natureza**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

RICCI, Magda. *Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840*. **Revista Tempo**. vol.11 Nº 22. Niterói, RJ: 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-77042007000100002&script=sci_arttext. Acesso em: 30/09/2014.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Campinas: Papirus, 1997.

ROBERTSON, William. **The History of America**. Edinburgh: W. Strahan [etc.] and J. Balfour, 1780. Disponível em: <https://archive.org/details/historyamericab00robegoog>. Acesso em: 21/01/2015.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SPENCER, Herbert. **First principles of a new system of Philosophy**. New York, D. Appleton and Co., 1864. Disponível em: <https://archive.org/details/firstprinciples01spengoog>. Acesso em: 15/04/2014.

STEPHENS, James F. **A manual of British Coleoptera**. London :Longman, Orme, Brown, Green and Longmans, 1839. Disponível em: <http://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/59227#/summary>. Acesso em: 30/01/2015.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WILSON, Edmund. **To the Finland Station: A study in the Writing and Acting of History**. Nova York: Doubleday & Company, 1940.

WORSTER, Donald. *Para fazer História Ambiental*. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, nº 8, 1991.

Sites Consultados

<http://people.wku.edu/charles.smith/index1.htm> (Charles Smith)

<http://darwin-online.org.uk/> (Darwin Online)

<http://www.nhm.ac.uk/> (Museu de História Natural de Londres)

<http://wallacefund.info/> (Wallace Fund)

<http://wallace-online.org/> (Wallace Online)

GLOSSÁRIO DE CLASSIFICAÇÃO BINOMINAL

Acanthocinus sp. (Olivier, 1795). Besouro do gênero *Acanthocinus*. p. 137.

Ageneiosus militaris. (Valenciennes, 1836). Também conhecido como peixe-gato pertence à família Auchenipteridae. Pode ser encontrado tanto no Brasil quanto na Argentina. p. 127.

Ara ararauna (Lineu, 1758). Conhecida como arara-canindé ou arara-de-barriga-amarela. Uma das mais famosas representantes do gênero *Ara*, que ocorre na América Central, Brasil, Bolívia e Paraguai. p. 97.

Atta cephalotes (Lineu, 1758). As famosas saúvas, da família dos formicídeos. Existem em quase toda a região tropical, e são uma das pragas agrícolas mais comuns no Brasil. p. 69.

Attalea funifera (Martius). Conhecida como piaçaba-da-bahia, é uma palmeira da família Arecaceae também utilizada para o aproveitamento de fibras. É importante não confundi-la com a *Leopoldinia piassaba*, outra espécie classificada por Wallace na Amazônia. pp. 125; 139.

Cephalopterus ornatus (Saint-Hilaire, 1809). Anambé-preto da Amazônia, conhecido como “umbrellabird”, por sua destacada plumagem em forma de guarda-chuva no alto da cabeça. São da família Cotingidae e gênero *Cephalopterus*. Até hoje uma das mais belas aves encontradas no Brasil, e cobiçadíssima por Wallace quando de sua subida até o alto Rio Negro. p. 108.

Chrysomela sp. Gênero de artrópode (invertebrado com exoesqueleto e apêndices articulados) pertencente à família Chrysomelidae, conhecida como “besouros de folha”. Conta com cerca de dez espécies. p. 46.

Carduus heterophyllum ou Cirsium heterophyllum. (Lineu; Hill, 1768). É uma espécie de fanerógama (plantas com estruturas de órgãos reprodutores facilmente visíveis) da família Asteraceae, nativa da Grã-Bretanha e Irlanda. p. 54.

Conurus carolinae (Lineu, 1758). Periquito-da-Carolina, da família Psittacidae e gênero *Conuropsis*. Wallace se refere a estes como os majestosos “papagaios imperiais” (*Amazona imperialis*), porém equivocadamente. p. 100.

Donacia. É um gênero de besouros pertencente à subfamília Donaciinae, cuja família é a Chrysomelidae (Cf.: item anterior). Quinze espécies compõe este *genus*. p. 46.

Erycinidae. É o codinome dado a família de borboletas taxonomicamente nomeada de Riodinidae, ou *metalmarks* (referindo-se à coloração levemente metálica normalmente encontrada em suas asas). pp. 79; 105.

Galbula ruficauda (Levaillant, 1801). Ariramba-de-cauda-ruiva, recebe inúmeras denominações ao redor do Brasil, dentre elas “fura-barreira”. Da ordem Galbuliforme e família Galbulidae. p. 79.

Heliconia. Conhecida como caeté ou babaneira-do-mato, as plantas desse gênero são as únicas da família Heliconiaceae. São altamente valorizadas no mercado decorativo, devido à beleza da disposição de suas flores, em formato de pêndulo. p. 79.

Lepidoptera. Uma das ordens de insetos mais diversificadas existente, abrange um grande grupo de borboletas, de traças (Portugal) e mariposas (Brasil). pp. 58, 76.

Leopoldinia piassaba (Wallace, 1850). Característica da Amazônia brasileira e

venezuelana, da família Arecaceae, essa palmeira é a fonte para a extração da piaçaba, largadamente comercializada no Brasil e no exterior. p. 126.

Leopoldinia pulchra (Martius). Palmeira amazônica da subfamília Arecoideae que ocorre no Brasil, Venezuela e Bolívia, especialmente em igapós e regiões alagadiças. p. 111.

Morphos. É um gênero de borboletas predominantemente azuis, classificadas na família Nymphalidae, que vivem nas florestas tropicais da América central e da América do Sul: Brasil, Costa Rica, Guiana e Venezuela, mas também no México. pp. 97; 126.

Oenothera. Gênero de plantas da família Onagraceae. Possui uma variedade incrível de espécies. p. 82.

Ornithoptera croesus (Wallace, 1859). Conhecida como a borboleta-asa-de-pássaro de Wallace, pertence ao grupo de espécies *Ornithoptera priamus* é endêmica da parte norte da ilha de Molucca na Indonésia e foi descoberta por Wallace em uma de suas expedições em 1859. p. 28.

Passifloráceas. Família de plantas florais, que inclui mais de quinhentas espécies. O nome está associado às suas flores, conhecidas como “flores-da-paixão”. p. 96.

Pithecia. Gênero de macacos do Novo Mundo, da família Pitheciidae e subfamília Pitheciinae. Ocorrem no Norte e Centro da América do Sul. p. 120.

Pithecia irrorata. Espécie de macaco pertence à família e ao gênero citados acima. p. 120.

Psophia viridis (Spix, 1825). A ave chamada de jacamim-preto por Wallace, é na verdade o jacamim-de-costas-verdes. Sua ordem é a Gruiforme e família Psophiidae. São exclusivamente encontrados na Amazônia brasileira. p. 97.

Rhamphastos toco. O tucano-toco ou tucanuçu, maior representante da família Ramphastidae. Uma das aves de maior apreço de Alfred Russel Wallace. p. 85.

Rupicola rupicola. (Lineu, 1766). Galo-da-serra amazônico. Ave passeriforme (gênero) da família Cotingidae. Geralmente encontrados em regiões montanhosas, daí seu nome vulgar, podem ocorrer nos extremos da Amazônia brasileira com outros países, tais como a Guiana, Venezuela ou Colômbia. Sua plumagem imponente e de cor atrativa tornou-a uma espécie bastante admirada e, portanto, caçada. Wallace dedica muito de seu trabalho no alto Rio Negro em busca desta ave. p. 121.

Scarabaeidae. Superfamília de besouros, possuindo cerca de 35 mil espécies. Os escaravelhos são exemplos de indivíduos pertencentes a essa família. p. 53.

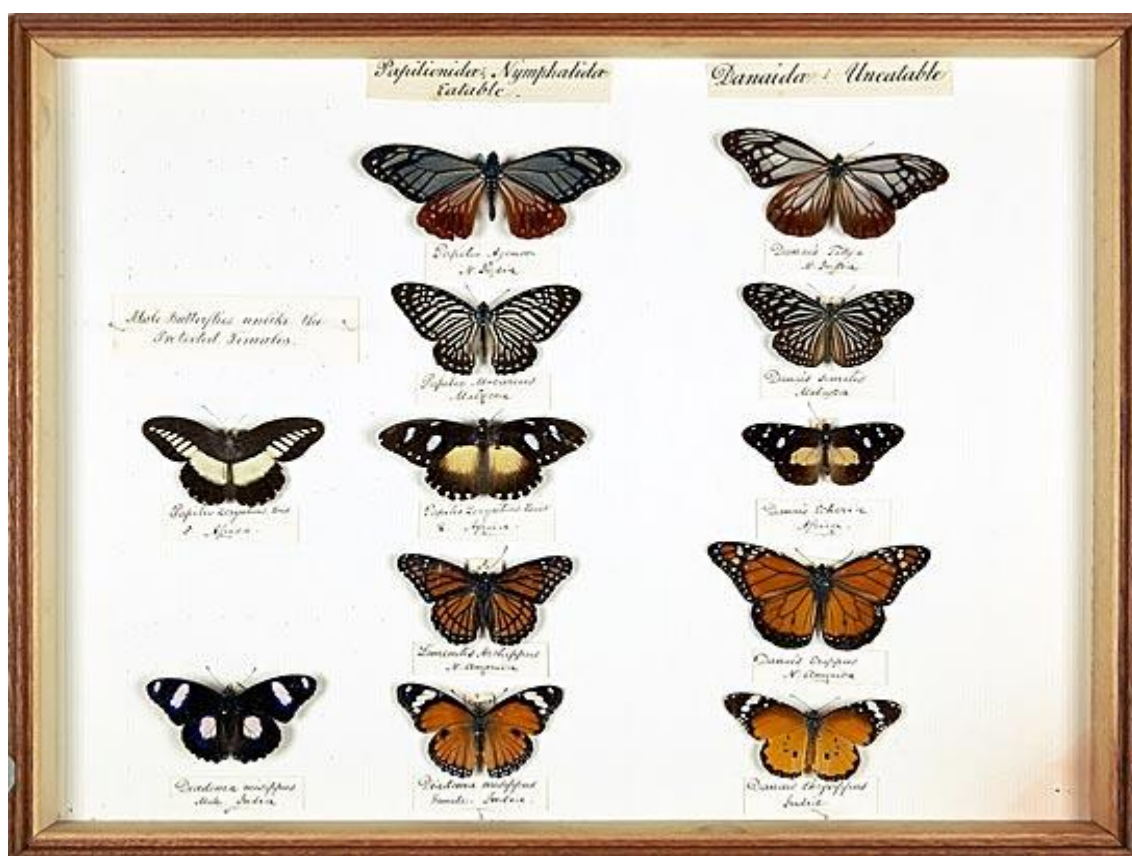
Trichius fasciatus (Lineu, 1758). Besouros pertencentes à família Scarabaeidae, com subfamília Cetoniinae. pp. 53; 54.

Tinamus. Gênero de aves da família Tinamidae. São geralmente encontradas no Brasil, e são popularmente chamadas de macuco ou macuca (referência ao tupi *ma'kuku*). Assemelham-se com uma pequena galinha. p. 97.

Victoria amazonica. (Poepp). Planta aquática da família Nymphaeaceae, endêmica e característica da região amazônica. p. 104.

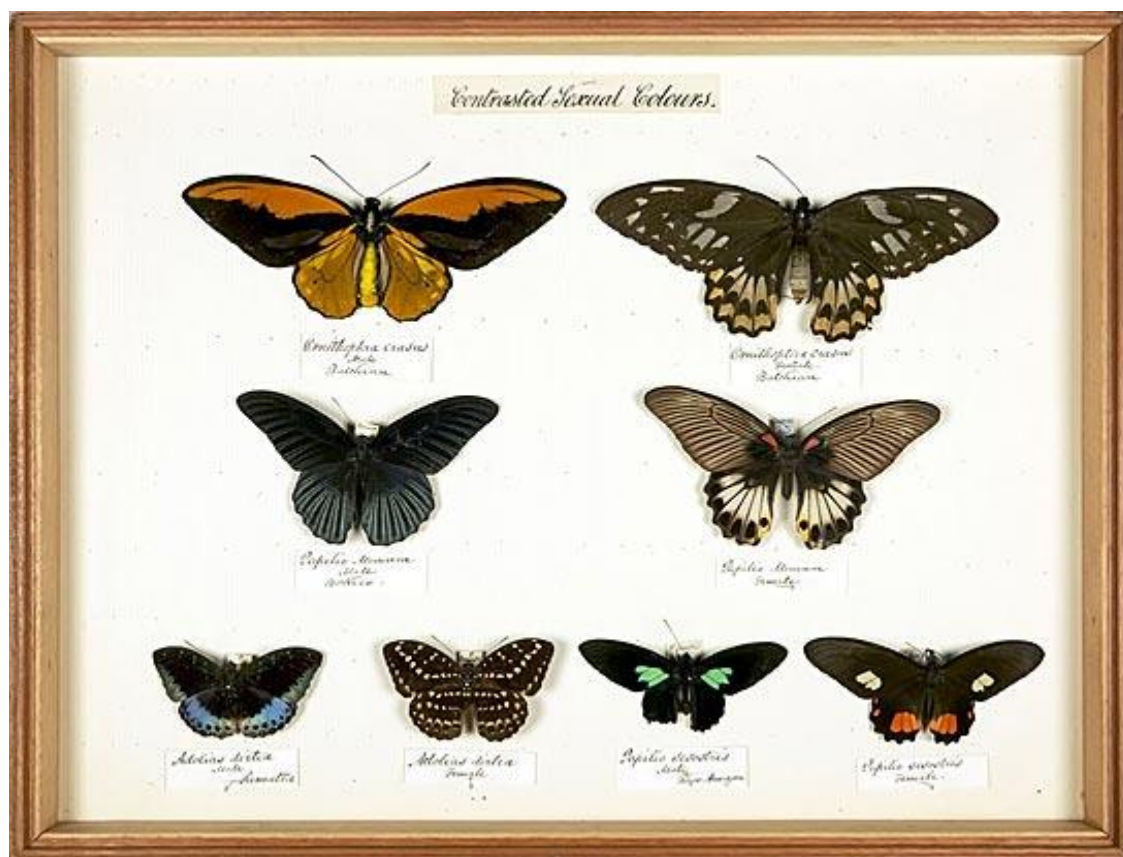
ANEXOS

ANEXO 1



Fonte: Natural History Museum Online Collection. Gaveta 19 da coleção entomológica pessoal de Wallace. Nela estão contidas algumas das mais raras espécies de borboletas, coletadas por ele e Bates no Pará e na província do Amazonas-Rio Negro. As espécies nela contidas servem para ilustrar o chamado “Mimetismo Batesiano”, termo que se refere à teoria desenvolvida por Bates a partir das variações de cor entre as borboletas do vale amazônico. Juntamente com Wallace, ele percebeu que borboletas com imensa semelhança quanto à cor das asas, bem como suas respectivas marcas, eram distintamente atrativas para os predadores. Analisando-as, Bates entendeu que espécies de borboletas com sabor atrativo e, portanto, presas fáceis, evoluíram para adquirir a coloração de outras espécies que não chamavam a atenção do predador, devido principalmente às toxinas que produz para tornar sua degustação desagradável. Wallace, da mesma forma, contribuiu para o desenvolvimento desta teoria, propondo a existência de “cores de advertência”, tanto em plantas quanto em insetos, como estratégia de proteção e luta pela sobrevivência. Seus primeiros resultados foram expostos em uma carta para Charles Darwin, datada de fevereiro de 1867.

ANEXO 2



Fonte: Natural History Museum Online Collection. Gaveta 19 da coleção entomológica pessoal de Wallace. Esta é mais uma prancheta mista, com espécies tanto da América do Sul quanto da Ásia. Está preservada tal qual foi produzida e estudada pelo naturalista. As espécies contidas serviram como suporte para um dos pontos de maior discordância entre as respectivas teorias da seleção natural de Wallace e Darwin. Ao contrário deste, o galês acreditava que as diferenças mórnicas entre machos e fêmeas da mesma espécie, manifestas nos ornamentos de caráter sexual, eram frutos da própria seleção natural, e não de uma escolha das fêmeas. Ora, os machos desenvolveriam estas diferenças visuais, portanto, com vistas à preservação de seus caracteres hereditários, no contexto geral da seleção natural, e não como mecanismo de atração sexual em si.

ANEXO 3



Fonte: Natural History Museum Online Collection. Gaveta 29. .Na fotografia um exemplo da outra parte da coleção, composta por peles e penas de animais diversos. Neste caso temos a pele de um marsupial asiático, em duas peças, e as asas e rabo de um papagaio amazônico. A origem deste é imprecisa, e há especulações de que seja da única ave que Wallace conseguiu salvar do incêndio no Helen.

ANEXO 4



Fonte: University Museum of Zoology Cambridge. *Araçari* (*Pteroglossus sp.*). Ave coletada por Wallace em sua excursão pelo Rio Campim em 1849.

ANEXO 5



Fonte: University Museum of Zoology Cambridge. Mais conhecida por Saíra-beija-flor ou Saíra-de-perna-amarela (*Cyanerpes sp.*). Esta ave foi capturada por Wallace no baixo Rio Negro por volta de 1851.

ANEXO 6



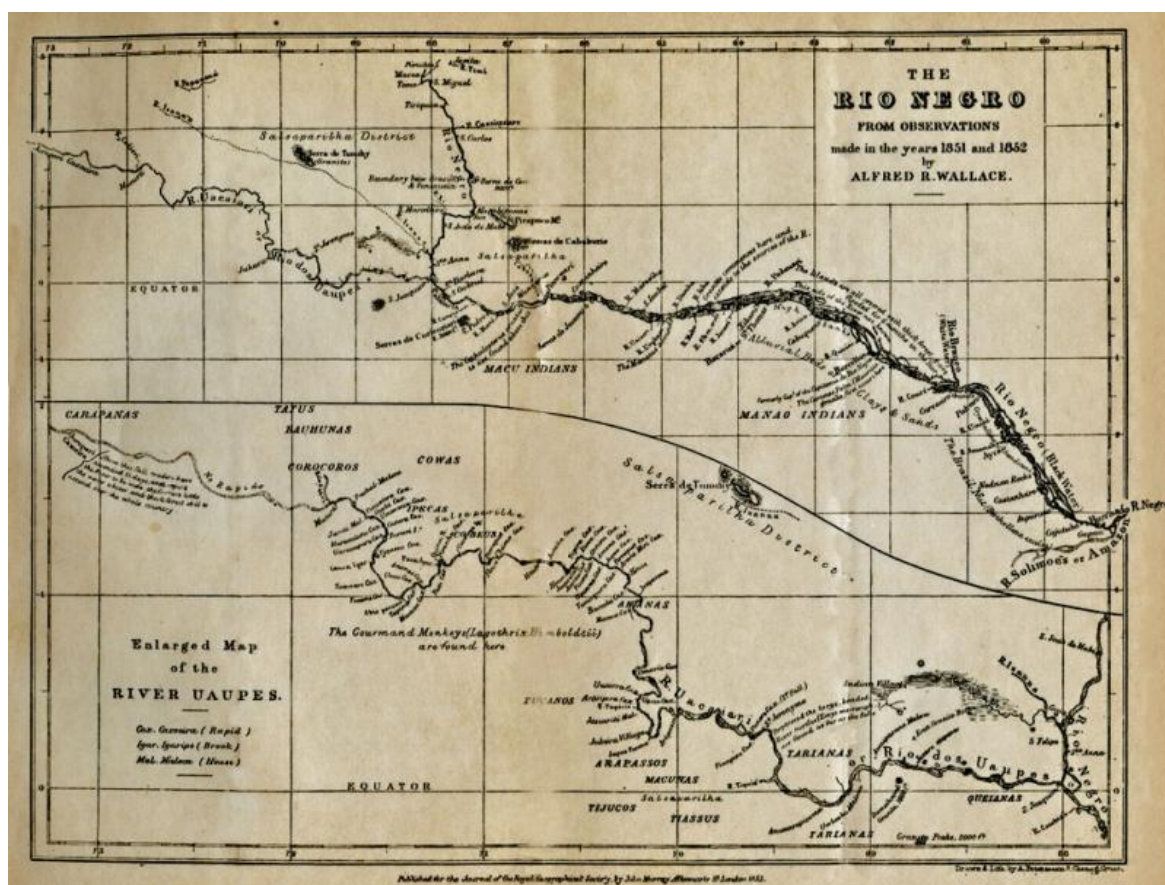
Fonte: Natural History Museum. *Leopoldinia piassaba* e *Mauritia carana*. Duas espécies de palmeiras do Pará descritas e desenhadas pela primeira vez por Wallace. Juntamente com a *Leopoldinia major* e a *Euterpe catinga*, coletadas no vale do Rio Negro, estas constituem as espécies que foram nomeadas por ele.

ANEXO 7



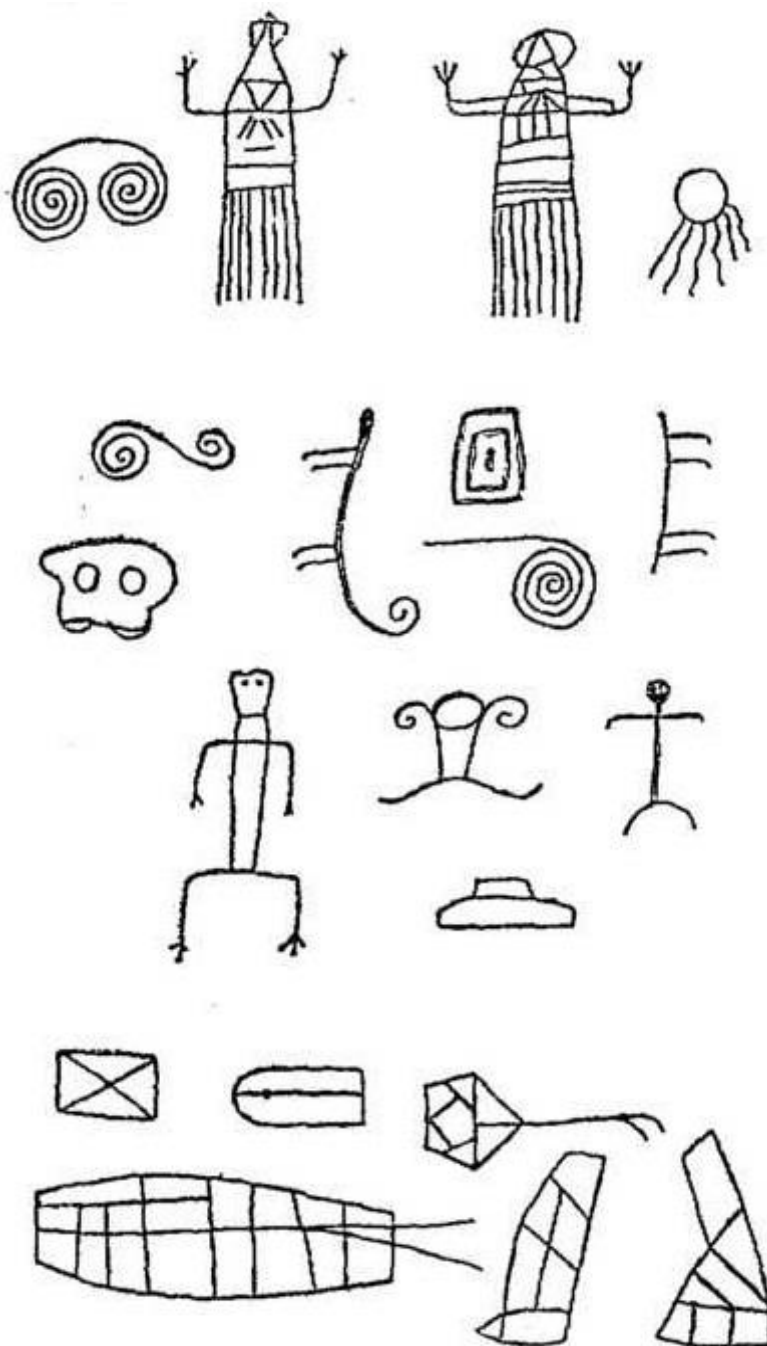
Fonte: Knapp et al (2002). Pesquisadores do Museu de História Natural de Londres, dentre eles a botânica Sandra Knapp (direita superior), analisam as amostras originais de palmeiras amazônicas coletadas por Wallace e que antes pertenciam ao acervo da Linean Society.

ANEXO 8



Fonte: Alfred Russel Wallace Online. Mapa do Rio Negro e seus tributários produzido por Wallace. Este mapa permaneceu por muito tempo como uma das únicas representações gráficas da parte mais alta do vale amazônico. Acesso em: 16/11/2014.

ANEXO 10



Fonte: WALLACE, 1979, p. 316. Inscrições rupestres do alto Uaupés.